



COMÉRCIO EXTERIOR

Paraíba desenvolve projeto para implantar porto seco em Caaporã

Edital para contratar empresa administradora deve sair até o primeiro semestre de 2023. **Páginas 17 e 18**

Foto: Acervo/Cia. Docas



Local pode armazenar mercadorias advindas do Porto de Cabedelo (foto) ou de Suape (PE), proporcionando os mesmos benefícios alfandegários



Foto: Evandro Pereira

Indústria tem maior saldo de empregos dos últimos 25 anos

Secretário Rômulo Polari fala sobre o desempenho da economia do Estado e revela que, em 2021, indústria paraibana teve o 2º maior crescimento do Nordeste.

Página 4

Equipe da UFPB descobre mais um sítio arqueológico

Descoberta ocorreu no Sítio Tanques, zona rural de Frei Martinho, com gravuras que pesquisadores calculam que possam ter cinco mil anos.

Página 20

Forte Velho: mitos e verdades sobre a primeira fortificação da PB

Com 438 anos de existência, especialistas rebatem a informação de que antiga comunidade ribeirinha em Santa Rita foi a primeira povoação do estado.

Página 25

Matinhas entra, a partir de amanhã, na rota do 'Caminhos do Frio'

Foto: Divulgação/Prefeitura de Matinhas



Terra da laranja e com atrativos turísticos como a Cachoeira do Pinga (foto), município tem programação até o próximo domingo.

Página 7

■ “Arthur Schopenhauer afirmava que a ‘salvação para o ser humano’ está no fazer o bem, porque deve-se ser bom com todos”.

Klebber Maux Dias

Página 10

Foto: Acervo pessoal



■ “Com uma mensagem de ‘lutar por aquilo em que se acredita’ e um teor político forte, ‘A vida de David Gale’ é um filme completo e individual”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

Montagens teatrais que nunca subiram ao palco

Dramaturgos, como W.J. Solha (foto), Tarcísio Pereira e Fernando Teixeira, falam sobre textos que nunca conseguiram montar.

Página 9



Foto: Branco Lucena/Arquivo A União

Jumento está ameaçado de extinção no Brasil

Abate dos animais, entre 2019 e 2021, teve crescimento de 200%, colocando os ambientalistas em alerta.

Página 5



Ilustração: Tônio

Xadrez: mais que um jogo, é esporte, ciência e arte

Considerado o esporte mais antigo do mundo, só foi reconhecido como tal pelo Comitê Olímpico em 1999, e ainda não entrou nos Jogos Olímpicos.

Página 21

Editorial

À moda brasileira

Ainda é comum encontrar pessoas - moradoras de diferentes regiões do Brasil e de faixa etária, formação cultural e situação econômica distintas - que felicitam o nosso país pelo fato de “não haver guerras por aqui”. Citam, como exemplos contrários “à paz brasileira”, os casos de Síria, Iêmen, Líbia, Turquia e República Centro-Africana, que estão em guerra com outras nações ou enfrentam conflitos armados internos.

O Brasil realmente difere bastante de países como o Afeganistão – que padece dos males causados pelo Talibã – e a Índia – em permanente conflito bélico com o Paquistão, na região da Caxemira -, mas nunca houve trégua, de fato, no que diz respeito à guerra social. Os campos de batalha do Brasil são as ruas e as comunidades formadas por uma maioria de pessoas em situação de pobreza, a exemplo dos morros cariocas.

As vítimas da guerra brasileira são geradas, principalmente, pelas desigualdades sociais e a intolerância – no trânsito, por exemplo, morrem pessoas, diariamente, seja por acidentes, seja por brigas entre motoristas, muitas vezes por motivos banais, facilmente contornáveis, caso os espíritos também estivessem desarmados. Membros das diversas facções do narcotráfico também matam - e morrem - muito.

Quem não conhece bem o Brasil e caminha pelas praças, ruas e avenidas das grandes cidades do país, observando o cenário social urbano com atenção, imagina que aquelas áreas foram palcos recentes de batalhas, tal a quantidade de pessoas deitadas pelas ruas, em leitos improvisados com embalagens de papelão, tremendo de frio ou enroladas em cobertores rotos, quase todas aparentando estar gravemente feridas.

Fala-se mal de vários países, e muitos dão motivos para queixas, mas não se pode olhar os outros, criticamente, e esquecer de si mesmo. Quantas pessoas morrem ou ficam traumatizadas, por ano, no Brasil, apenas por serem negras, mulher, LGBT ou, simplesmente, ter baixo poder aquisitivo? Quem são os protagonistas-agressores das cenas de violência que transformam o noticiário nacional em uma espécie de filme de terror?

O Brasil precisa acabar urgentemente com suas guerras. Eliminar por completo ou pelo menos diminuir ao máximo as variadas formas de violência. Instituir uma cultura da paz. A solidariedade prevalecendo na coexistência social. Mas não haverá trégua se a opção for pelas armas, pelo preconceito, pela intolerância, pela mentira, pela injustiça. O Brasil precisa mudar, radicalmente, caso queira atingir o nível de serenidade almejado.

Artigo

O Universo deslumbrante

Ando impressionado com o registro fotográfico que o telescópio espacial James Webb tem feito dos rincões mais distantes do Universo. São de uma beleza intolerável de tão fascinantes em cores, brilho e profundidade. Que nitidez!

O Cosmo sempre me despertou curiosidade, embora nunca tenha tentado estudá-lo, conhecer-lhe as constelações, as galáxias, as estrelas, os cometas, enfim, seus astros em detalhes.

A prisão em busca do conhecimento terreno para sobreviver não me deixou tempo para buscar a compreensão necessária de forma racional. Sempre foi um olhar de prazer sentindo a sensação do curtir, sem teses ou explicações, convincentes ou não.

Nunca tive sequer uma luneta para apontá-la para a Lua em esplendor como, nos últimos dias, em que ela se mostra como a maior prevista para o ano pelos pesquisadores.

Sei que o conhecimento já é vasto, os astrônomos como o alemão Johannes Kepler vêm construindo teorias, criando conceitos e equações há séculos explicando órbitas, calculando massas, energia e tantas outras variantes que vão sedimentando o conhecimento que levou o homem à Lua e suas engenhocas a Marte.

É desafiador saber que há artefatos como a Voyager, do programa americano de pesquisa espacial da Nasa iniciado em 1977, com o lançamento de duas missões, a Voyager 1 e Voyager 2, com o objetivo inicial de estudar os planetas Júpiter e Saturno e suas respectivas luas. Depois de 45 anos de trabalho, as sondas estão sendo desligadas, após tornarem-se os objetos criados pelo homem mais distantes da Terra.

Instrumentos estão sendo desligados para que as sondas continuem firmes até 2030, embora a Nasa esteja abrindo mão de registros do mais profundo Universo, onde até a imaginação não tem ideia do que narrar, apesar de toda ciência acumulada, das crenças e dos textos sagrados. Na verdade, não sabemos nada ou estamos atrasadíssimos em relação ao passo que o balé dos astros se move num equilíbrio perfeito entre forças que ora os afastam, ora os atraem, mas sem nunca permitir o choque ou a distância sem volta.

O que esperar dessa aventura huma-

na só a mais pura ficção pode dar uma indicação. Ainda não podemos, sequer, formular perguntas novas diante do imenso campo ainda inexplorado, há instrumentos por fabricar e dúvidas que a Física e a Matemática ainda procuram esclarecer.

Nos resta sonhar... Ir à procura de nós mesmos em cada recanto ainda selvagem nos astros, que apenas nomeamos com letras e números, organizados em diferentes classificações de acordo com suas características e tamanho. Afinal, nem para o que não conhece o homem se livra da tentação de padronizar algo.

Não dá nem para especular o quanto essa viagem em busca, quem sabe, de um lugar para morar vai durar. Se elas continuarão ou se os recursos para bancá-la vão escassear ou serão desviados para tentar salvar a Terra dessa marcha, que parece inexorável para o fim com tantas agressões ao meio ambiente e a destruição de todas as fontes que precisamos para continuar vivendo.

Espero que cheguemos a algum lugar e possamos responder às velhas perguntas que nos movem em busca de vida fora daqui ou de condições para viver dignamente, respirando livremente irmanados na construção de uma humanidade sem guerras, sem fome.

Às vezes, apesar de todo o otimismo, sou contagiado por uma certeza: nunca teremos a resposta.

“

Astrônomos como o alemão Johannes Kepler vêm construindo teorias, criando conceitos e equações há séculos

Luiz Carlos Sousa

Opinão

Foto Legenda



Um na lei, outro no risco!

Artigo

“Amanhã”

Ainda vivíamos o período sombrio da ditadura militar, quando Guilherme Arantes compôs “Amanhã” (1977). É uma canção de esperança nos dias melhores que viriam, apesar dos pesares. Uma proclamação de otimismo no futuro, embora o momento fosse de apreensão e incertezas.

“Amanhã!/Será um lindo dia /Da mais louca alegria/Que se possa imaginar”.

Era o sonho de todo brasileiro, ver o amanhã cheio de alegria; sair daquele estado de medo, opressão, falta de liberdade, em que estávamos mergulhados. “Será um lindo dia”, um futuro em que ele acreditava ser completo de tranquilidade, alegria, independência. Tudo o que pudesse imaginar como motivo de contentamento era idealizado.

Procurava injetar ânimo, coragem, entusiasmo, para a construção do “amanhã”. Essa força haveria de vingar, redobrada, com todo ímpeto de destemor, para enfrentar os perigos, as ameaças, as pressões, que a ditadura estava impondo à nossa gente.

A confiança de que os mistérios desapareceriam, os segredos de interesse do governo de força, ora instalado no país, seriam desvendados. Um novo sol voltaria a brilhar em nossa terra, claro, transparente, sem enganações ou falsas propagandas.

Acreditava que não haveria força que impedisse essa “luminosidade” que estava por vir. O subjugo do poder e da violência estaria por se findar. Não poderia mais continuar prevalecendo a força de uma minoria, em detrimento dos desejos de todo um povo.

Carregava nos versos de sua canção toda a crença em dias melhores. Alimentava a expectativa de que a “esperança, por menor que parecesse”, seria regada, e cresceria junto com a disposição de promover a conquista da liberdade, a volta da democracia.

Estimulava que ninguém deveria se abater com as dificuldades que nos eram estabelecidas; que não deveriam se intimidar com as bravatas do governo; que não deveriam se acovardar diante dos abusos de autoridade e da tirania. Porque só assim o caminho que queríamos percorrer livremente seria construído.

EDIÇÃO: Luiz Carlos
EDITORACÃO: Joaquim Ideão

Evandro Pereira

“

Um novo sol voltaria a brilhar em nossa terra

Rui Leitão

Manifestava a certeza de que a energia de uma maioria haveria de vencer as arbitrariedades de uns poucos. A pujança entusiasmada dos que queriam ver um “novo dia raiar”, fortaleceria a luta contra os poderosos de plantão.

O clima de odiosidade, de perseguições, de torturas, de sanha, estaria próximo de ter seu fim. E assim não viveríamos mais o ambiente carregado de medo, esse clima de pavor, esse estágio de intranquilidade. Alcançaríamos um tempo de paz, de congraçamento fraterno entre todos os brasileiros, de respeito aos direitos humanos, de justiça social, de entusiasmado sentimento de amor à pátria.

A letra dessa canção voltou a ser atual. A interpretação de cada verso injeta ânimo para o enfrentamento dos que insistem em matar a democracia em nosso país. Como diz Chico Buarque: “Esse silêncio todo me atordo, e atordado eu permaneço atento”. “Sonhar um sonho impossível... Lutar, onde é fácil ceder... Vencer o inimigo invencível... Negar quando a regra é vender... Romper a incabível prisão... Voar, no limite improvável... Tocar o inacessível chão”. Guilherme Arantes e Chico Buarque nos fazem acreditar que é importante lutar e que a tempestade momentânea pode se tornar um vento arejante, desde que estejamos dispostos a enfrentá-lo. Ainda que pareçamos inertes, permaneçamos atentos, porque “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chef, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762



Rômulo Polari Filho

Secretário de Turismo da PB e presidente da Cinep

“Saldo de empregos na indústria foi o maior em 25 anos”

Em 2021, foram gerados mais de 177 mil postos formais, um crescimento de 8,39% em relação ao ano anterior

José Alves
zavieira2@gmail.com

Já são três os projetos de empreendimentos do Polo Turístico do Cabo Branco aprovados, licenciados e que terão suas construções iniciadas no início do segundo semestre deste ano. A informação é do diretor-presidente da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep) e secretário de Turismo e Desenvolvimento Econômico do Estado, Rômulo Soares Polari Filho, durante entrevista exclusiva ao Jornal **A União**. Ao todo, serão 35 empreendimentos. Ao longo dos últimos três anos o Governo do Estado atraiu diversas novas indústrias e empresas que investiram mais de R\$ 700 milhões e geraram mais de oito mil empregos na Paraíba. No ano de 2021, ele informou que o setor industrial da Paraíba cresceu e ficou em segundo lugar no Nordeste. Para 2022 a previsão é que o Produto Interno Bruto do Estado (PIB), seja de 2,8%, o quarto melhor da região Nordeste.

No setor industrial paraibano, foram gerados 27.341 empregos formais em 2021, perfazendo um estoque de pouco mais de 80 mil, o que representa 18% do total de empregos formais do Estado em 2021.

“Já no que se refere ao saldo, quando falamos especificamente sobre a indústria, a Paraíba deu um salto de 2020 para 2021 de 578%”, destacou Polari.

Rômulo disse também que, para este ano, a Cinep está com uma pegada forte visando o incremento do turismo, que é um dos movimentos estratégicos do desenvolvimento do estado. “A meta é ultrapassar os demais estados do Nordeste no quesito turismo propriamente dito. A Cinep é o órgão que pensa todos os setores econômicos no que diz respeito à gestão industrial. Ao longo do estado há aproximadamente 30 Distritos Industriais e todas as indústrias que chegam à Paraíba são recepcionadas por nós que explicamos as regras e a melhor localidade de instalação para cada uma delas”.

A Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico do Estado que é comandada por Polari Filho, também é responsável pelo desempenho do Centro de Convenções, Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Programa do Artesanato da Paraíba (PAP), Instituto de Metrologia e Qualidade Industrial da Paraíba (Imeq-PB), Junta Comercial do Estado da Paraíba (Jucep) e o Empreender PB que é um programa do Governo do Estado destinado a apoiar os empreendedores da Paraíba, disponibilizando financiamento de crédito.

Rômulo Polari Filho é natural de João Pessoa, engenheiro civil, consultor técnico da Unesco/Funasa/PB, analista de infraestrutura do Ministério da Integração Nacional (Projeto “Transposição do Rio São Francisco”), analista judiciário e atualmente diretor-presidente da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba e secretário de Estado de Turismo e Desenvolvimento Econômico. Ele também faz consultoria e auditoria de contratos de obras e serviços de engenharia relacionados às obras públicas e foi professor das disciplinas Orçamento, Gestão e Planejamento de Obras nos cursos de Engenharia Civil e Arquitetura (Unifacs/Unipe).

Polari também foi professor das disciplinas de Planejamento, Execução e Controle em Obras Civis: Senai/Fiepi; Orçamento BIM 5D: Master BIM - Ferramentas de Gestão e Projeto – IPOG, Orçamento de obras: Gestão e Desempenho de Edificações – Unipe, Licitação de obras públicas – Ibec (Instituto Brasileiro de Engenharia de Custos). Ele ministra cursos nas áreas de licitação e contratos de obras públicas, orçamento e planejamento de obras e orçamentação com utilização de ferramentas BIM (orçamento BIM 5D).

A entrevista

■ *Que indústrias estão sendo instaladas na Paraíba este ano?*

Recentemente trouxemos uma empresa da Islândia que já está em construção no município de Lucena. Trata-se de um estaleiro com capacidade de fabricar embarcações para uso comercial, esporte, lazer e especializadas, além de peças e acessórios de até 25 metros. A localização foi estratégica para a exportação pela proximidade com Cabedelo. O estaleiro contará com investimento total de R\$ 21,9 milhões e a expectativa é de que sejam gerados 252 empregos (diretos e indiretos) durante a implantação e

cerca de 600 quando estiver em operação. A previsão é de que o estaleiro produza 29 embarcações por ano, que serão destinadas a transporte de passageiros, pesca, apoio marítimo e portuário de esporte e lazer para usos especiais, como barcos para pesquisa oceanográfica.

■ *O município de Santa Rita ganhou mesmo uma unidade da maior companhia do setor moveleiro da América Latina. Teremos um polo moveleiro?*

Sim, em Santa Rita foi instalada no ano passado uma das fábricas do grupo K1, maior companhia do setor moveleiro na

América Latina, representante da Kappesberg. Para a instalação da unidade, o grupo investiu no município R\$ 160 milhões, gerando 500 empregos diretos e outros mil indiretos. Com 100 mil m², o projeto tornou a Paraíba referência nacional e internacional na fabricação de móveis. Com essa instalação em Santa Rita a Paraíba criou o Polo Moveleiro da região com uma área destinada a todos os fabricantes de móveis da Paraíba que será um ponto de venda de móveis para todo o Nordeste em parceria com o Senai, UFPB e IFPB. O grupo K1 está presente em 47 países e tem mais de 30 mil pontos de vendas.

■ *Então a Paraíba vai ter dois polos turísticos?*

Sim, além do Polo Moveleiro, também vamos contar com o Polo Turístico que vai começar a ser construído a partir do mês de agosto. Trata-se de um projeto do Governo da Paraíba que destina ao todo 35 lotes para o desenvolvimento do maior complexo turístico planejado do Nordeste. Localizado em uma área de 654 hectares, em uma região privilegiada da capital Paraíba, dentro da área urbana e próximo a diversos pontos turísticos. O complexo contará com resorts, parque aquático, animação e equipamentos de comércio e serviços. Ambientalmente sustentável, o Polo Turístico está situado entre o mar do Litoral Sul paraibano e o verde da Mata Atlântica, sendo abraçado pelo Parque das Trilhas, a maior reserva ambiental de Mata Atlântica nativa, inserida na ma-



■ *Segundo Polari, uma empresa da Islândia está em construção no município de Lucena. Trata-se de um estaleiro*

■ *O Polo Turístico começará a ser construído em agosto. É um projeto que destina, ao todo, 35 lotes para o desenvolvimento do maior complexo turístico planejado do Nordeste*

lha urbana, do Brasil, composto por mais de 575 hectares. No local também serão instalados os batalhões da Polícia Ambiental e Turística e uma unidade de conservação do parque. Atualmente o projeto já conta com o Centro de Convenções, reconhecido e premiado nacionalmente. O equipamento possui mais de 48 mil m² de área construída e capacidade para receber 20 mil pessoas, simultaneamente, em seus quatro prédios principais, dentre os quais se destaca o Teatro Pedra do Reino, um dos mais modernos teatros do Brasil, com capacidade para três mil expectadores. Em outubro de 2020, o Governo do Estado da Paraíba assinou os contratos para a instalação dos três primeiros empreendimentos do Polo Turístico Cabo Branco. São eles: Surf World Park, Ocean Palace Eco Beach Resort e Amado Bio & SPA Hotel.

■ *Desde quando o senhor comanda a Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico do Estado?*

Esse convite foi feito a mim pelo Governo do Estado há sete meses. Ao longo desse tempo, venho realizando junto com a equipe uma série de ações, tanto na Setde, como também na Cinep, onde estou gestor há três anos e meio. Dentre os principais projetos está o de implantar o Polo Turístico Cabo Branco, divulgar os destinos turísticos da Paraíba presentes do Litoral ao Sertão e continuar o trabalho de concessão de incentivos para indústrias que desejam se instalar. Também é meta da pasta ampliar, revitalizar ou relocar suas empresas, como também continuar gerenciando os distritos industriais presentes em 32 áreas do estado.

■ *Como o senhor lida com esse trabalho na prática?*

Para cumprir as missões da pasta, criamos um departamento de atração de investimentos, que junto profissionais qualificados e a sinergia com as demais secretarias do estado, trazendo excelentes resultados para a Paraíba. A Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico, que tem como atribuição implementar políticas públicas voltadas ao desenvolvimento do turismo, indústria, comércio, comércio exterior, serviços e mineração é formada por oito órgãos:

Empresa Paraibana de Turismo (PBTur); Junta Comercial do Estado da Paraíba (Jucep); Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep); Loteria do Estado da Paraíba (Lotep-PB); Instituto de Metrologia e Qualidade Industrial da Paraíba (Imeq-PB); e o Empreender Paraíba. Além desses órgãos, estão ligados à Setde o Centro de Convenções de João Pessoa, o Programa de Artesanato Paraibano, Casa do Artista Popular, a Casa do Artesão Paraibano, o Mercado de Artesanato da Paraíba e o Centro de Artesanato de Tambaú.

■ *Quais dados o senhor poderia destacar e o que foi feito para que tivéssemos essa crescente?*

Em 2021 foram gerados no Estado da Paraíba 177.533 empregos formais, o que gerou 434.364 de estoque e saldo de 33.632, resultando um incremento de 8,39%, quando comparado ao estoque de 2020. Quanto ao saldo, a Paraíba teve um grande crescimento. Foi o maior dos últimos 25 anos. Em 2015, 2016 e 2017, por exemplo, tivemos saldos negativos de até -15 mil e em 2021 a nossa realidade foi de mais de 33 mil. Com isso, fomos o segundo colocado do Nordeste, perdendo apenas para o Maranhão. A fonte para esses números é do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

■ *Falando de números, especificamente no setor industrial, área em que a Cinep contribui atraindo empresas, houve crescimento?*

Sim, tivemos. No tocante à indústria foram gerados 27.341 empregos formais em 2021, perfazendo um estoque de pouco mais de 80 mil, o que representa 18% do total de empregos formais do Estado em 2021. Já no que se refere ao saldo, quando falamos especificamente sobre a indústria, a Paraíba deu um salto de 2020 para 2021 de 578%. Se olharmos os dados dos últimos cinco anos o nosso estado tem números negativos, como em 2017 que o saldo de empregos era de -2.730, o que evidenciou uma significativa inversão na tendência anteriormente detectada.

■ *Quanto ao Produto Interno Bruto (PIB) industrial, qual foi o percentual da Paraíba e sua posição a nível regional e nacional?*

Esta é uma outra forma de atestar a significativa melhoria na performance da indústria no Estado da Paraíba através do seu PIB. No Produto Interno Bruto industrial tivemos uma taxa de crescimento de 6,2%, ficando em segundo lugar no Nordeste e 12º no Brasil. A Paraíba ficou à frente de estados como Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Continuação da página 3

Essa taxa de crescimento correspondeu a quase três vezes a média do Nordeste (2,3%), ficando acima, ainda, da média nacional (4,5%), conforme dados publicados pela MB Associados Análise Macroeconômica – 4E Consultoria (Relatório Regional - Desempenho 2021 e Cenário Prospectivo).

■ Qual a previsão do PIB para 2022, a Paraíba se destaca também?

Ainda conforme o aludido estudo, a previsão é que a Paraíba cresça 2,8%. Apenas sete estados irão crescer a valores iguais ou superiores a este. O que registra a pujança do que se está em desenvolvimento aqui. Embora o crescimento seja menor se comparado a 2021, mas ainda continua sendo expressivo porque o restante do país crescerá menos do que isso: Brasil 0,6% (segundo a referida consultoria, e 1,8%, conforme o Ipea), Nordeste 2,2% e Sudeste por exemplo não irá crescer, tendo uma previsão de -0,1%.

■ Falando sobre novos empreendimentos atraídos para a Paraíba nos últimos três anos, tivemos grandes projetos? Quais cidades contempladas, e quais os investimentos e empregos gerados?

Para atrair empresas para o nosso estado cumprimos uma série de etapas, muitas delas que demoram um certo tempo, visto que investidores pesquisam e maturam bem suas ideias antes de tomarem suas decisões. Mesmo assim, ao longo de três anos atraímos uma série de empresas, a exemplo da Suconor, Balfar Solar; os centros de distribuição da Colgate, Magazine Luiza e Whrilpool para Alhandra; a Cavallo Marinho, o grupo Capri e a Minaspol para o município de Conde; o grupo K1 para Santa Rita; o Estaleiro Brisen para Lucena; Bartofil Distribuidora para Campina Grande; e Alumasa para os municípios de Ingá e Caaporã. Quanto aos investimentos feitos por essas empresas, contamos com mais de R\$ 700 milhões, quase oito mil empregos diretos. Isso sem contar com os empreendimentos atraídos para o Polo Turístico Cabo Branco, que conta com R\$ 1 bilhão de investimento e mais de 7 mil empregos no período de construção e quase 10 mil quando os equipamentos estiverem operando. Isso apenas para a primeira etapa. Se colocarmos no cômputo os empreendimentos de energias renováveis, esses números ultrapassam R\$ 8 bilhões de investimentos e que vem modificando a realidade econômica da região de Santa Luzia e adjacências.

■ De que forma a Cinep atua para prospectar essas empresas?

A Cinep conta com uma equipe especializada em atração de investimentos e relações internacionais e vem atuando através da divulgação das oportunidades da Paraíba, elaboração, disseminação de informações e dados técnicos setoriais. O processo de atração de investimentos é extenso e demanda de conhecimentos específicos sobre a realidade de cada segmento no Estado. Isso incentiva que as equipes dominem bem a realidade do desenvolvimento paraibano e também a organização das cadeias produtivas locais. Quando pensamos atração de investimentos vinculada aos objetivos de desenvolvimento regional buscamos, prioritariamente, a complementariedade do que intencionalmente buscamos prospectar para dar densidade econômica e uma estrutura produtiva sustentável de modo a fortalecer também a indústria local.

■ Regionalmente falando, existem diretrizes elencadas pela Sudene e quais são as áreas com maior probabilidade de se desenvolver o Nordeste, como a biotecnologia, as energias renováveis, o turismo e a bioeconomia?

O grande desafio é elencar as prioridades da Paraíba e concretizar os projetos já iniciados, por isso divulgamos nacional e internacionalmente o Polo Turístico Cabo Branco e as potencialidades da Paraíba em energias renováveis, eixo considerado estratégico para o Estado, que é tendência global, nacional e regional. Essa área é de altíssima tecnologia e com players globais já implantados no Estado (Brasil, Espanha,



Foto: Evandro Pereira

O Polo Moveleiro surgiu para atender às demandas do arranjo produtivo de móveis da capital

■ A previsão é de que o PIB da Paraíba cresça 2,8% neste ano. Segundo o secretário estadual, apenas sete estados irão crescer a valores iguais ou superiores

França, Portugal, China, EUA). Além disso, são sustentavelmente do ponto de vista ambiental. Ajudam a formar a mão de obra do nosso Estado em uma área especializada, com tecnologia de ponta, e, como dito, que é tendência global, contribui de forma sustentável na resolução da matriz elétrica do Brasil, que tem dependência predominantemente de fontes hidroelétricas e que vem passando por problemas, aumentando também a conta de energia para o setor produtivo e para os cidadãos do nosso país.

■ Entre 2020 e 2023 haverá um incremento na capacidade instalada de mais de 1.500%, no que diz respeito aos empreendimentos de energia solar, e 036%, quando se fala em energia eólica. Confere?

Esses são números bem expressivos e que não param de crescer. Sobre tudo a partir da conclusão da grande linha de transmissão elétrica que cortará o estado da Paraíba de João Pessoa a Cajazeiras, com uma capacidade de 500 Kv, o que viabilizará o escoamento da energia produzida, reduzindo custos e atraindo novos projetos. Além desse trabalho de prospecção a Cinep também é responsável por conceder incentivos fiscais e locacionais para quem deseja se instalar na Paraíba ou ampliar, revitalizar ou relocar indústrias.

■ Quanto ao Fain, quantas empresas já foram beneficiadas e em quais cidades elas estão implantadas?

Através do Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Industrial da Paraíba (Fain) o Governo do Estado já beneficiou, de 2019 a 2022, um total de 209 empresas de 35 municípios paraibanos. Essas empresas estão investindo no Estado mais de R\$ 6,1 bilhões, gerando mais de cinco mil empregos, com previsão de faturamento total anual de mais de R\$ 8,8 bilhões.

■ Na sua opinião, quais são os fatores decisivos para atrair bons investimentos para o Estado?

O Brasil é um país de dimensões continentais e de maneira geral os investimentos privados ainda são bastante concentrados. Um fator crucial para atrair bons investimentos é divulgar as vocações e potencialidades da Paraíba. Passamos a ter um trabalho proativo nesse sentido, conhecendo o mercado, os principais eventos,

players das atividades estratégicas e indo até eles, com um material de qualidade. Esse trabalho é de médio prazo, mas que já vem surtindo importantes efeitos. Além disso, os empresários que chegam ao nosso Estado são atraídos principalmente pelo desempenho do Estado nos últimos anos, que tem as contas em dia e um indicador pelo Tesouro Nacional tipo A, que é bastante observado pelo mercado. No período da pandemia a Paraíba continuou a crescer e isso gerou confiança entre os investidores, principalmente para instalações de novos empreendimentos, condição esta que vem proporcionando a manutenção dos investimentos públicos nas mais diversas áreas. A exemplo dos investimentos na infraestrutura rodoviária da ordem de R\$ 1,7 bilhão, na infraestrutura hídrica, R\$ 2,0 bilhões, a dragagem do Porto de Cabedelo, R\$ 90 milhões. Investimentos estes que mantêm a economia aquecida, gerando empregos durante as próprias construções, e melhorando estrategicamente as infraestruturas do Estado, o que passa mais credibilidade ao mercado, passando a atrair mais investimentos privados. É o círculo virtuoso girando continuamente e trazendo desenvolvimento ao Estado. O trabalho internamente vem sendo feito de maneira interessante, por isso é decisivo também mostrar para os tomadores de decisão o salto de desenvolvimento que o estado vem dando e que na Paraíba é possível encontrar um ambiente transparente e fértil para novos negócios.

■ Atualmente a Setde e Cinep vêm trabalhando no desenvolvimento de dois Polos: o moveleiro e o turístico. Comente um pouco sobre eles e em que etapa se encontram?

Com relação ao Polo Moveleiro Metropolitano de João Pessoa, é um projeto que surgiu com o objetivo de atender às demandas do arranjo produtivo local de móveis da capital paraibana, representado pela Associação dos Produtores de Móveis Artefatos de Madeira da Paraíba. Ele contará com a infraestrutura para instalação de fábricas, fornecedores e centro de inovação e pesquisa. Durante a sua fase de construção há a perspectiva de criação de mais de 13 mil empregos diretos e indiretos e na fase de operação a previsão é de quase 18 mil empregos diretos e indiretos gerados. Já o Polo Turístico Cabo Branco possui três empreendimentos contratados: o Surf Word Park (parque aquático e resort); o Ocean Palace Jampa Eco Beach Resort e Amado Bio & Spa Hotel. O Ocean Palace Jampa Eco Beach Resort e o Amado Bio & Spa Hotel (spa) começarão as obras dos seus empreendimentos agora no início desse segundo semestre. Além disso, a gente continua o trabalho de prospecção de novas empresas do segmento hoteleiro para o Polo, participando de eventos e realizando reuniões com players do segmento.

UNInforme

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PESQUISA: PARA CONGRESSISTAS, É 'MUITO PROVÁVEL' QUE BOLSONARO CONTESTE RESULTADO DAS ELEIÇÕES



Foto: Fachin Abdias Pinheiro/TSE

A maioria dos deputados e senadores aposta que o presidente Jair Bolsonaro (PL) irá contestar o resultado das eleições deste ano, caso seja derrotado, aponta levantamento feito pelo site Congresso em Foco, que ouviu 70 parlamentares, entre os dias 18 de maio e 15 de junho. Para 54,69% dos entrevistados, é provável que Bolsonaro incite um movimento nesse sentido. “Na pesquisa, 23,44% dos parlamentares dizem considerar ‘quase certo’ que Bolsonaro irá contestar o resultado. E isso é ‘muito provável’ para 31,25%. Há ainda 14,06% que consideram a hipótese ‘medianamente provável’”, afirma o relatório. Mas há contraponto: 7,81% responderam ser ‘muito improvável’ que o presidente faça um movimento desse tipo. Essa percepção dos Congressistas não necessariamente tem relação com o entrevistado ser de oposição. Na verdade, esse entendimento tem se consolidado por causa das próprias declarações de Bolsonaro, que insiste na narrativa de que as urnas eletrônicas são passíveis de fraude, sem, no entanto, apresentar provas. Há dois dias, ele voltou à carga contra Edson Fachin (foto), presidente do TSE, questionando – também sem provas – a imparcialidade do ministro no processo eleitoral.

CITOU A INVASÃO DO CAPITÓLIO

Neste mês, Edson Fachin declarou, em palestra no Wilson Center, em Washington (EUA), que “O que se tem dito no Brasil é sobre a ocorrência de um episódio ainda mais agravado do que 6 de janeiro daqui, do Capitólio”. Referia-se à invasão do prédio por apoiadores de Donald Trump, após a derrota deste para Joe Biden. Bolsonaro reagiu: “Ninguém vai invadir nada”.

QUANDO LULA VISITARÁ A PB?

Nessa pré-campanha eleitoral, o ex-presidente Lula (PT) já visitou estados que fazem divisa com a Paraíba: Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte. Há quem considere que a ausência dele em solo paraibano tem relação com o fato de que há duas chapas adversárias que lhe apoiam, o que faz muito sentido. Ainda não está definida a data, mas fala-se que Lula visitará a Paraíba no final deste mês ou no início de agosto.

NO FOCO DA MÍDIA NACIONAL

No início deste mês, a Folha de SP registrou que “O palanque do ex-presidente Lula (PT) na Paraíba é o principal impasse a ser resolvido na campanha do petista nos estados do Nordeste”. Na reportagem, é registrado que “outro entrave é a falta de unidade do PT. Uma ala, que inclui o deputado Frei Anastácio, segue aliada a João Azevêdo e não sinaliza que desembarcará da aliança governista para apoiar Veneziano”.

“DEMOCRACIA É ISSO”

A deputada Pollyanna Dutra afirma que o PSB tem quadros qualificados para compor as vagas de vice e senador na chapa governista. “Dentro do PSB, ele [o governador] resolve o jogo, se quiser”, disse. Porém, ela destacou que, em função do arco de alianças construído, é justificável a escolha de aliados de outros partidos, em nome da democracia. “Democracia é isso: ceder para ganhar lá na frente”, argumentou.

TRÊS NOMES DO PSB SÃO CITADOS

Este mês, três nomes do PSB foram colocados na lista de opções do partido para compor a chapa majoritária: Geraldo Medeiros e Heron Cid, que estão postos como pré-candidatos a deputado federal, e Léo Bezerra, vice-prefeito de João Pessoa. Os dois primeiros admitiram integrar a chapa, se fossem convocados pela legenda. Léo Bezerra, que tem participado de agendas do governador, descartou essa possibilidade.

MOBILIZADOS PELO VOTO: AUMENTO DE ELEITORES TEM FORTE SIMBOLISMO

O aumento do número de eleitores aptos a votar nas eleições, atestado pelo TSE, tem forte simbolismo: jovens entre 16 e 17 anos, que não são obrigados a votar, estão interessados em participar do processo eleitoral – nessa faixa etária, o crescimento foi de 51,3%. E o mesmo se pode dizer de quem tem mais de 70 anos, cujo voto também é facultativo, que apresentou aumento de 23,8%

NO BRASIL

Jumento está ameaçado de extinção

No ano passado, foram abatidos mais de 120 mil animais no país; Paraíba possui 111 mil desses bichos cadastrados

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

A raça brasileira dos jumentos, também conhecida como “jumento pêga”, corre risco de extinção em decorrência do abate acelerado com o objetivo de exportação do couro do animal, itens que possuem alta demanda no mercado exterior. De 2019 até 2021, o volume de abates de equídeos no Brasil cresceu em 200% e esse percentual é ainda maior se comparado os períodos de 2010 a 2014 com 2015 a 2019, onde o crescimento registrado foi de 8.000%. Os dados são do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

O risco de extinção tem sido pauta recorrente dos ambientalistas e a discussão chamou atenção, inclusive, da Câmara dos Deputados, que no final do mês passado iluminou a casa com o tom laranja em prol da preservação desses animais.

Esses animais, classificados como do tipo asinino, compondo o grupo dos equídeos, a família equiade e o gênero equus, possuem grande importância para o país, principalmente para a região Nordeste. O jumento é considerado um animal resistente, sendo muito utilizado para transporte de carga e pessoas, além de que, no Brasil, a raça é adaptada às condições como o clima árido e seco – ou temperaturas mais frias, como as da região Sul do país.

Conforme informações disponibilizadas pelo Mapa, o abate de animais como os jumentos é realizado, no país, após estes chegarem aos abatedouros regularizados com a Guia de Trânsito Animal, que atesta o controle de saúde animal. “Essa guia é emitida pela Secretaria de Estado da Agricultura de origem dos animais. A partir da chegada, a empresa faz uma verificação da origem e das condições de transporte e o auditor fiscal federal agropecuário, médico veterinário, realiza os procedimentos de inspeção antes e *post mortem* desses animais”, explicou o Ministério.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2011 e 2017 essa população animal teve queda de quase 40%. Em 2019, o número de equídeos – jumentos, cavalos e burros – abatidos foi de 33.090 e em 2021 foram registrados 123.669, de acordo com os dados do Mapa. O total do ano passado correspondeu a pouco mais do que o número de abates verificados entre 2011 e 2016, reforçando o aumento da prática sob Serviço de Inspeção Federal (SIF) no Brasil.

Vale ressaltar que esse número não contempla a realização de abates ilegais, obviamente, e também não inclui a quantidade de animais mortos por doenças e/ou acidentes. Ou seja, a considerar as agravantes, o número de mortes de jumentos é ainda maior do que o observado pelo Ministério da Agricultura.

Na Paraíba, segundo dados da Secretaria de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e Pesca, existem 111.609 animais registrados, entre equinos, asininos e muares. O estado não possui abatedouro oficializado e o órgão não possui conhecimento de nenhum local que realize esse abatimento de forma clandestina.

Para o gerente-executivo de Defesa Agropecuária da Sedap, Tadeu Nóbrega, o jumento e os asininos, de maneira geral, são importantíssimos para o produtor rural, justamente em razão de sua atuação no setor de carga e transporte. “A preservação desses animais é muito necessária, primeiro, por essas razões de carga, transporte e apoio para o produtor rural, e segundo por ser um animal resistente às estiagem, (sendo facilmente adaptável às condições climáticas da região)”, apontou ele.

“

A preservação desses animais é muito necessária. É um animal resistente e adaptado à região

Tadeu Nóbrega

A importância desses animais também vai além do dia a dia do produtor rural, como mencionado pelo gerente executivo da Sedap. O jumento é uma figura que se popularizou também dentro do viés cultural e religioso do Brasil e do mundo.

Atrelado ao transporte de pessoas, o animal tem reconhecimento bíblico por ter carregado Jesus Cristo durante sua entrada na cidade de Jerusalém – que marca o início do período também conhecido como “Paixão”. A história conta que Jesus mandou dois discípulos para uma aldeia no caminho em que estavam fazendo, onde encontrariam uma jumenta presa e um jumentinho junto com ela, e recomendou que lhe trouxessem. “Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei aí te vem, manso, e assentado sobre uma jumenta, E sobre um jumentinho, fi-

lho de animal de carga”, trecho dos versículos quatro e cinco, do capítulo 21 do livro de Mateus.

O animal também foi mencionado anteriormente na Bíblia, no livro de Zacarias, capítulo nove versículo nove, quando o profeta anunciou que o chamado “rei de Israel” viria “humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta” (Zc 9:9).

Culturalmente, o jumento também ganha menção em, por exemplo, letras de música, como de Luiz Gonzaga e Chico Buarque. Em “O Jumento é nosso irmão”, o rei do Baião aponta virtudes e características do animal, como no trecho “ele tem tantas virtudes, ninguém pode ‘carcular’, conduzindo um cegui-nho, porta em porta a mendigar. O pobre vê, no jubaio, um irmão pra lhe ajudar”.

Além disso, há um trecho da mú-

sica que também faz menção à presença do jumento nas histórias bíblicas. “Na fuga para o Egito, quando o julgo anunciou, o jegue foi o transporte que levou nosso Senhor. ‘Vos-micê’ fique sabendo que o jumento tem valor”, cantou Gonzagão.

Já Chico colocou em sua canção o papel do jumento para o sertanejo, como animal de carga, além de pontuar outras características do bicho. “Jumento não é o grande malandro da praça, trabalha, trabalha de graça, não agrada a ninguém, nem nome não tem. É manso e não faz pirraça, mas quando a carcaça ameaça rachar, que coices que dá. (...) O pão, a farinha, o feijão, carne seca, quem é que carrega? (...) Limão mexerica, mamão, melancia, a areia, o cimento, o tijolo, a pedreira, quem é que carrega? (...)”, diz trecho de “O Jumento”, música de Chico Buarque.

Foto: Branco Lucena/Arquivo A União



Abate de jumentos entre 2019 até 2021 teve um crescimento de 200%, colocando os ambientalistas em alerta

O perigo de animais soltos nas estradas

A presença de animais, como o jumento, nas estradas pode não causar infrações administrativas, mas existe contravenção penal, de acordo com o inspetor Matheus Santos, da Polícia Rodoviária Federal da Paraíba (PRF-PB). No artigo 31 da Lei nº 3.688/1941 está especificado que “deixar em liberdade, confiar à guarda de pessoa inexperiente, ou não guardar com a devida cautela animal perigoso”, sob risco de pena de 10 dias a dois meses ou multa.

Quando o órgão identifica animais abandonados nas rodovias, é acionado o serviço de recolhimento e guarda de animais, quando disponibilizados pelas prefeituras, e também o caminhão boiadeiro PRF, quando há uma escala ou serviço específico para recolhimento. “Quando não há possibilidade de acionar o serviço de recolhimento ou boiadeiro PRF, as equipes manejam os animais para um lugar seguro para impedir que eles voltem para as rodovias”, completou Santos.

Em 2022, até o final do mês de junho, mais de 1.440 animais foram recolhidos e quase 500 foram encaminhados aos currais municipais ou privados pela PRF-PB. Ao todo, também foram atendidas mais de 500 ocorrências relacionadas.

Dentre os principais riscos do abandono desses animais na pista, incluindo os jumentos, estão: os acidentes de trânsito, desde o atropelamento do animal até um capotamento ou algo mais grave. “Para o pedestre, os animais podem interferir no deslocamento”, destacou Santos.

A PRF realiza rondas 24 horas por dia a fim de identificar animais soltos que possam causar risco à população. “Há também em andamento a Operação ‘Pista não é Pasto’ em todo o estado, onde a PRF atua com escala de boiadeiro dedicada a recolhimento de animais nas rodovias federais”, observou o inspetor.

De acordo com Matheus Santos, quando for possível, as pessoas podem “manejar o animal para uma área segura, acionar o serviço de recolhimento de animais da sua cidade, caso exista”. Nas rodovias federais, “ligar no 191 acionando a PRF para que o animal seja manejado, recolhido e identificado a sua propriedade”, orientou.

SEXUAL E MORAL

MPT apura 74 denúncias de assédio

Números são relativos aos casos registrados pelo órgão entre janeiro e junho deste ano na Paraíba

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

Casos de assédio sexual e moral no ambiente de trabalho foram reacendidos em todo país e mostram que o crime pode estar acontecendo sem as notificações reais em repartições públicas e privadas. Atualmente, o Ministério Público do Trabalho da Paraíba investiga 74 denúncias de assédio, ocorridas de janeiro a junho deste ano. Desse total, nove são de cunho sexual.

Os fatos mais recentes chamaram a atenção para esse crime que tem as mulheres como 80%. No último mês de junho, o ex-presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, foi denunciado por funcionárias da instituição por assédio sexual e moral. O fato fez com que Pedro renunciasse o cargo. Ele agora é investigado.

Na Paraíba, no início do mês de julho, vieram à tona denúncias de assédio sexual ocorridas no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), campus de Itabaiana, contra um professor que ocupava o cargo de diretor. Ele é acusado de assediar estudantes menores de idade.

A gravidade do caso do IFPB

fez com que o professor fosse afastado e está em andamento um inquérito administrativo. Em nota, o IFPB informou que as investigações seguem em sigilo visando “proteger a imagem das pessoas, em especial das crianças e adolescentes”. As denúncias tratam de assédio contra estudantes menores de 18 anos de idade, ocorridas ainda no ano de 2019. O professor é acusado de, em alguns casos, atrair estudantes para uma casa de praia em João Pessoa, onde teria mantido relações com elas.

O Ministério Público Federal, por meio da assessoria de comunicação, informou que recebeu a denúncia em 2020, e que enviou o caso à Polícia Federal, onde foi procedida a abertura de inquérito policial.

Em nota, o IFPB disse que considera o assédio um repugnante e inadmissível atentado à dignidade da pessoa humana e sempre procede com rigor no combate a atos dessa natureza. “A instituição criou, no âmbito da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, a Rede de Combate ao Assédio que atua de forma sistêmica e local na conscientização e orientação atitudinais no trato com a matéria”.



Foto: Free Pick

Vítimas de assédio sexual ou moral no trabalho ficam fragilizadas e, muitas vezes, não denunciam por medo de perderem o emprego

Pena para o crime é de até dois anos de prisão

O procurador do Ministério Público do Trabalho na Paraíba, Eduardo Varandas, informou que o assédio sexual é crime visto que é uma violação à dignidade e está previsto no código penal. “Está previsto no artigo 216 A, e a pena para quem pratica é de um a dois anos de prisão. Qualquer conduta violadora lesiva com conotação sexual, desde toques, convites, até mesmo o abuso propriamente dito, é considerada assédio e precisa ser punida criminalmente e também pela legislação trabalhista”, afirmou.

Varandas explicou que esse tipo de crime é preocupante e os casos ocorrem em todo país. “Para se ter ideia, em 2019 foram registrados na justiça do trabalho (nível Brasil) cerca de 4.786 processos que tinham objetos indenizações por assédio sexual”, revelou,

acrescentando que a maioria absoluta das vítimas são mulheres.

Nos últimos três anos, o maior número de denúncias protocoladas no MPT-PB foi registrado em 2020, quando 210 queixas de assédio moral foram protocoladas, e mais cinco tratando-se de caráter sexual. No ano seguinte, o órgão recebeu 80 denúncias contra assediadores que teriam constrangido moralmente seus empregados, e mais 12 casos de assédio sexual também chegaram ao conhecimento dos procuradores para que fossem investigados.

Observa-se que o quantitativo maior de casos refere-se a provocações morais, e o procurador Eduardo Varandas explicitou que ele se caracteriza por uma série de violências praticadas contra o empregado. “Compreendendo situações vexatórias que causam

humilhação, constrangimento e ofensa à dignidade do trabalhador. Esse assédio moral pode ser verbal, com gritos, palavras de baixo calão, piadas de mau gosto, ou mesmo através de práticas de rotinas de trabalho abusivas com a cobrança de metas inatingíveis, e ainda a imposição de uma rotina de trabalho irrazoavelmente exaustiva”, explicou.

Bancários

O Sindicato dos Bancários da Paraíba informou que não existe um quantitativo de denúncias sobre esse crime de assédio moral, mas que elas ocorrem e que os relatos não são recentes dentro das agências bancárias do Estado. Essas descrições, segundo o órgão, acontecem tanto em bancos privados como em instituições públicas. Mas a prevalência desse crime

tem concentração em um determinado banco, de esfera particular e que os funcionários se sentem constrangidos em oficializar a denúncias na Justiça, por medo de retaliações como demissões e prejuízos em promoções concedidas. “Sempre que recebemos a denúncia vamos ao banco e, sem citar nomes, visando não prejudicar o funcionário, informamos os diretores o que está acontecendo e pedimos que providências sejam tomadas”, relatou a diretora Andreza Leite Andrade.

Ela informou que o sindicato está em campanha salarial e o tema assédio moral e sexual está debate. “Estamos lutando para que dentro do acordo que está sendo construído, seja incluída uma cláusula que proteja o trabalhador bancário desse problema”, revelou.



Foto: Divulgação

“
Qualquer conduta violadora lesiva com conotação sexual é considerada assédio e precisa ser punida

Eduardo Varandas

“Assediador é autoritário, manipulador e abusa do poder”

■ **Mulheres, pessoas negras, LGBTQIA+ e que retornam ao trabalho após sequelas são 80% das vítimas dos assédios morais e sexuais**

Para o advogado Herry Charriery da Costa Santos o assédio moral já é um crime comum, e que o assediador tem, geralmente, um perfil definido: “Ele é autoritário, manipulador e abusa do poder conferido em razão do cargo, emprego ou função. O assédio moral acontece na maioria das vezes nas relações de trabalho marcadas pela diferença de posição hierárquica”, relatou, acrescentando que as praticas do assédio podem “comprometer negativamente o bem

estar da vítima no ambiente de trabalho, causando danos psicológicos, morais, físicos e profissionais”.

Harry revelou que as mulheres são quase 80% das vítimas dos assédios morais e sexuais, além das pessoas negras, LGBTQIA+ e pessoas com deficiência que retornam ao trabalho após sequelas, incluindo doenças mentais. “O entendimento do MPT reforça a tese de que existe uma relação de dominação no ambiente de trabalho ainda pautada nas relações de gênero, o que configura diretamente no modelo de sociedade patriarcal em que vivemos”, explicou.

Dicas para ter provas

O advogado Harry deu dicas de como as pessoas que desconfiam ou têm a convicção de que estão sendo vítimas de assédio moral ou sexual, podem fazer no sentido de reunir provas para procurar a Justiça.

De início a vítima deve resistir, manifestar-se claramente contra a reação do assediador e começar a armarazenar todas as provas possíveis e legais sobre a conduta ilegal, como

por exemplo, anotar com detalhes, todas as humilhações indicando dia, mês, ano, hora, local ou setor, nome do assediador e dos colegas que testemunharam os fatos. “Ele também deve guardar conteúdo de conversas e o que mais achar necessário, reunir bilhetes, e-mails, presentes e outros. A vítima precisa romper o silêncio, procurando a ajuda dos colegas, principalmente daqueles que testemunharam o fato ou que já sofreram humilhações”, relacionou.

Servidores procuram sindicatos

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Públicos Municipais do Agreste e da Borborema (Sintab), Giovanni Freire, informou que a entidade recebe constantemente denúncias de assédio moral em repartições públicas municipais e que os casos que chegam já vêm ocorrendo há muito tempo. “Quando o servidor nos procura é porque não aguenta mais passar por situações vexatórias e que causam humilhação, quando ele relata o que ocorre em seu ambiente de trabalho, já tem coleciona-

do uma série de fatos que o prejudicaram moralmente e até em termos de saúde mental”, explicou.

Ele relatou que mesmo os casos não sendo raros, o que prejudica é a falta de provas. “A construção de fatos comprobatórios do assédio moral e sexual é difícil porque muitos servidores ficam fragilizados e com medo de serem demitidos. Mas mesmo assim, nós procuramos abraçar essas denúncias e levar ao Ministério Público do Trabalho”, declarou.

MPT elabora cartilha

Para tentar esclarecer e conscientizar as pessoas sobre esse tipo de crime, o MPT elaborou uma cartilha classificando tipos e conceitos de violência contra a mulher que podem ter repercussão no ambiente de trabalho. Na cartilha, o órgão cita a violência física como aquela conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher. Já a violência psicológica é classificada como qualquer conduta que venha a causar danos emocionais, redução da auto-estima ou que prejudique, perturbe o

pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões da mulher, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, e outros.

A violência sexual, de acordo com a cartilha, é a conduta ofensiva contra a mulher que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição.

Na cartilha, o MPT trata ainda da violência patrimonial que acontece quando há a retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos.

Por fim a cartilha lista a violência moral, que é configurada quando ocorre situações de calúnia, difamação ou injúria.

A TERRA DA LARANJA

Caminhos do Frio chega a Matinhas

Com o tema “Laranja, Arte e Cultura”, o município vai dar destaque à fruta que é o carro-chefe da economia local

“
Nosso turismo precisava ser mais visto para ser mais lembrado, e nós estamos conseguindo cumprir a meta

Jaime Souza



Fotos: Prefeitura de Matinhas

Desde 2004, Matinhas é palco do Festival Nacional da Tangerina, evento que acontece no mês de outubro

Ítalo Arruda
Especial para A União

O município de Matinhas, na Região Metropolitana de Campina Grande, é o próximo a receber a Rota Cultural Caminhos do Frio 2022. A partir de amanhã, o município será palco de grandes atrações musicais, entre elas o cantor Zezo Potiguar e as bandas Deusa Nordestina do Forró e Forró Cavalo de Pau. A abertura oficial acontecerá no pavilhão instalado na Rua Governador Antônio Mariz, no Centro, às 19h30, com a apresentação da Orquestra Sanfônica Sanforina, que fará uma homenagem ao cantor e compositor Pinto do Acordeon, personalidade homenageada nesta edição da Rota. A programação se estenderá até o próximo domingo (24) e durante sete dias a po-

pulação e os turistas poderão participar, entre outras atividades, de oficinas de dança, teatro, literatura, artesanato e gastronomia, palestras educativas, feiras agroeconômicas, além de intervenções culturais, trilhas ecológicas, moto trilhas e a Corrida de Jegue – evento que encerrará o circuito em Matinhas. Com o tema “Laranja, Arte e Cultura”, a edição Caminhos do Frio na cidade da laranja vai dar destaque à fruta que é o carro-chefe da economia local. Desde 2004, o município é palco do Festival Nacional da Tangerina, tradição que acontece no mês de outubro, e um dos maiores produtores deste tipo de laranja no Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2003, foram produzidas 12,6 mil toneladas

da fruta – o que colocou a Paraíba em 7º lugar no ranking nacional e na primeira posição no ranking do Nordeste no que diz respeito ao volume de produção de tangerina. No município também há plantio de laranjas cravo e dancy. De acordo com o Secretário de Turismo, Wilker Muniz, a cultura da laranja é muito forte na região e não tem como dissociar isso dos eventos, que, por sua vez, devem abordar o contexto socioeconômico da fruticultura, a partir da realização de feirinhas gastronômicas e de artesanato, visitas ao laranjal da cidade, bem como a produção e comercialização de mudas de laranjeiras. “A gente tá ansioso e procurando fazer o melhor para não deixar de realizar o que já se consagrou como um sucesso na cidade de Mat-

nhas”, afirma Muniz, ao destacar que a gestão municipal espera um grande número de pessoas durante a realização do circuito, que há dois anos estava sem acontecer por causa da pandemia de Covid-19. “As expectativas são as melhores, já que estamos vivenciando um cenário positivo nestes últimos meses. Além disso, temos investido em uma espécie de consultoria em turismo, em parceria com restaurantes e empreendedores rurais, com objetivo de promover uma capacitação profissional e aperfeiçoar o atendimento aos turistas e visitantes que passam por nosso município”, enfatiza o secretário, ao acrescentar que as belezas bucólicas e naturais de Matinhas “atraem públicos de diferentes cidades e estados”.

Cidade do Brejo é mais uma riqueza da PB

Distante 174 quilômetros de João Pessoa e 42 quilômetros de Campina Grande, entre o Agreste e o Brejo, o município de Matinhas é mais uma riqueza da Paraíba. A natureza do lugar compõe os cenários nos quais ocorrerão os roteiros culturais. Além da arborização exuberante, as cachoeiras, as trilhas e o clima com temperaturas amenas são um convite para quem deseja aproveitar o turismo ecológico ou simplesmente contemplar a beleza e a natureza da região brejeira.

“Nosso turismo precisava ser mais visto para ser mais lembrado, e nós estamos conseguindo cumprir essa meta. O Brejo é considerada a região mais turística do território paraibano. São 19 municípios envolvidos na elaboração de um planejamento estratégico que tem como objetivo fomentar ainda mais o turismo nas nossas cidades, com inovação e empreendedorismo”, destaca Jaime Souza, presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano.

Segundo ele, mais de 100 famílias estão sendo beneficiadas diretamente com a geração de empregos decorrentes da Rota Cultural Caminhos do Frio. “Somos uma união de municípios que levanta a mesma bandeira e o mesmo destino: o Brejo. Também buscamos a valorização daqueles municípios que, apesar de não serem tão vistos na mídia, desenvolvem um trabalho voltado para a promoção da cultura, do turismo e da economia”, acrescenta.

■ A arborização exuberante, as cachoeiras, as trilhas e o clima com temperaturas amenas são um convite para o turismo ecológico



A apresentação da Orquestra Sanfônica Sanforina abre o evento e fará uma homenagem ao cantor e compositor Pinto do Acordeon

Programação

Dia: 18/7 - Abertura
8h - Hasteamento das Bandeiras
Local: Praça da Liberdade
18h - Feirinha artesanato e gastroeconômica
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro
19h30 - Abertura Oficial
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro
Show musical
21h30 - Isaque do Acordeon e Jefferson Arretado
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro

Dia: 19/7
9h - Oficina de Cordel
Local: Centro de Stem erviços Socioassistenciais
15h - Feirinha Agroecológica na terra da laranja
Local: Ecit Poeta Mário Vieira
18h - Feirinha artesanato e gastroeconômica
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro
Show musical
20h - Daniel Voz e Violão
21h30 - Rony dos Teclados
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro

Dia : 20/7
9h - Oficina de Drinks
Local: Centro de Serviços Socioassistenciais
14h - Homenagem a Pinto do Acordeon
Local: Centro de Serviços Socioassistenciais
18h - Feirinha artesanato e gastroeconômica
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro
Show musical
20h - Projeto Arte na Rua
21h30 - Fofim Dirmantelo
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro

Dia: 21/7
9h - Oficina de Dança
Local: Centro de Serviços Socioassistenciais
9h- Palestra sobre Citricultura/ventas de muda
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro
15h - Apresentação cultural
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro
18h - Feirinha artesanato e gastroeconômica
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro
Show musical
20h - Banda Pífanos
21h30 - Zezinho Safadão e Renan Victor
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro

Dia: 22/7
9h - Oficina de Teatro
Local: Centro de Serviços Socioassistenciais
14h - Visita a Casa de Farinha e Capelinha de São Severino dos Ramos
Local: Sítio Juá
15h - Apresentação cultural
18h - Feirinha artesanato e gastroeconômica
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro
Show musical
20h - Companhia de Dança Caamirim
22h - Nicácia Brasil, Zezo Potiguar, Rodrigo Pablo e Forró Mega Love
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro

Dia: 23/7
8h - Trilha Ecológica na Cachoeira do Pinga
Local: Sítio Jurema
8h - Pedal da Tangerina
Local: não divulgado
14h - Visita ao laranjal e venda de mudas de laranja
Local: Associação do Cajá
18h - Feirinha artesanato e gastroeconômica
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro
Show musical
20h - Quinteto Maefradom
22h - Deusa Nordestina do Forró e Forró Cavalo de Pau
Local: Rua Governador Antônio Mariz, Centro

Dia: 24/7 - Encerramento
8h - 4ª Moto trilha da Tangerina
Local: Parque da Laranja (saída e chegada)
9h - Corrida de Jegue
Local: Zona Rural

Fotos: Prefeitura Municipal de Remígio



Os primeiros habitantes foram os índios Potiguaras, que, na região brejeira da Paraíba, eram distribuídos em seis tabas, das quais as de Jandaíra, Queimadas e Caxexa localizavam-se em terras do município

REMÍGIO

Pioneiro em produção orgânica

Município tem 35 hectares de algodão colorido e produz, em média, 15 toneladas do produto, sem o uso de agrotóxicos

Nalim Tavares
Especial para A União

Localizado entre o Brejo, Agreste e Curimataú, Remígio é um município que se destaca pela agroecologia. Com o certificado de produção orgânica do Ministério da Agricultura, a Associação dos Produtores do Assentamento Queimadas, que reúne 28 produtores, é pioneira na produção de algodão colorido na Paraíba. São 35 hectares de plantação de algodão e, em média, 15 toneladas do produto, sem o uso de agrotóxicos. Milho, feijão, fava, gergelim, batata doce, jerimum, coentro e girassol também são produzidos de forma orgânica na região.

Aberta para visitação, a Associação é um dos pontos turísticos do município, e oferece aos visitantes a experiência de conhecer as fases de plantio e colheita dos seus produtos, que, além de serem exportados para a França, podem ser comprados no local. A visitação é recomendada entre junho e julho — período de floração do algodão — e de outubro a novembro — quando acontece a colheita.

“Aqui em Remígio, temos um trabalho que começou há muito tempo, desde 2006, com a produção agroecológica e a produção orgânica de algodão e outras culturas”, conta o agrônomo e ex-secretário de Agricultura, Júnior da Padre Cícero. “Desde então, muitas coisas avançaram. O trabalho começou com pesquisa e, junto com os produtores, já pensando no mercado, começamos o processo de certificação, que antes era fei-

to por auditagem, que tinha um grande custo para os agricultores.”

Segundo Júnior, em 2013, a partir de uma ação junto ao Ministério da Agricultura, os agricultores orgânicos e agroecológicos resolveram se organizar através de uma associação chamada Rede Boreborema de Agroecologia. “O objetivo era, além de organizar melhor a produção dos agricultores, poder se credenciar ao Ministério da Agricultura, para poder estar apto a realizar a Certificação Participativa, que é uma certificação feita pelos próprios agricultores, um trabalho de extrema responsabilidade e confiança durante todo o processo de produção.”

O agrônomo explica que, “atualmente, os produtores têm um contrato com a Vert (Veja), uma empresa francesa, que busca a produção sustentável e compra os produtos orgânicos aqui do Assentamento”.

Cinema de rua

Além da área rural, Remígio também conta com outros atrativos. Um dos mais famosos é o Cine RT, localizado no Centro da cidade, na Rua Flávio Ribeiro Coutinho. Conhecido como o único — e último — cinema de rua da Paraíba, o lugar conta com 105 assentos em uma sala única, e cede espaço para programações especiais, com exibição de filmes educativos para grupos escolares. Estreias e filmes recém-lançados também passam na tela do Cine RT, que é a realização do sonho de criança do proprietário, Regilson Cavalcante. É



possível acompanhar a programação do cinema através do instagram, seguindo o @ cinertremigio.

Pensando em fomentar a cultura, o turismo e a economia local, festas municipais são organizadas em espaços públicos. Entre elas, está o Festival de Cinema de Rua de Remígio, que acontece em setembro, e o Festival de Gastronomia, em novembro. Segundo o Secretário de Cultura e Turismo do município, Euzelir Fidélis, “nesses eventos, ofertamos várias oficinas, tanto voltadas para a sétima arte, quanto para as comidas típicas da região. Temos também o Cultura na Praça, onde damos um apoio às associações culturais do município”

Além destas, Remígio também organiza encontros de carros antigos e eventos esportivos de corrida. A cidade também faz parte da Rota Cultural Caminhos do Frio, evento que, este ano, passará pelo município entre os dias 15 e 21 de agosto.

História

Os primeiros habitantes de Remígio foram os povos indígenas Potiguaras, que se dividiam em três grandes aldeias: Jandaíra, Queimadas e Caxexa. Os primeiros registros oficiais de homens brancos na região datam de 1788, quando o alferes Luiz Barbosa da Silva Freire, de família tradicional portuguesa, negociou terras com João de Moraes Valcácer, adquirindo assim a propriedade da terra denominada “Lagoas”, hoje batizada de Remígio.

Luiz Barbosa tinha um genro chamado Remígio dos

Reis, que construiu sua residência próxima a uma das cinco lagoas que existiam na propriedade — a atual Lagoa do Parque do município. “Lagoas”, que pertencia a Areia, fez parte nas lutas da Confederação do Equador, junto com o povo areiense.

Em 30 de março de 1938, “Lagoas” passou a categoria de vila, devido ao rápido crescimento populacional. Em 15 de novembro do mesmo ano, a vila ganhou a denominação atual, e passou a ser conhecida como Remígio. O primeiro projeto para separar a vila

“

Nesses eventos, ofertamos várias oficinas, voltadas para a sétima arte

Euzelir Fidélis



to apresentou à Assembleia o Projeto de Lei Nº129/1956, pedindo mais uma vez a emancipação de Remígio. A lei foi sancionada em 14 de março de 1957, pelo governador Flávio Ribeiro Coutinho, e entrou em vigor no dia 31 do mesmo mês e ano.

Hoje, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estima que o índice populacional de Remígio é de 19.973 pessoas. No dia 8 de julho deste ano, o Diário Oficial do Município publicou um decreto que determina a obrigatoriedade do uso de máscaras de proteção contra a Covid-19, segundo o qual “nenhum cidadão poderá adentrar as dependências de qualquer prédio público ou utilizar de qualquer serviço público, inclusive aqueles prestados por terceiros, caso não esteja fazendo correto uso de máscara.”

Curiosidades

A padroeira da cidade é Nossa Senhora do Patrocínio. A igreja dedicada à Santa, em frente à Praça João Soares, no Centro, foi construída em 1893, 36 anos depois da emancipação do município. As pinturas na estrutura foram feitas em 2014, pelo artista plástico Roberto Reis. No interior da construção, está o corpo do Monsenhor José Rodrigues Fidelis, remigioense nascido em 1920 e falecido

O Festival de Cinema de Rua de Remígio acontece em setembro, e o Festival de Gastronomia, em novembro. Remígio também organiza encontros de carros antigos e eventos esportivos de corrida

O município também conta com turismo histórico. Os turistas costumam visitar, principalmente, o Sítio Arqueológico Pedra da Letra, patrimônio histórico



DESMONTAGENS teatrais

Conheça projetos paraibanos de dramaturgia que ficaram no papel e nunca ganharam vida nos palcos



Foto: Juliana Santos/Secom-CMJP

Em 2017, Tarcísio Pereira (em primeiro plano) já estava ensaiando ‘Um certo Napoleão’, peça sobre a vida e obra do médico Napoleão Laureano

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Existe uma história do teatro que pode ser contada a partir das produções realizadas, analisando sua inventividade artística e repercussões públicas. Existe, contudo, uma outra história, tão interessante quanto, dos espetáculos que nunca saíram do papel, que jamais subiram aos palcos. “Tudo que não chega ao público nunca existiu. O criador está nulo se não tivermos acesso ao produto de sua criação”, afirma Tarcísio Pereira, diretor, ator, dramaturgo e escritor de Pombal (PB). O contexto dos cancelamentos de peças de grandes realizadores paraibanos fornece um panorama preciso da própria sociedade local, das condições políticas de suas produções e o tamanho do sonho de quem faz teatro no estado.

Imagine criar um espetáculo grandioso, com 220 pessoas compondo um coro, sendo uma centena delas apenas de crianças, uma orquestra sinfônica de 65 músicos e mais algumas dezenas de dançarinos vindos diretos da Bahia. É com isso que ambiciona, há mais de 20 anos, o ator, dramaturgo e diretor Fernando Teixeira. Esta semana, ele apresentou novamente o plano de montar o oratório *Candomblé*, do Maestro José Siqueira, para possíveis parceiros do projeto. Oratório é um gênero musical dramático que não possui representação cênica, uma vez que é apresentado em forma de concerto e composto por solistas, coro e orquestra. Algo tão monumental que não houve quem quisesse bancar a ideia.

A estreia do oratório *Candomblé* ocorreu no Theatro Municipal do Rio, em

1958, e chegou a ser gravado também em Moscou, em 1974, quando o texto em nagô precisou ser traduzido para o idioma de Dostoiévski. “Depois, essa música desapareceu, assim como toda a obra dele por causa da ditadura militar”, lembra Teixeira. “Nós resolvemos que, ao menos nesse momento, é impossível. Para mim, essa é uma última tentativa, já que tenho 80 anos”, ressentido o sobrinho-neto do fundador da Orquestra Sinfônica Brasileira. Com isso, a composição arrebatadora e extraordinária dentro da literatura sinfônico-vocal permanecerá inédita aos conterrâneos do mestre nos domínios da harmonia e do contraponto.

Essa é uma das poucas experiências frustrantes na trajetória de Teixeira. “Eu era muito louco no começo da minha carreira, muito obsessivo. Tudo que comecei a montar, eu terminei”, conta ele. Não é a mesma sorte que teve W.J. Solha. O escritor, ator, dramaturgo e artista plástico teve a experiência de ter suas peças proibidas desde *O vermelho e o Branco*, primeira oportunidade no teatro e que era inspirada na morte do estudante Edson Luís pela ditadura civil-militar. Essa não foi a única vez que a censura encerrou uma montagem dele.

Solha já ensaiava a adaptação de *Antígona*, uma tragédia grega de Sófocles (que viveu antes de Cristo), quando foi chamado pelos militares para falar sobre a peça que transformava o Rei Creonte em um general e um sacerdote grego em cardeal. Foi lá onde ele teve um diálogo surreal com o responsável pela censura. “Já existe uma peça com esse nome, não é?”, ao que Solha confirmou a autoria de Sófocles. “E se ele achar ruim?”, questionou o mili-

tar. “Fiquei olhando para o cara dele sem saber se ele estava me gozando ou falando sério”, remonta Solha, que mudou o nome da peça, mas nunca foi liberada.

Um dos casos mais ruídos com Solha, porém, aconteceu em plena democracia e envolve uma his-

“**Vou fazer o povo sentir o que é a presença do invasor: Pilatos vai ser um oficial nazista. E no templo, que seria o Paraíba Palace Hotel, haveria dois ‘banners’ bem grandes com a suástica e o retrato de Hitler, escrito em cima: ‘Tibério César’**”

W.J. Solha

tória bíblica. Em 2010, ele recebeu o convite, por parte do então diretor-executivo da Fundação Cultural de João Pessoa, Chico César, para criar um texto inovador para a *Paixão de Cristo* daquele ano.

Incomodava ao escritor a representação de Pôncio Pilatos como alguém que teria tentado salvar Jesus Cristo, enquanto a população era explorada pelo Império Romano. “Bom, então o que foi que eu fiz? Vou fazer o povo

sentir o que é a presença do invasor: Pilatos vai ser um oficial nazista. E no templo, que seria o Paraíba Palace Hotel, haveria dois *banners* bem grandes com a suástica e o retrato de Hitler, escrito em cima: “Tibério César”, ilustra Solha.

A visão completamente diferente da *Paixão de Cristo* era, segundo o autor, a que seria capaz de passar de forma fidedigna o que seria viver sob aquele regime político que fazia uso da religião como forma de dominação ideológica. “Eles ficaram com medo de reações. Se eles queriam uma coisa nova, que desse margem à discussão, havia um prato cheio. Mas ele não topou”, acrescenta Solha. “Chico César falou: ‘Está muito bom, brilhante, mas não dá para colocar isso na Semana Santa’”.

Outro caso mais recente aconteceu com um renomado dramaturgo paraibano: o que abriu esse texto. No caso de Tarcísio Pereira, não havia conflitos de interesse político, censura ou uma ideia inexequível para a criação de *Um certo Napoleão*. Com o texto pronto, músicas criadas e elenco todo ensaiado, os sites já noticiavam, em novembro de 2017, a estreia, em poucos

dias, da peça que contaria a história de vida do médico Napoleão Laureano. Mas as cortinas nunca se abriram para o espetáculo.

A iniciativa era da Câmara Municipal de João Pessoa, que leva o nome do médico e que celebrava os 70 anos da reinstalação da casa legislativa com a formação de um grupo de teatro. Faziam parte da produção atores amadores (que eram servidores da Câmara Municipal), alunos do curso de Teatro da UFPB e outros profissionais com larga experiência, como Everaldo Vasconcelos e Eli-Eri Moura. O foco principal da montagem era a campanha nacional e internacional de Laureano para a construção do hospital de câncer na capital paraibana, mas que não chegou a ver o sonho ser realizado.

“Não saiu o financiamento. Chegou um momento em que se ficou apenas empurrando, e foi quando resolvemos parar”, justifica Pereira, que viveu algumas ironias que misturavam ficção e realidade durante a produção da peça sobre o oncologista, que morreu de câncer aos 36 anos. Enquanto ele lidava com as dificuldades orçamentárias, sua irmã também descobriu um

câncer e precisou ser internada na mesma instituição que o teatrólogo buscava defender. “O hospital que eu entraria para fazer pesquisas para o espetáculo, terminei entrando por uma situação real, um drama familiar. Eu fiquei muito abalado. Foi uma ironia na minha vida que nunca vou esquecer”, conta Pereira, para quem esse aspecto pessoal também contribuiu para desestimulá-lo a manter a produção. “Ainda pretendo fazer esse espetáculo um dia. É muito bonito”, complementa ele, que tem também um perfil biográfico ainda inédito sobre Napoleão Laureano.

O teatro é, por sua própria definição, uma experiência etérea e mantém sua história na efemeridade da curta memória humana e na fortuna crítica que é criada a partir dela. Há muito sobre o Brasil e sobre a resistência de seus operários na arte quando se conhece tudo que não atravessou as coxias, que nunca recebeu a luz das ribaltas. Tudo o que não foi e o que não quis também ajudou a formar o atual panorama do teatro paraibano. “Rememorar isso ajuda com a história das artes cênicas na Paraíba”, acredita Tarcísio Pereira.

Foto: Asley Ravel/Divulgação



Foto: Acervo Pessoal/Facebook



Fernando Teixeira (E) queria montar o oratório ‘Candomblé’; já Solha (D) teve a ‘Paixão de Cristo’ vetada

Artigo

O Fascismo e a irracionalidade

Como dizia o filósofo inglês Bertrand Russell: “Não existe uma filosofia do fascismo, somente uma psicanálise”. Ele expressaria um tipo de revolta contra à racionalidade. Para os fascistas, a força tem primazia sobre os argumentos, a vontade sobre a razão, a guerra sobre a paz e o poder sobre a felicidade. É irracional e exclusivista, portanto, antidemocrático. Apela aos nossos sentimentos mais abjetos, devendo ser considerados não como um conjunto de crenças políticas bem articuladas, tal qual o comunismo e o liberalismo, mas como protesto emocional.

O fascismo tende a conseguir maior receptividade de frações da classe média que sofrem com problemas econômicos e que aspiram pertencer à classe dominante. Como também de certa categoria de empresários e burocratas.

É imprescindível, penso, a crença na pureza moral que pode assumir feições raciais ou apenas de classe. O essencial aqui é a ideia de que

um seletor grupo de pessoas teria o monopólio sobre a moral e que, por isso, se arrogaria da tarefa de conduzir os rumos da sociedade.

Outros dois importantes fatores são a propaganda de massa e a fé no princípio: “Os fins justificam os meios”. A capacidade de mobilização política fascista pra ter êxito precisaria necessariamente estabelecer algum nível de controle dos meios de comunicação. Foi assim na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler.

A propaganda de massa é um instrumento usado para produzir artificialmente algum consenso na opinião pública e estimular sentimentos de ódio aos seus inimigos, criando assim um bode expiatório. Estes são importantes canalizadores das frustrações pessoais, de raiva e ódio.

Qualquer interesse político, econômico ou relação de dominação precisam ser legitimados. O lado mais aberrante do fascismo é a impossibilidade total do pensamen-

to racional e consequentemente do diálogo. Ele é incapaz de conviver com a diferença, o que faz com opere a partir de um estado de guerra permanente.

Tendência

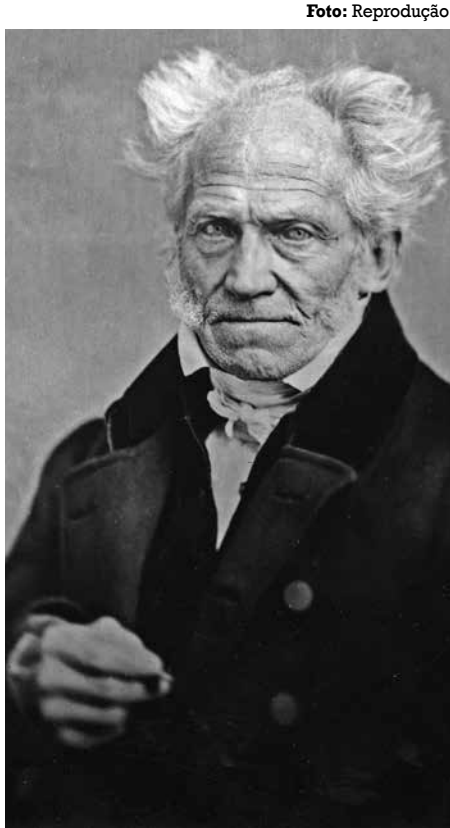
Fascismo tende a conseguir maior receptividade de frações da classe média que sofrem com problemas econômicos e que aspiram pertencer à classe dominante

Estética e Existência

Força vital do fazer o bem

O filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) introduziu o pensamento indiano e conceitos budistas na metafísica alemã. Esse trabalho está na sua dissertação *Sobre a Quadrúplice Raiz do Princípio de Razão Suficiente*, publicada em 1813. Ele acreditava no amor como meta na existência, entretanto, não o relacionava com a felicidade. Esse argumento apresenta – o amor – de modo a se tornar uma vontade irracional para a reprodução da espécie, a fim de manter a continuidade à vida e ao sofrimento. Em relação a felicidade, afirmava que o seu prazer é uma sensação que o amor apresenta. De forma a gerar um interrompimento temporário do “desejo”, que é uma fuga de uma dor imposta pela vontade. Diante disso, somente o sofrimento é positivo, pois se faz sentir com facilidade, e a felicidade é um sentimento negativo, pois é uma interrupção momentânea do tédio. Ele considerava o “impulso de reprodução” um determinante para a existência, por isso que muitos amantes perdem a vida por obedecer a esse impulso. Essa tese está no seu trabalho *Sobre a Vontade da Natureza* (1836).

Arthur Schopenhauer incorporou à vida humana um conceito de Vontade para definir uma “força vital” que está em todos os seres, a qual necessita de sobreviver através do “desejo sexual” para se reproduzir e multiplicar, e devido ao desejo de sempre querer mais, a Vontade conduz ao sofrimento humano, pois a necessidade para sobrevivência nunca está satisfeita com um único desejo. E que a Vontade é a “essência” do ser humano, em razão do fato do humano ser não mais que um tipo de ser, em meio a vários outros tipos de seres encontrados na Natureza. Nesse contexto, Schopenhauer faz uso de uma razão analógica, e estende essa substância primordial – a Vontade – a todos os demais seres, concebendo-a como essência não só humana, mas do mundo e de toda espécie. Também procura uma forma de libertação dessa Vontade, a partir de escritos budistas e na filosofia oriental, que diz que a única forma de se libertar do próprio impulso é a total renúncia de todos os desejos, a qual resulta no Nirvana. Ele identifica esse mecanismo no cristianismo primitivo, que apresenta a busca da solidariedade entre todos.



Filósofo alemão Arthur Schopenhauer

Arthur Schopenhauer, no seu livro *O Mundo como Vontade e Representação* (1819), afirma que o mundo é a síntese entre o subjetivo e o objetivo, entre a realidade exterior e a consciência humana. Nesse livro, ele diz: “Por mais maciço e imenso que seja este mundo, sua existência depende, em qualquer momento, apenas de um fio único e delgadíssimo: a consciência em que aparece”. Noutro texto conceitua: “O mundo como representação, isto é, unicamente do ponto de vista de que o consideramos aqui, tem duas metades essenciais, necessárias e inseparáveis. Uma é o objeto, suas formas são o espaço e o tempo, donde há pluralidade. Noutra metade é o sujeito, não se encontra colocada no tempo e no espaço, porque existe inteira e indivisa em todo ser que percebe: daí resulta que um só desses seres junto ao objeto completa o mundo como representação, tão perfeitamente quanto todos os milhões de seres semelhantes que existem, mas, também, se esse ser desaparece, o mundo como representação não mais existe”.

Neste livro *O Mundo como Vontade e Representação*, a experiência interna do indivíduo revela-o que é um ser que se move a si mesmo, é um ser ativo cujo comportamento expressa sua vontade. Essa consciência interior que cada um possui de si mesmo como vontade é primitiva e irredutível, isto é, a vontade revelar-se-ia imediata-

mente a todas as pessoas como o “em-si”, e a percepção que as pessoas têm de si mesmas como vontades é distinta da percepção que as mesmas têm como corpo através de uma compreensão externa mediada pelo princípio de razão. E que o corpo humano é apenas objetivação da Vontade, tal como aparece sob as condições da percepção externa. Isso pode ser entendido desta forma: o que se quer e o que se faz são uma e a mesma coisa, vistos, porém, de perspectivas diferentes. Para Schopenhauer, da mesma forma como nos seres humanos, a Vontade seria o princípio fundamental da Natureza. Por exemplo: no puro comportamento instintivo de um animal, afirmam-se tendências, em cuja objetivação se constituem os corpos. Essas diversas tendências não passariam de disfarces sob os quais se oculta uma vontade única, superior, de caráter metafísico, isto é, do que há de íntimo no mundo experienciável, que está presente igualmente em todas espécies e animais, que nasce e cresce, e nas complexas ações humanas. Essa Vontade é independente da representação e, portanto, não se submete às leis da razão. Essa tese fundamenta que o real é em si mesmo irracional, enquanto Vontade. As formas racionais da consciência são ilusórias aparências, e a essência de todas as coisas são impróprias à razão, porque a consciência é a superfície da mente, da qual, como da terra, não conhece o interior, mas apenas a crosta. Schopenhauer afirmava: “O mundo é minha representação, e o ser humano é fragmentado e passional, que age influenciado por forças que fogem de seu controle”. E a vida não é outra coisa senão um combate perpétuo pela própria existência, que ao final – o ser humano – será derrotada.

Arthur Schopenhauer afirmava que a “salvação para o ser humano” está no fazer o bem, porque deve-se ser bom com todos. A sua ética está na contemplação da verdade, e não nos mandamentos.

Sinta-se convidado à audição do 377º Domingo Sinfônico, deste dia 17, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição iremos conhecer o compositor alemão Wilhelm Richard Wagner (1813-1883).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O ritmo da pena

Imagens. *O Expresso da Meia Noite* (de Alan Parker, 1978) é um filme que apresenta, de forma crua, uma visão nebulosa da realidade das prisões turcas. O inferno existe nos quatro cantos do mundo, o filme mostra isso.

Baseado na história real de Billy Hayes, contada por ele em seu livro *Midnigth Express*, o filme mostra um estudante americano em visita à Turquia, que gostou tanto do haxixe turco, que decide traficar. Billy Hayes fez 75 anos em abril passado.

Bom demais os filmes de Alan Parker: *As Cinzas de Ângela*, *Bem-Vindos ao Paraíso*, *Mississipi em Chamas*, *Coração Satânico* e *Pink Floyd - The Wall* e outros.

Estava procurando um documentário na Netflix e esbarro em *A vida de David Gale*, de Parker, com um roteiro inquestionável (exceto o final) e não tem como desacreditar que David Gale não existiu. Ele está por aí.

Com uma mensagem de “lutar por aquilo em que se acredita” e um teor político forte, *A vida de David Gale* é um filme completo e individual, cujo tema é “a pena de morte”, que ainda vamos ver em diversos filmes.

Cada vez mais a gente vê ou escuta muitas pessoas falando que são a favor da pena de morte no Brasil, que as coisas seriam diferentes. É um tema polêmico e com diversas opiniões.

Conversando com a escritora Nélida Piñon, sobre as barbaridades aceleradas no Brasil, estupros, racismo, matança geral, ela me disse que sempre foi assim. Ela tem razão – a humanidade é destruidora.

A vida de David Gale explora o tema, focado nos ativistas contra a pena de morte. Li críticas que apontam esse defeito do filme, “em deixar o espectador se levar por esse lado da causa, sem mostrar aspectos positivos da pena de morte”. Não sei.

Pode até ser um defeito, talvez por muitas opiniões parecidas com as que o filme propõe. É sim um dos melhores de Parker. Com atuações incríveis de Kevin Spacey e Kate Winslet, e o que dizer de Laura Linney, que surpreende no que, eu ousou dizer, sua melhor atuação, cheia de sensibilidade e intensidade.

A história é envolvente. David Gale (Kevin Spacey) é um professor universitário e um militante político contra a pena de morte em seu estado americano. Ele se vê injustiçado ao ser acusado de estuprar uma aluna, que não aconteceu, mas David é preso e a justiça determina a pena de morte. Logo ele, que lutava contra a pena de morte?

A personagem Constance (Laura Linney), amiga de David, é morta em situação suspeita e ele é condenado por mais esse crime. Ou seja, acusado de um estupro e depois, de um homicídio. A cena em que ele e a personagem Constance transam é de uma profundidade sem tamanho. No dia seguinte, ela aparece morta e o sêmen de David, o denuncia.

O desfecho é nada esperado. O filme mostra como o fanatismo e extremismo levam as pessoas a tomar atitudes inimagináveis.

A sacada é extremamente atual: a ineficácia da pena de morte como instrumento de segurança pública. Ainda com dúvidas de um velho repórter, eu queria saber: a pena de morte é eficaz? Se a resposta for sim, ela é eficaz em que sentido? Decresce os índices de criminalidade? É medida que busca a justiça? Pena? Pena?

Kapetadas

- 1 - O homem é o lobby do homem;
- 2 - O Brasil só se acerta no dia em que peixe morrer afogado;
- 3 - As conexões estão ótimas. As conversas é que andam desconexas.



Alan Parker (1944-2020), o cultuado cineasta britânico

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Muito cuidado com esse “do B”, companheiro!

Peço vênia aos quantos me leem sobre cinema, todos os domingos, para me irmanar ao sentimento da família e dos amigos, pela perda de um parceiro do nosso jornalismo.

Invariavelmente, ele sempre entrava na redação do Jornal *O Norte* com uma saudação a todos, em seu costumeiro vozeirão – “Bom dia!” E, de artigo na mão, buscava a editoria geral, à época, do jornalista Evandro Nóbrega, que nessa época fazia assessoria de imprensa na UFPB, no reitorado de Humberto Nóbrega, então sucedido por Lynaldo Cavalcante. Os tempos eram meados de 1970. Época em que o *Diário da Borborema* também era impresso aqui em João Pessoa, nas oficinas do Jornal *O Norte*, sob a presidência de Marcone Góes e administração de Teócrito Leal.

À frente da minha máquina de escrever, copidescando algumas páginas das *Caderno 2*, de *O Norte*, onde tinha também uma coluna (*Tela & Palco*), já havia me acostumado com a presença de João Manoel de Carvalho em nossa redação. Parceiro que, infelizmente, perdemos no final da semana passada, e que contribuiu fortemente para a imprensa paraibana. Sua linha de atuação jornalística nunca fora a minha, contudo, admirava-o pelos textos políticos que escrevia.

Ainda jovem, militando apenas nas artes, sobretudo em cinema, ainda assim, lia com curiosidade os seus arti-



Foto: Reprodução
Jornalista João Manoel de Carvalho contribuiu fortemente para a imprensa paraibana

gos. Mais ainda, por conta da relação de amizade de João Manoel com o historiador José Octávio de Arruda Mello, com quem sempre me entendi muito bem, até familiarmente, e não apenas em nossos bate-papos culturais no Grupo Zé Honório Rodrigues.

Articulista austero, João Manoel de Carvalho era convicto partidário do marxismo-leninismo e do PCB (Partido Comunista Brasileiro). E me lembro de uma expressão sua e que Zé Octávio sempre repetia, jocosamente, durante as nossas conversas, ao nos referirmos à política paraibana, sobre ela seu amigo João Manoel o advertira: Muito cuidado com esse “do B”, companheiro! Isso, se referindo ao então criado PC do B.

E para fechar essas minhas memórias, sobre mais esse parceiro de jornal

que se foi recentemente, lembraria de uma de suas citações buscada nas falas do revolucionário Carlos Marighella: “O guerrilheiro urbano tem que ser uma pessoa preparada para compensar o fato de que não tem suficientes armas, munições e equipe.” Máxima essa que está no documentário de Silvio Tendler, *Marighella – Retrato falado do guerrilheiro*. E na versão mais recente sobre o militante, de Wagner Moura, *Mariguella* (2021), que reví esta semana.

Estaria João Manoel associando esse “guerrilheiro urbano” ao exercício de um jornalismo urbano, sério? Nunca pude saber... E mais agora, com o seu lamentável traspasse. – Mais “coisas de cinema” em: www.alexssantos.com.br.



APC reuniu Conselho Diretor e membros

A Academia Paraibana de Cinema realizou, esta semana, sua primeira reunião do semestre, para discutir vários assuntos que estavam pendentes. O encontro, que aconteceu no Auditório da Fundação Casa de José Américo, foi presidido pela titular da APC, Zezita Matos, com a participação do vice-presidente, João de Lima Gomes, e contou com a participação presencial dos seguintes acadêmicos: Alex Santos, Mirabeau Dias, Fernando Trevas, José Bezerra Filho, Fernando Teixeira e Renato Felix, entre outros. Os participantes do encontro, representantes dos Conselhos Diretor e Fiscal da APC, mediante ata assinada por todos, tomaram várias decisões, com base nos Estatutos da entidade, a serem oportunamente publicadas aos associados da academia.

Em cartaz

ESTREIA

ELVIS (EUA. Dir: Baz Luhrmann. Biografia. 12 anos). Décadas da vida do artista ícone do rock, Elvis Presley (Austin Butler) e sua ascensão à fama, a partir do relacionamento do cantor com seu controlador empresário “Colonel” Tom Parker (Tom Hanks). A história mergulha na dinâmica entre o cantor e seu empresário por mais de 20 anos em parceria, usando a paisagem dos EUA em constante evolução e a perda da inocência de Elvis ao longo dos anos como cantor. No meio de sua jornada e carreira, Elvis encontrará Priscilla (Olivia DeJonge), uma das pessoas mais importantes de sua vida. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h - 18h15 - 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h20 - 20h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h45 (exceto seg.) - 18h15 (exceto seg.) - 21h45 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h - 17h10 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h - 17h10 - 20h15.

PRÉ-ESTREIA

O TELEFONE PRETO (The Black Phone. EUA. Dir: Scott Derrickson. Suspense. 16 anos). Finney Shaw, um garoto de 13 anos, é sequestrado por um sádico serial killer (Ethan Hawke) em um porão a prova de som, onde os gritos do menino não podem ser ouvidos. Na parede do porão, Finney encontra um telefone antigo. Quando o aparelho toca, o garoto consegue ouvir a voz das vítimas anteriores do assassino, e elas tentam evitar que o Finney sofra o mesmo destino. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 20h - 22h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 22h20 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 16h - 18h15

- 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h - 18h15 - 20h30.

CONTINUAÇÃO

FESTIVAL VARILUX DE CINEMA FRANCÊS 2022 (Vários). Evento que vai até o final do mês com obras inéditas e recentes da filmografia francesa. Confira a programação completa (com sinopses, fotos e sessões) de João Pessoa no site oficial do festival (variluxcinefrances.com). No CINE BANGÜÊ.

MINIONS 2: A ORIGEM DE GRU (Minions: The Rise of Gru. EUA. Dir: Kyle Balda. Animação. Livre). Na década de 1970, Gru está crescendo no subúrbio. Fã de um grupo de supervilões conhecido como Vicious 6, Gru traça um plano para se tornar malvado o suficiente para se juntar a eles. Felizmente, ele recebe apoio de seus leais seguidores, os Minions. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 14h30 - 16h45 - 19h - 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h - 16h15 - 18h30 - 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h30 - 15h45 - 18h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h30 (exceto seg.) - 15h45 (exceto seg.) - 18h (exceto seg. e qua.) - 20h15 (exceto seg. e qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h - 16h15; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h20 - 16h10 - 18h - 19h50; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h20 - 16h10 - 18h - 19h50.

A MULHER DE UM ESPIAO (Supai no tsuma. Japão. Dir: Kiyoshi Kurosawa. Drama. 14 anos). Um comerciante japonês deixa a esposa para trás para viajar para Manchuria, onde testemunha um ato de barbuidade. Mexido com o que testemunhou, suas próximas ações acabam causando certo desentendimento, ciúmes e

problemas legais para sua esposa. CINE BANGÜÊ: 18h (dia 17/7).

TOP GUN: MAVERICK (EUA. Dir: Joseph Kosinski. Aventura. 12 anos). Depois de mais de 30 anos servindo a marinha como piloto de caça, Pete “Maverick” Mitchell (Tom Cruise) continua na ativa. Enquanto ele treina um grupo de pilotos em formação para uma missão especial que nenhum “Top Gun” jamais participou. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 17h45.

THOR: AMOR E TROVÃO (Thor: Love and Thunder. EUA. Dir: Taika Waititi. Aventura. 12 anos). Thor (Chris Hemsworth) busca pela paz interior, mas sua aposentadoria é interrompida por um assassino galáctico conhecido como Gorr (Christian Bale), que busca a extinção dos deuses. Para combater a ameaça, Thor pede a sua ex-namorada, Jane Foster (Natalie Portman), que – para surpresa de Thor – inexplicavelmente empunha seu martelo mágico, Mjolnir, revelando-se a Poderosa Thor. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (leg.): 14h15 - 17h - 19h45 - 22h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub., 3D): 13h15 - 16h - 18h45 - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (3D): 14h45 (dub.) - 17h30 (dub.) - 20h15 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE (3D): 13h45 (dub.) - 16h30 (leg.) - 19h15 (dub.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 13h45 - 16h30 - 19h15 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 18h30 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D): 14h30 - 17h15 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h - 17h30 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 15h50 (3D) - 18h20 (3D) - 20h50; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h50 (3D) - 18h20 (3D) - 20h50; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h - 17h30 - 20h.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Ou a bolsa ou a vida!

Fui ler o romance de Larissa Rodrigues para ver o que as mulheres carregam nas bolsas. Imagino que muitas coisas, além do batom, das pinças, da escova, do espelho, da agenda, do *parfum de mode* e tudo o mais que pode configurar os esmaltes do asseio, da vaidade e da beleza.

Sempre achei a palavra bolsa muito mágica. Também me parece mágica a palavra mulher. Lygia Bojunga Nunes escreveu o romance *A bolsa amarela*, e Helena Parente Cunha, *A mulher no espelho*, e D. H. Lawrence, *Mulheres apaixonadas*. Eu mesmo já me dei ao desfrute de um poema, com o título *Uma mulher do meu tamanho*. Está lá em *A geometria da paixão*, meu primeiro livrinho de versos, de 1976.

Lembro disso só para pensar que pode existir alguma alquimia escondida unindo a mulher e a bolsa. Ou, em outra chave, a bolsa, a mulher e o romance; o romance, a mulher, a bolsa e a viagem; a viagem, a bolsa, a mulher, o romance, a literatura e amigração. Talvez fosse melhor, em lugar de migração, o clamor migratório, ou transmigração, palavra que nos remete para o passeio das almas nos círculos do tempo.

Por que tudo isso?

Porque o romance de Larissa Rodrigues, *O que as mulheres carregam nas bolsas*, conta a história dessas possibilidades existenciais, sociológicas e estéticas. Seja por dentro da psicologia das personagens (Elizabeth, Safira, Parisa, Reza e outros), na sua medular interioridade eivada de angústias e conflitos, seja por fora, já nas instâncias antropológicas do universo narrativo, sobretudo na dimensão ambiental (São Paulo, o museu, a casa, o Afeganistão e outras localidades pontuais). Tudo isso, sem contar, ainda, o desenho rabiscado que captura o choque de civilização, de cultura e de ethos entre ocidente e oriente.

Creio que tal matéria, tais particularidades e tais fenômenos da contemporaneidade cabem dentro do romance e dentro das bolsas das mulheres que se aproximam e se atritam no orgânico cadinho de sua trama, cheia de suspense e surpresas.

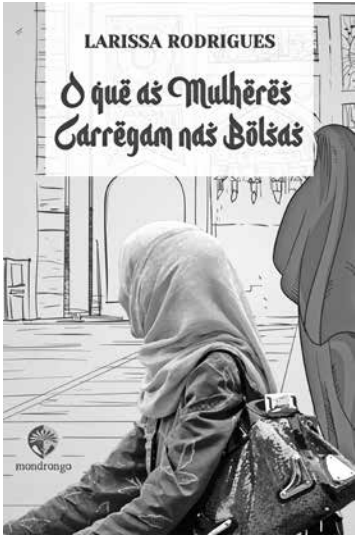
O que há do romance, enquanto forma literária, que não cabe dentro de uma bolsa? O que há da mulher, com seus enigmas singulares, que não cabe na bolsa de um romance? Não seria a mulher, sempre um personagem que nos convida à aventura, que nos joga, enfurecidos, na arena absurda da vida, na floresta negra da morte, com sua perfeita exatidão, a argila mais sagrada para as páginas de um romance? Larissa Rodrigues parece que sabe isso como poucas.

Já eu, não digo tanto. Digo que sei e que não sei! Sei que esse romance de Larissa Rodrigues, com seu título mais que perfeito na sua capacidade de enunciação, se não formula respostas decisivas sobre tais questões (e que literatura responde?), deixa em aberto um carrossel de perguntas essenciais. Não importa se de ordem prática, se de ordem filosófica. Afinal, literatura é indagação. O romance, uma indagação privilegiada.

O próprio título, mesmo que não se explicita como uma interrogação, é assim que o vejo. E daí, me pergunto: O que as mulheres carregam na bolsa? Ora, imagino que muita coisa. Por exemplo, os maridos, os namorados, os amantes, o sonho, a tristeza, a desilusão, a melancolia, o desespero, o desamparo e até a felicidade, sobremaneira se a felicidade for clandestina, secreta doação da centelha divina que pode habitar o coração apertado de uma mulher.

Não fosse assim, não se ouviria, em dadas circunstâncias, inesperadas e desconfortáveis, este *ultimatum*, sombrio e fatal: “Ou a bolsa ou a vida!”.

Imagem: Mondrongo/Divulgação



‘O que as mulheres carregam nas bolsas’, de Larissa Rodrigues, conta a história das possibilidades existenciais, sociológicas e estéticas

Colunista colaborador

TEATRO

Monólogo ‘Agreste’ volta aos palcos

Amanhã, no Lima Penante, em João Pessoa, paraibana Fabíola Ataíde apresenta texto ganhador do Prêmio Shell

Da Redação

“Cruel, a natureza é”, sentencia *Agreste*, uma história de um amor impossível, mas, sobretudo, incondicional, que resistiu à intolerância e ao preconceito de um povoado. Baseado na realidade, o texto premiado do pernambucano Newton Moreno volta a ser encenado na Paraíba amanhã, com a apresentação do espetáculo, um monólogo com Fabíola Ataíde e direção de Everaldo Vasconcelos. A peça acontecerá gratuitamente no Teatro Lima Penante, em João Pessoa, a partir das 19h30.

Na montagem, a protagonista não tem nome. Seu marido, Etevaldo. É na preparação para o velório que se tem a revelação que o casal de lacradores que havia vivido 22 anos juntos era, na verdade, duas mulheres, o que surpreende a própria viúva.

“Naquele momento, ela só entendia a perda, a morte. As pessoas começam a hostilizá-la: o delegado a ameaça de ser presa e de lhe forçar a ter relações com vários homens para que ela conheça o que é um ‘homem de verdade’”. É algo muito denso e muito forte”, descreve Ataíde, que é também produtora cultural no Teatro Lima Penante.

O texto de Newton Moreno, baseado em um caso verídico, levou os prêmios de Melhor Espetáculo e o de Melhor Autor pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), além de arrebatou outra prestigiada premiação: o Shell, em 2004. *Agreste*, a produção paraibana, é o resultado da pesquisa de mestrado profissional em Artes da Cena da Escola

Superior de Artes Célia Helena, de São Paulo.

A atriz paraibana interpreta, além da viúva, o narrador, o padre, as velhinhas vestideiras e o delegado. “Utilizei elementos vocais para diferenciar os personagens e desenvolvi partituras corporais diferentes para o público identificar quem está em cena. Faço uso dos elementos da música também, colocando alguns trechos da dramaturgia para fazer cânticos na cerimônia de velório”, explica a artista, que também é cantora e realiza pesquisas em teatro musical.

“A dramaturgia de Newton Moreno é muito sensível e tem vários momentos que eu, enquanto atriz, preciso me segurar, porque me emociona muito. Ele sabe a colocação exata de cada palavra. São palavras que chegam em gavetas emocionais, descrevendo as coisas de forma tão poética que a gente consegue visualizar a cena no texto”, explica Fabíola Ataíde.

Sobre a atriz

Fabíola Ataíde começou suas experiências dramáticas ainda criança, no próprio Teatro Lima Penante, onde trabalha.

Desde então segue a carreira de forma independente, sem integrar companhias de atores locais, mas engajada em várias iniciativas teatrais e audiovisuais, desde a *Paixão de Cristo* deste ano, até as produções para o *streaming*, como a série da Amazon Prime, ainda inédita, *Cangaço Novo*, gravada na Paraíba e com direção de Aly Muritiba (de *Deserto Particular*) e Fábio Mendonça (de *A Noite da Virada*).

Foto: Fábio Soares/Divulgação



Montagem relata a história de um amor incondicional em que todos os personagens são interpretados por Ataíde

■ Na preparação para o velório do marido, é revelado que o casal era, na verdade, duas mulheres, o que surpreende até a própria viúva, cujo casamento era de mais de duas décadas

CINEMA

Cronenberg discute corpo e arte em ‘Crimes of the Future’

Mariane Morisawa
Agência Estado

Depois de oito anos sem lançar nenhum filme, David Cronenberg está de volta com um longa-metragem bem diferente de seus últimos trabalhos, como *Marcas da Violência* (2005), *Senhores do Crime* (2007) e *Cosmópolis* (2012). *Crimes of the Future* (“crimes do futuro”, na tradução livre), que chega dia 29 à Mubi, é, na verdade, uma espécie de retorno aos seus filmes do passado, que falam de corpo e tecnologia, como *Videodrome - A Síndrome do Vídeo* (1983) e *eXistenZ* (1999).

Mas o diretor garante que não pensa em sua obra anterior quando escreve um roteiro. “Qualquer semelhança é acidental”, disse na entrevista coletiva durante o Festival de Cannes, onde *Crimes of the Future* passou na competição. “Mas sei que muitas pessoas veem coisas de outros filmes meus neste. Vão haver conexões porque tudo está vindo do meu sistema nervoso”.

No caso de *Crimes of the Future*, o roteiro tinha sido

escrito havia mais de 20 anos. Cronenberg achou que estava ultrapassado, mas seu produtor Robert Lantos releu e disse que, na verdade, era mais atual do que nunca. A trama se passa em um futuro distópico em que os seres

humanos têm sofrido mutações. Alguns são capazes de digerir plástico.

Outros, como Saul Tenser (Viggo Mortensen, em seu quarto filme com o cineasta canadense), têm desenvolvido órgãos novos. Em perfor-

mances artísticas, sua parceira Caprice (Léa Seydoux) retira esses apêndices. Há inclusive um escritório governamental regulamentando essas mutações.

Uma das funcionárias é Timlin (Kristen Stewart),

fascinada por Tenser. A atriz acha absurdo que a obra de Cronenberg seja percebida como difícil ou indigesta. “Para mim, cada imagem estranha pulsante, de corte, sangrenta, cada machucado em seus filmes me deixa de boca aberta”, afirmou a atriz. “Não me causa repulsa. Tudo o que ele faz eu sinto por meio de um desejo visceral”. Fazendo o filme, ela não tinha certeza do que se tratava. Mas, ao assistir, era como se Cronenberg estivesse expondo seus próprios órgãos. O diretor recentemente vendeu suas pedras nos rins em exibição em formato NFT. “Essa é a metáfora da cirurgia de órgãos, um artista colocando seus pensamentos e visões mais íntimos e ficando vulnerável”, contou ele à AP.

Microplásticos

“Corpo é realidade”, repetiu ele várias vezes na coletiva em Cannes. Cronenberg anda fascinado com a questão da presença de microplásticos no nosso sangue e mesmo na pele. “Nossos corpos têm mais diferenças do que nun-

ca agora, e isso não vai mudar”, observou Cronenberg à AP. Ele citou também as tecnologias mRNA usadas nas vacinas contra Covid e CRISPR, de edição genética. E até mesmo coisas mais comuns, como a lente colocada em seus olhos após uma cirurgia de catarata e o aparelho auditivo que, aos 79 anos, ele precisa usar. “Sou totalmente biónico”, admitiu. “Anos atrás, teria sido um problema. Eu teria encerrado minha carreira muito mais cedo porque, sem ouvir e sem ver, é meio difícil fazer filmes”.

“Corpo é realidade” também tem uma dimensão política, ainda mais no contexto da reversão dos direitos ao aborto nos EUA. Mesmo 20 anos atrás, ele imaginava que a discussão sobre controle do corpo seria relevante. “O filme não é explicitamente político”, esclareceu em Cannes. “Mas, para mim, toda arte é inerentemente política por ser uma expressão do contexto, do intelecto, de uma língua bastante específica. Nesse sentido, é política, esteja seu criador consciente disso ou não”.

Foto: Mubi/Divulgação



Kristen Stewart (E) e Viggo Mortensen (D) no filme sobre alterações corporais: quais os limites da beleza?

TEMAS DA CAMPANHA

Políticas públicas para as mulheres

Candidatas paraibanas querem levar à Assembleia e à Câmara propostas para melhorar a qualidade de vida

Pettrônio Torres
pettroniotorres.@yahoo.com

As parlamentares paraibanas prometem levar, caso eleitas ou reeleitas, à Assembleia Legislativa da Paraíba e à Câmara Federal propostas para melhorar a qualidade de vida, ampliar o mercado de trabalho, as políticas públicas e, principalmente, propiciar mais segurança para as mulheres brasileiras e as paraibanas, por tabela. Pelos menos é o que constam nas suas plataformas de propostas que devem ser apresentadas durante a campanha eleitoral deste ano e que a reportagem de A União traz, de forma antecipada e exclusiva, de algumas parlamentares que tivemos acesso.

Uma destas pré-candidatas é a deputada estadual Rafaela Camaraense (PSB). Ela, que chegou à Assembleia Legislativa para debater políti-



Rafaela quer levar a defesa da causa animal para Câmara Federal

■ Combate à violência doméstica, aumento de penas para agressores, proteção da vítima de violência são propostas para o debate

cas públicas para os jovens, mulheres e também para a causa animal, quer, agora, levar estas propostas para o plano nacional.

Rafaela pretende debater e apresentar propostas em relação à mulher. Combate à violência doméstica, aumento de penas para agressores, proteção da vítima de vio-

lência e retirada da mulher do ciclo de violência através do mercado de trabalho estão entre as temáticas que ela deve abordar.

“Também quero dar voz a minha região, debater e formular políticas para fortalecimento do desenvolvimento regional. Cada local tem as suas particularidades, então não podemos ter uma política de desenvolvimento sem focar nos arranjos produtivos locais”, afirmou a deputada.

Rafaela é pré-candidata a deputada federal e quer levar para o Congresso debates ligados também às juventudes, como saúde mental, mercado de trabalho, educação e violência.

“As juventudes precisam ter voz e espaço na Câmara Federal. Estamos falando do nosso futuro, futuro do nosso país, mas não temos voz ativas na defesa desses temas e dessa população”, explicou a

parlamentar.

Rafaela Camaraense tem 30 anos e é natural de Cuité, no Curimataú Paraibano. Tem formação em Gestão Pública e Direito. Sua trajetória em defesa da juventude teve início através do movimento estudantil, na faculdade, quando integrou o Diretório Acadêmico de Direito. A parlamentar tem uma atuação destacada nas regiões do Curimataú e Seridó do estado.

Rafaela foi a primeira de sua família a se candidatar a um cargo político, tendo sido eleita vereadora em Cuité no ano de 2012 e reeleita em 2016. Em 2018, candidatou-se a deputada estadual, quando obteve mais de 16 mil votos. Em agosto de 2020, durante o Mês da Juventude, foi convidada pelo governador João Azevêdo para assumir a Secretaria Executiva da Juventude da Paraíba.

Camila: mandato já identificado na luta pelo direito das mulheres

Com uma atuação parlamentar bastante identificada e voltada na luta pelos direitos das mulheres, a deputa estadual Camila Toscano (PSDB) promete intensificar ainda mais suas ações neste sentido.

Atualmente, 70% da produção legislativa de Camila é voltada para mulheres. A sua atuação a levou para a Secretaria de Mulher da União Nacional dos Legisladores e Legislativos Estaduais (Unale) e a incluiu no fórum de debate nacional para formulação de políticas públicas para mulheres.

Ela é autora de leis importantes em defesa da mulher como a 11.809/20, que institui o serviço de denúncia de violência contra a mulher via whatsapp; a 11.525/19 chamada de “tempo de despertar”, que dispõe sobre a reflexão, conscientização e responsabilização dos autores de violência doméstica e grupos reflexivos de homens; também a 11.545/19 que estabelece o sigilo das informações de lotação das servidoras públicas sob o alcance de medidas protetivas; e a lei de número 11.391/19 que determina prioridade no atendimento e gratuidade na emissão dos documentos para as mulheres vítimas de violência doméstica.

Ainda são leis de autoria da deputada a 11.839/2021 que institui o Programa “Maria da Penha Vai à Escola” e a 11.634/2020 que estabelecem, respectivamente, que a rede privada ofereça leito separado para mães de natimorto ou com óbito fetal. Camila é autora da emenda à lei 11.523/2019 que incluiu a mulher vítima de violência nos beneficiários do programa habilitação social, assegurando alternativa de emprego e renda.



Camila: 70% da produção legislativa voltada para a mulher

“Quero continuar legislando e atuando em defesa das mulheres paraibanas. Dar voz a causas e lutas do público feminino, como o combate à violência doméstica, igualdade salarial, mais oportunidades no mercado de trabalho, incentivo ao empreendedorismo feminino, maior participação da mulher na política e em cargos de chefia, fim da violência obstétrica, entre outras temáticas”, disse a pré-candidata a deputada estadual.

Camila também se destacou pelos embates sobre legalidade dos projetos. Advogada, ela entrou em vários debates, demonstrando conhecimento jurídico e poder de argumentação. Se posicionou em defesa dos servidores públicos, da valorização dos policiais e dos professores.

A deputada também é a voz do Brejo paraibano na Assembleia Legislativa. Ela

usa a tribuna para denunciar e buscar soluções para os problemas da região, destina emendas para auxiliar no desenvolvimento e melhoria dos serviços prestados à população. Camila se propõe a fazer esse debate e a defesa da região. A principal temática que quer abordar é a questão da segurança hídrica da região, que vem sofrendo sem água.

Perfil

A deputada Camila Toscano foi eleita deputada estadual pela primeira vez em 2014, sendo em 2018, reeleita para a sua segunda legislatura. Natural de João Pessoa, com raízes familiares em Guarabira, no Brejo paraibano, Camila é advogada e cresceu no meio da política acompanhando a atuação dos pais: a ex-deputada Léa Toscano e o ex-deputado e ex-prefeito Zenóbio Toscano.

Vereadora de JP também tem projetos para defesa feminina

A pré-candidata a deputada federal para as eleições deste ano pelo PSB, Fabíola Rezende, tem várias propostas de projetos na área de saúde. São ações de imunização, educativas e conscientização. Entre os temas que ela quer discutir e levar para debate na Câmara dos Deputados estão a fibromialgia, o lúpus, a alimentação saudável e a prevenção das doenças cardiovasculares, além das voltadas para a saúde animal, como a ampliação das campanhas de vacinação.

“A abordagem de temas na área da saúde, com apresentações de projetos e discussões que ajudem a desmistificar doenças, a combater o preconceito, a facilitar o tratamento das pessoas portadoras são fundamentais”, ressaltou Fabíola Rezende, que é vereadora na Câmara Municipal de João Pessoa. Lá, ela já apresentou em pouco mais de dois meses de mandato diversos projetos visando a melhoria das condições da saúde da população.

“As doenças vasculares são causadoras de muitos óbitos. O diagnóstico precoce é fundamental para

evitar um quadro clínico mais grave”. ressaltou. “São problemas de saúde que matam mais no Brasil que guerras em outras partes do mundo”, acrescentou.

“Eu pretendo continuar a missão que iniciei há alguns anos como protetora

dos animais. A saúde animal está ligada à saúde humana, não há como separar. Quando se propõe uma medida visando garantir a saúde e os bons-tratos dos animais está incluso nisso a defesa da saúde humana”, comentou Fabíola.

Outras parlamentares

Pré-candidatas

Cida Ramos PT - Buscará reeleição para Assembleia

Estela Bezerra PT - Tentará vaga na Câmara Federal

Elisa Virginia PP - Buscará vaga na Câmara Federal

Pollyana Dutra PSB - Buscará reeleição na Assembleia

Jane Panta PP - Tentará reeleição na Assembleia

Paula Franssinetti PP - Buscará reeleição na Assembleia



Fabíola Rezende terá agenda também voltada para a Saúde

“Combater o preconceito e facilitar o tratamento das pessoas

Fabíola Rezende

INSATISFAÇÃO

Eleitores defendem grande renovação no Congresso

Pesquisa aponta que 86% dos brasileiros querem mudança na Câmara e Senado

Descrédito

Eleitores estão insatisfeitos com o trabalho dos atuais deputados e senadores e querem uma alta renovação no Poder Legislativo em outubro

André Shalders
Agência Brasil

O eleitor brasileiro está insatisfeito com o trabalho dos atuais deputados e senadores e quer uma alta renovação no Poder Legislativo em outubro. Esse mesmo eleitor, no entanto, não se lembra em quem votou em 2018 para o Congresso e reprova a atuação dos parlamentares. É o que mostra uma pesquisa eleitoral elaborada pela Quaest a pedido do RenovaBR: 86% dos eleitores consideram bom que ocorra uma “alta renovação” nos quadros do Parlamento nestas eleições. A se concretizar o cenário apontado pela pesquisa, a elei-

ção para o Congresso deste ano poderá repetir a de 2018, quando Câmara e Senado tiveram a maior renovação desde a redemocratização do país. A manifestação dos eleitores reforça a percepção de que o brasileiro não costuma dar a devida atenção ao voto proporcional, com as campanhas políticas se concentrando na escolha pelos candidatos a presidente da República e a governador do Estado. O desprestígio manifestado em relação ao voto para o Congresso ocorre num cenário em que a Câmara e o Senado têm cada vez mais poder. As Casas assumiram controle sobre repasses de recursos federais, indicando verbas diretamente

para redutos por meio do chamado orçamento secreto. “Tem uma característica da cultura política brasileira de ser personalista. O que significa que a gente valoriza demasiadamente as pessoas, em detrimento de questões mais estruturais. Quando a gente pensa numa eleição, é muito comum lembrar o nome do prefeito, do governador e do presidente. Os chefes do Executivo acabam atraindo a atenção do eleitor. Vereadores, deputados e senadores não têm esse poder de atração. O eleitor acaba menosprezando a representação do Legislativo”, disse o cientista político Rodrigo Prando, professor do Mackenzie.



Na eleição de 2018, a Câmara e o Senado tiveram a maior renovação política desde a redemocratização do país

Trabalho de políticos é pouco acompanhado

Ainda segundo a pesquisa, a maioria dos eleitores acompanha muito pouco o trabalho do Congresso: 55% declararam não saber o que faz um deputado, ante 44% que disseram saber como atua o congressista na Câmara. E dois em cada três eleitores (66%) afirmaram não se lembrar em quem votaram para deputado em 2018. A pesquisa foi às ruas entre os dias 8 e 12 de junho.

Foram ouvidas 1.544 pessoas, nas cinco regiões do Brasil. A margem de erro é de 2,5 pontos percentuais, e o intervalo de confiança é de 95%. Os mais jovens são os que menos parecem dar importância ao voto para o Legislativo. Só 9% se recordam como votaram para deputado, na faixa entre 16 e 30 anos (outros 58% não se lembram e 32% declaram ter votado em

branco, nulo ou não ter ido votar em 2018). Nas outras duas faixas etárias, de 31 a 50 anos e de mais de 50 anos, 17% se lembram em quem votaram para deputado em 2018. Dos eleitores que estudaram até o Ensino Fundamental, 72% não se recordam de sua escolha. As mulheres se lembram menos (72%) do que os homens (59%). Embora seja fundamental para definir o cenário po-

lítico a partir de 2023, a disputa para o Congresso ainda não preocupa os eleitores - 85% ainda não decidiram sobre o candidato a deputado. Quase metade (47%) definirá o voto para a Câmara com pelo menos um mês de antecedência; 12% vão deixar a escolha para 15 dias antes; e mais de um terço (36%) declarou que só pensará no assunto na última semana antes do primeiro turno.

Brasileiros não confiam nos parlamentares

Se o eleitor não acompanha o dia a dia do Congresso, por que deseja renovar o Legislativo? “É exatamente porque as pessoas não têm nenhum tipo de identidade com o Congresso que elas gostariam de ver algo diferente. A

falta de recall (dos deputados federais) é um sintoma da baixa relação de confiança que as pessoas têm com o Congresso. A consequência disso é a busca de um Legislativo melhor”, disse ao Estadão/Broa dcast o cientista político Feli-

pe Nunes, que é professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e diretor da Quaest. “O fato de a grande maioria dos brasileiros não ter a menor ideia de quem votou mostra como a eleição para o

Congresso é uma eleição fria para a população, que a maioria não dá maior importância. Quando, na verdade, tem muita importância. O poder está cada vez mais concentrado no Congresso Nacional”, afirmou Nunes.

Perfil exigido é de candidatos honestos

A principal característica buscada pelos eleitores em seus deputados é a de que os candidatos sejam “honestos” e “cumpram as promessas” - 47% apontaram esses crité-

rios. Em seguida vem o fato de o político estar “preparado” e “conhecer as políticas públicas”, com 36%. Trazer recursos para a cidade é considerado importante por 10%

dos eleitores. “Para nós, este perfil do ‘candidato ideal’ foi o que mais chamou a atenção”, disse a diretora executiva do RenovaBR, Irina Bul-lara.

A pesquisa apontou ainda que o principal “cabo eleitoral” na disputa pela Câmara é a família: 22% disseram “considerar muito” a opinião de parentes na hora de decidir o voto.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com / Colaborador

Passagem desbotada na memória

Israel Elídio de Carvalho Filho é um pacato professor na também pacífica e apática Itabaiana, uma cidadezinha que repousa indolente às margens do Rio Paraíba. Em 1966, Israel era estudante secundarista. Foi preso e denunciado pelo promotor militar Francisco de Paula Accioly Filho como participante do Grupo dos Onze, com base no Inquérito Militar presidido pelo Major Benedito Cordeiro, publicado no Jornal do Comércio de 29.12.66. Afinal de contas, o que diabo vem a ser o Grupo dos Onze e o que Israelzinho fazia nessa organização tão perigosa para os ridículos militares golpistas, encastelados no poder naqueles tempos infames? Conforme minhas pesquisas, o tal Grupo dos Onze foi uma organização que, na realidade, nunca chegou a sair verdadeiramente do papel. Em 1964, Leonel Brizola desconfiava de que as Forças Armadas estavam tramando um golpe para afastar do governo o presidente João Goulart, seu cunhado. Foi então que planejou uma espécie de contragolpe, oposição à quartelada que se delineava. Era o grupo dos “onze companheiros” que iriam defender o Brasil do golpe e apoiar as reformas de base prometidas pelo Governo. Em 1965, Brizola lança o jornal “Panfleto”, o único a ser editado, que dava as coordenadas sobre a organização dos grupos, precauções, deveres dos membros e dos dirigentes. Com a organização dos Grupo dos Onze, Brizola fazia uma alusão a onze atletas de um time de futebol, em que os membros de cada relação de onze seriam, segundo ele, os soldados que integrariam as fileiras do Exército Popular de Libertação (EPL), ramificados nos principais estados da União. Foram formados 5.304 grupos que resultariam num exército de 58.344 pessoas. Sendo um nacionalista extremado, Brizola antevia a performance da oposição e lutou com todas as suas forças para evitar o golpe militar que acabaria por acontecer em 31 de março de 1964.

Pois os agentes secretos desconfiaram que Israel seria um dos componentes desse exército ilusório. Socialista declarado, ele não negava seu credo político. Entretanto, nosso professor nunca admitiu pertencer ao tal Grupo dos Onze, ele que jamais jogou futebol, apenas deu algumas carreiras como bandeirinha da liga amadora local. Mas na hora da prisão, Israelzinho não teve tempo para correr, denunciado que foi por um conhecido político local, autocrático e fascista. Ele e outros itabaianenses foram presos, responderam aos tais inquéritos, alguns foram torturados, perderam seus empregos ou interromperam os estudos.

No dia 28 de junho de 2007, o Ministério da Justiça deferiu requerimento de anistia ao professor Israel Carvalho, com uma indenização pelos prejuízos morais sofridos e pedidos de desculpas do Governo brasileiro. O ministro Tarso Genro, da Justiça, comentou que a lei da anistia permitiu o registro dos fatos em sua total clareza e tomou possível a transição de um regime militar para um regime democrático. “A Justiça de Transição tem justamente o objetivo de, ao tratar da verdade e da memória, permitir que a história registre os fatos em sua total clareza, para que não se repitam”, disse. Além dos conceitos de verdade e memória, o ministro destaca que é importante reparar as vítimas do regime militar. “É dever do Estado indenizar os perseguidos políticos e é direito da sociedade responsabilizar judicialmente aqueles que romperam com a legalidade, os direitos humanos e cometeram crimes contra a humanidade”.

Hoje há quem negue que a ditadura existiu de forma tão violenta e cruel. Mas a História registra aquele festival de horrores que, guardadas as proporções, pode ser considerada a versão brasileira do Holocausto, o massacre de judeus e de outras minorias, efetuado nos campos de concentração alemães durante a Segunda Guerra Mundial.

Em outra oportunidade, vou contar a história de outro professor de Itabaiana que, preso e torturado, desatinou, perdeu o juízo e passou a elogiar os militares. Esse também conheci de perto seu drama, a catástrofe produzida pelos suplicios na sua mente. Essa experiência penosa e desgastante marcou a nossa geração.

NO IMPÉRIO

Senado e a CPI da Guerra do Paraguai

Pedido de inquérito foi apresentado pelo senador Silveira da Mota em 1867, quando a guerra completava dois anos

Ricardo Westin
Agência Senado

Em meio à Guerra do Paraguai (1864-1870), o Senado estudou a criação de uma comissão nos moldes das atuais comissões parlamentares de inquérito (CPIs) para investigar supostas falhas do governo brasileiro no conflito militar com o país vizinho.

O pedido foi apresentado em 1867, quando a guerra completava dois anos e meio, pelo senador Silveira da Mota (GO). Para ele, o Senado precisava apurar por que o combate consumia tanto dinheiro dos cofres públicos e a paz não chegava nunca.

Após acirrados debates no Palácio Conde dos Arcos, a sede do Senado imperial, no Rio de Janeiro, os senadores decidiram enterrar a proposta. Se a tivessem aprovado, essa teria sido a primeira comissão de inquérito da história do Senado.

Em papéis amarelados pelo tempo, o Arquivo do Senado, em Brasília, hoje guarda toda a discussão que os senadores travaram em torno da pretendida CPI da Guerra do Paraguai.

Logo no dia em que apresentou a proposta, de acordo com os documentos históricos, Silveira da Mota discursou:

“Por mais que os poderes públicos procurem dissimular a gravidade das circuns-

■
Essa foi a maior guerra da qual o Brasil já participou: durou mais de cinco anos e teve 50 mil combates mortos

tâncias atuais e atravessar este doloroso período fazendo-o passar por período normal, todo mundo descobre que é da guerra que derivam todas as consequências desastrosas que o país está sentindo”.

Essa foi a maior guerra da qual o Brasil já participou, tanto em duração (cinco anos e dois meses) quanto em número de combatentes mortos (estimados 50 mil).

De um lado do front, estavam o Brasil, a Argentina e o Uruguai, associados na chamada Tríplice Aliança. Do outro lado, isolado, estava o Paraguai.

O combate teve início depois que soldados do ditador paraguaio, Francisco Solano López, invadiram a província de Mato Grosso, em reação a uma intervenção política e militar de D. Pedro II no Uruguai. A guerra chegaria ao fim com a derrota do Paraguai.

Conflito custou aos cofres 614 mil contos de réis

O pedido de CPI apresentado no Senado em 1867: “Requeiro que se nomeie uma comissão especial de inquérito para colher nas repartições públicas e nos testemunhos particulares, tomando depoimentos se necessário for, as informações as mais completas sobre as causas da prolongação da guerra contra o Paraguai”.

“Além do tributo de sangue, veio o tributo da fortuna pública, veio o tributo dos impostos, veio uma despesa excessiva, vieram os deficits, veio a necessidade dos empréstimos”, continuou Silveira da Mota.

Segundo o pedido de CPI, a Câmara seria avisada da abertura do inquérito. Caso os deputados aceitassem também participar, a comissão seria transformada em CPI mista.

A ideia era que os parlamentares não só interrogassem autoridades, funcionários públicos e empresários no Rio de Janeiro, mas também viajassem à região do Rio da Prata para, nos próprios campos de batalha, melhor investigar os supostos problemas.

O senador Barão de São Lourenço (BA) apoiou a criação da CPI:

“Logo no princípio, disse um dos nossos homens políticos práticos daqueles lugares [a região do Rio da Prata] que a guerra deveria

durar mais de dois anos. Os nossos estadistas riram-se. As profecias estão se cumprindo, mas eles, que todos os dias supunham a guerra acabada, continuam nos seus erros, na seguridade de únicos sabedores de nossas coisas”.

Quando o pedido de CPI foi feito, a Guerra do Paraguai ainda estava no meio. Seriam necessários outros dois anos e meio até que enfim se chegasse ao cessar-fogo.

Ao cabo dos cinco anos, o combate consumiu 614 mil contos de réis dos cofres imperiais, de acordo com o historiador Francisco Doratioto, professor da Universidade de Brasília (UnB) e autor do livro *Maldita Guerra* — Nova História da Guerra do Paraguai (Editora Companhia das Letras).

A cifra equivale à soma dos orçamentos públicos dos 11 anos anteriores à guerra e explica por que as contas do governo sempre fechariam no vermelho pelas duas décadas seguintes.

O ministro da Guerra era o senador Marquês de Paranaguá (PI). No Império, ao contrário de hoje, os parlamentares podiam ocupar cargos no governo sem se licenciarem do Poder Legislativo. Ele aproveitou o livre acesso à tribuna do Senado para defender o governo e rechaçar a abertura da CPI.



Senador Silveira Mota, que pediu a CPI, e o ministro da Guerra, Marquês de Paranaguá



Imagens: Museu Paulista da USP e Alberto Henschel

Diálogos se sucediam no plenário na busca de alternativa à comissão

Não posso aceitar a moção e espero que o Senado não votará a favor dela, por ser altamente inconveniente, discursou o senador e ministro.

O nobre senador Silveira da Mota avalia perfeitamente as circunstâncias duríssimas em que se acha o país. Seguramente não quererá agravá-las.

Em circunstâncias tão melindrosas e difíceis, sua palavra autorizada pode criar tropeços à marcha da administração pública. Um inquérito sobre os negócios da guerra tende a quebrantar a força moral de que tanto carece o governo.

Segundo o ministro da Guerra, o governo não tinha culpa pela demora do conflito. Ele explicou que o Brasil fora pego desprevenido pela declaração de guerra. Ninguém podia imaginar que Solano López invadiria Mato Grosso e desafiaria D. Pedro II. O Marquês de Paranaguá afirmou:

Esta guerra era meditada e preparada havia longos anos pelo nosso gratuito inimigo, que tinha reconcentrado o seu ódio contra o Império, espreitando ocasião favorável para tirar uma vindita ou satisfazer os seus planos de ambição.

Foi preciso aceitarmos a guerra, embora não estivéssemos para ela preparados. O calcanhar de

Aquiles do Brasil era não possuir um Exército digno desse nome. Eram relativamente poucos os soldados. Nas guerras e revoltas que surgiram logo após a Independência, por exemplo, D. Pedro I precisou contratar soldados mercenários estrangeiros para lutar em nome do Império.

No período da Regência, os governantes optaram por não organizar um Exército forte, temerosos de que, tal como ocorrera em certas partes da América espanhola, os militares se rebelassem e tomassem o poder.

Não tínhamos um Exército como convinha, atenta (considerada) a posição que ocupamos na América do Sul, continuou o ministro da Guerra. Foi preciso formá-lo, prepará-lo e empreender longas marchas, vencendo mil contrariedades.

Quando a guerra no Uruguai acabou, o Brasil contava com 10.857 homens, fora a força naval.

Foi com esse número que nos surpreendeu a Guerra do Paraguai. Fez-se um apelo ao país e vieram então essas legiões de voluntários que o estremecido amor da pátria fez marchar de todos os ângulos do Império.

No Senado, a estratégia do Marquês de Paranaguá foi garantir aos parlamentares que ele

próprio estaria constantemente à disposição para prestar todos os esclarecimentos que pedissem, o que tornaria desnecessária a CPI.

O autor do pedido logo percebeu o artifício e tratou de provocar e desestabilizar o ministro. Ambos chegaram a travar um diálogo tenso no Plenário.

Então começamos a campanha com 10 mil e tantos homens? Vossa Excelência tome sentido nisto, questionou Silveira da Mota, interrompendo o orador.

É o que presumo — devolveu o Marquês de Paranaguá.

Não, Vossa Excelência não pode presumir. É ministro, há de saber.

Pois bem, respondo com os mapas e os documentos oficiais que tenho. Eu não venho ante o Senado fazer um romance.

É verdade, mas não pode fazer presunções.

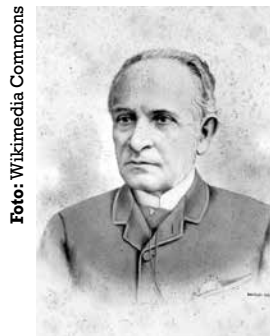
Acredito que posso contar com a benevolência do nobre senador.

Sem dúvida.

Não peço a sua complacência. Quero mesmo ser julgado com severidade, esperando justiça, o que não exclui certa benevolência.

E toda a consideração que o nobre ministro merece. Estou apenas retificando fatos. Vossa Excelência não se incomode com isto.

Barão de Cotegipe era um aliado



Outro entusiasta da criação da CPI da Guerra do Paraguai foi o senador

Barão de Cotegipe (BA). Reformando o requerimento de Silveira da Mota, ele desfiou um rosário de críticas ao governo em questões financeiras, administrativas e até militares.

Na avaliação do Barão de Cotegipe, os únicos que verdadeiramente estavam ganhando com a Guerra do Paraguai eram os empresários.

Ele acusou o governo de contratar navios privados para levar munição, comida e remédio para os soldados, enquanto

navios militares zarpavam com os porões vazios do Rio de Janeiro para a zona de guerra.

Relatou que alguns batalhões recebiam uma quantidade tão exagerada de carne que parte dela acabava indo para o lixo e, ao mesmo tempo, outros batalhões “eram obrigados a ir à margem do rio molhar a carne dura e talvez podre que se lhes distribuía”.

Comissão era na verdade uma briga de partidos

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, a abertura da CPI da Guerra do Paraguai não seria uma forma de atacar o imperador D. Pedro II. Tratava-se, na realidade, de uma briga entre partidos políticos.

O Brasil era parlamentarista. O governo era encabeçado pelo primeiro-ministro, que escolhia todos os ministros de seu gabinete. Em 1867, quem detinha o poder eram os progressistas-liberais. Os conservadores estavam na oposição. Como integrante da bancada conservadora, Silveira Mota pediu a criação da CPI com o intuito de desestabilizar os adversários, para que seu próprio grupo político subisse ao poder.

O historiador Vitor Izecksohn, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e autor do livro *Duas Guerras nas Américas* (Alameda Editorial), explica:

Os conservadores eram críticos da Guerra do Paraguai não porque fossem pacifistas.

O que eles queriam era derrubar os progressistas-liberais. Tratava-se de um processo de fritura e desgaste do gabinete ministerial, do jogo natural da política.

Em 1868, os progressistas-liberais caíram e os conservadores assumiram o gabinete. Nesse momento, quem era adversário da guerra se transformou em apoiador e vice-versa.

Os progressistas-liberais, uma vez na oposição, inclusive quiseram investigar a atuação do senador conservador Duque de Caxias como comandante das forças aliadas na Guerra do Paraguai.

Izecksohn lembra que os políticos e diplomatas do Império não imaginavam que o Paraguai, um dos menores países da América do Sul, resistiria tanto antes de ser derrotado.

O país, de tão obstinado, nunca chegou a se render. Isso contribuiu com o prolongamento da guerra.

O historiador Ricardo Henrique Salles, que dá aula na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e escreveu o *Guerra do Paraguai — Escravidão e Cidadania na Formação do Exército* (Editora Paz e Terra), diz que os gabinetes ministeriais e os partidos políticos não podem ser culpados pela demora do conflito.

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs. kenoby.com/tess.”



Italo Kumamoto, José Calixto, Pierre Freitas, Osmar Santos, Sandina Zerlotini, Fillipe Miranda, Mercedes Cavalcanti (Pepita), Lúcia Bezerra, Mita Gouveia e Edneide Santana são os aniversariantes da semana.



Há quatro décadas educando gerações, o Colégio Primeiro Mundo, no Bessa, está com campanha para novas matrículas para crianças da primeira infância. À frente das novidades está a dinâmica empresária paraibana Aldimar Wanderley (foto).



À querida jornalista Mariana Vieira, que atualmente está morando na capital federal, participou de evento junino, denominação dada aos festejos juninos e que acontecem no mês de julho, em Brasília.



A querida amiga Mojana Santana, na foto com a amiga Érica Abrantes, recebeu, por conta de seu aniversário, o carinho de familiares e amigos.



O estande da Fecomércio na Brasil Mostra Brasil, por intermédio do Sesc e Senac-PB, está divulgando o projeto “Mesa Brasil Sesc”, um setor da entidade que arrecada e distribui alimentos a partir da rede de doações de diversas empresas e instituições parceiras. Segundo a assistente administrativa do Mesa, Isabela de Farias (foto), na ação as pessoas têm a oportunidade de participar de oficinas sobre aproveitamento integral de alimentos.



O jogador Hulk está nos preparativos finais para a estreia do Hotel Ba'ra em João Pessoa. A grande festa de lançamento para seletos convidados está marcada para o dia 6 de outubro, quando o hotel já começa com suas operações. Por ora, a administração segue contratando profissionais para atuar em diversas áreas no hotel e nos dois restaurantes do local.



Na viagem que fizemos a Barcelona, a capital da Catalunha, visitamos o famoso Montjuïc (Montanha dos Judeus), local que abrigou um antigo cemitério de judeus.



A turismóloga Roselma Virgulino está em estado de graça. O motivo? Neste segundo semestre, ela festeja o aniversário do neto Lucas e a chegada de mais dois netos queridos.



A Associação Paraibana de Imprensa (API) terá uma cadeira no júri do prêmio Unimed JP de Jornalismo. O prêmio acontece nas comemorações dos 50 anos da Unimed JP e irá contemplar o trabalho da imprensa, escolhendo as melhores reportagens sobre saúde e qualidade de vida. Para Marcos Werick (foto), presidente da API, a expectativa é que haja uma produção muito qualificada e que vai se reverter em benefícios para a sociedade.



A gestora de Turismo do Sebrae, Regina Amorim (foto), estreou uma coluna sobre Economia Criativa no portal Paraíba Total. Muito ativa e profunda conhecedora do assunto, Regina escreve toda segunda-feira para a audiência qualificada do portal, que engloba empresários, educadores, trade e empreendedores de diversos negócios.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA
PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br

+55 83 99302-7071

PARAÍBA
CORREIO

Contabilize

Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS
DORES NA COLUMNA
SEM CIRURGIA

FONE: (83)
3204-0423
98708-8189

DOUTOR
HERNANI

Selic Fixado em 15 de junho de 2022 13,25%	Sálário mínimo R\$ 1.212	Dólar \$ Comercial -0,52% R\$ 5,405	Euro € Comercial 0,13% R\$ 5,450	Libra £ Esterlina -0,33% R\$ 6,412	Inflação IPCA do IBGE (em %) Junho/2022 0,67 Maio/2022 0,47 Abril/2022 1,06 Março/2022 1,62 Fevereiro/2022 1,01	Ibovespa 96.551 pts 0,45%
--	---	--	---	---	--	--

COMÉRCIO EXTERIOR

Cinep projeta implantação de porto seco na Paraíba

Local funcionará como área aduaneira para armazenar mercadorias no estado

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

O Porto de Cabedelo é o canal para as operações de comércio exterior da Paraíba, impulsionando a economia estadual. Mas, além deste terminal marítimo, o estado deve ganhar um porto seco. Longe do mar, o local vai funcionar como uma área aduaneira para armazenar mercadorias que são importadas ou exportadas. A Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep) estuda a criação desta estação aduaneira no município de Caaporã e deve lançar edital de licitação para contratar empresa administradora até o primeiro semestre do ano que vem.

O diretor-presidente da Cinep, Rômulo Polari Filho, explica que a área foi escolhida por sua localização estrate-

tégica, às margens da BR-101, ao lado do posto fiscal do Governo do Estado e com fácil acesso ao Porto de Cabedelo e aos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte. Ele afirma que a criação do novo porto vai atrair a realização de mais operações de comércio exterior, na Paraíba.

“O Porto de Cabedelo tem vocação natural para a comercialização de granéis líquidos e sólidos, como combustíveis, petcoke e minerais. Mas, para a Paraíba ser mais competitiva no comércio exterior, precisamos de mercadorias de maior valor agregado. Para isso, a ideia é trabalhar na criação do porto seco”, comenta Rômulo Polari Filho.

Ele explica que o local pode armazenar mercadorias advindas do Porto de Cabedelo ou de Suape, em Pernambuco, proporcionando

os mesmos benefícios alfandegários. Contudo, a prestação do serviço será feita por empresa privada. Para elaborar o projeto, a Cinep visitou o porto seco mais antigo do país, localizado em São Paulo e gerenciado pela empresa Agesbec, que tem 50 anos de existência.

Conforme Polari, a região alfandegária proporcionará benefícios aos usuários. “Se um empresário compra um contêiner cheio de mercadorias e importa pelo Porto de Cabedelo, ele deve pagar os tributos em sua totalidade no momento do desembarço e antes de vender os produtos. Se esse empresário utiliza a armazenagem do porto seco, ele só vai pagar o tributo conforme a quantidade de mercadoria que ele retirar, considerando que o restante pode ficar armazenado”, exemplifica.

“
Para a Paraíba ser mais competitiva, precisamos de mercadorias de maior valor agregado. Para isso, a ideia é trabalhar com o porto seco

Rômulo Polari Filho

Foto: Divulgação/ Companhia Docas



Porto seco pode contribuir para aumentar a movimentação do Porto de Cabedelo, por onde chegam e saem mercadorias do estado

Equipamento deve atrair novos mercados

■ Instituições avaliam necessidades e potenciais negócios para a economia local, com a criação da nova estrutura

O equipamento alfandegário pode gerar novos negócios na Paraíba, segundo o diretor-presidente da Cinep, considerando que muitos operadores de comércio

exterior escoam as mercadorias por portos de outros estados. “Podemos contribuir para aumentar a movimentação do Porto de Cabedelo, por onde as mercadorias chegarão e partirão ao porto seco, ou no caminho inverso, partindo do armazenamento lá e sendo enviadas por Cabedelo”, comenta Rômulo Polari.

Ele afirma já ter se reunido com os dirigentes da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep) e da Federação do Comércio de Bens e Serviços do Estado da Paraíba (Fecomércio -PB) para avaliar as necessidades e as potencialidades a serem alcançadas à econo-

mia local, com a criação do porto seco.

O local pode se assemelhar com o que já existe em São Bernardo do Campo, na Região Metropolitana de São Paulo e que é gerenciado pela Agesbec. O local foi o primeiro entreposto aduaneiro do Brasil, instalado a 50 km de distância do Porto de Santos, 24 km do aeroporto de Congonhas e 47 km do aeroporto de Guarulhos.

Pioneirismo

A empresa modificou os métodos de realização de operações de comércio exterior no país, e desde 1971 atua como armazém alfandegado, com realização

de serviços de entreposto aduaneiro e depósito alfandegado certificado.

A empresa sustenta que um dos objetivos é proporcionar o aumento da competitividade dos clientes. A ideia é gerar uma economia de até 15% na armazenagem, sobre a realização do serviço se fosse realizado em um porto. Com relação às operações aéreas, há uma projeção de redução de até 25% no custo logístico e na armazenagem alfandegada.

Em São Paulo, a estrutura do porto seco é de 65 mil metros quadrados, sendo 20 mil m² de galpões e câmaras frias para produtos farmacêuticos e químicos.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Finanças pessoais em tempos de crise

A última Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) realizada em junho, apontou que o percentual de famílias com dívidas a vencer atingiu 77,3%. Com a inflação nas alturas e o poder de compra reduzindo mês a mês, cresce o número de endividados no país. Entre as modalidades, as dívidas com cartão de crédito lideram a lista, representando 86,6%. Cabe destacar, que o endividamento atinge todas as classes sociais. Além disso, a evolução da retomada econômica, o aumento da geração de empregos, e o conjunto de medidas de suporte à renda, como os saques extraordinários no FGTS, antecipação de 13º salário e maior valor do Auxílio Brasil, estimulam ainda mais o consumo.

O atual cenário requer cada vez mais planejamento, controle e organização das finanças. Muitos relatam a dificuldade de poupar, e quase sempre, não sobra nada no final do mês. Em inúmeros casos, o dinheiro desaparece nos primeiros dias do mês. Para vencer o mês, os brasileiros recorrem ao cartão de crédito, cheque especial, entre outros tipos de dívidas. Por essa razão, recomendo alguns passos para sair da crise financeira ou potencializar suas finanças pessoais.

Primeiro passo: Não espere sobrar dinheiro para poupar ou investir, pois não vai sobrar. Sempre haverá algo para adquirir, na maioria das vezes, coisas supérfluas, sem necessidade. As sobras sempre terão um destino. No final das contas, o dinheiro sempre encontra um fim. O ponto crucial é reservar entre 5% e 20% da renda, no momento em que recebê-la.

Segundo passo: Tenha um sonho. Saber o que quer, e priorizar um objetivo te faz enxergar um significado maior para a vida, além de contas a pagar todos os meses. Sem objetivos, não há como sair da zona de conforto e encontrar forças para poupar os recursos necessários, a fim de atingir algo que realmente deseja. Isso nos faz levantar da cama todos os dias, tendo em mente uma verdadeira causa.

Terceiro passo: Saiba quanto custa e defina um plano. Sem o valor que necessita e uma estratégia bem definida, em algum momento o foco será desviado. Não basta ter um sonho, é preciso agir. Não espere que alguém faça por você, pois ninguém fará. Assuma o controle da situação e estabeleça prioridades. Nesse ponto, precisará reduzir e/ou controlar gastos, quitar dívidas, e elaborar um planejamento financeiro adequado à sua realidade para ter a quantia que precisa.

Quarto passo: Estabeleça prazos. Depois de compreender onde, como e quanto precisa para seus objetivos. Os prazos precisam estar alinhados. Eles podem ser de curto (dois anos), médio (três a cinco anos) e longo prazo (acima de cinco anos). Lembre-se, toda estratégia depende de prazos bem definidos para atingir resultados ao final de um determinado percurso.

Quinto passo: Tenha paciência. Não espere alcançar todos os objetivos rapidamente. Afinal, toda mudança significativa e duradoura exige persistência, disciplina, paciência e tempo. Comece de onde está e não sofra pensando onde deveria estar. Não desista! Mais importante que a velocidade é estar no caminho certo. Sempre haverá uma crise na economia, um imprevisto, ou alguma dificuldade financeira. Contudo, tenha ciência que para concretizar sonhos, acreditar faz parte da jornada.

Continua na página 18

Continuação da página 17

Operações no Porto de Cabedelo terão crescimento de 65%

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

No Porto de Cabedelo, o volume de operações pode apresentar um crescimento anual de 65% até 2031, após as obras de dragagem do terminal. As melhorias no equipamento vão proporcionar a movimentação de mercadorias como granito, frutas, arroz, malte, milho e aço diretamente pelo porto, com impacto no aumento da geração de empregos, arrecadação de tributos e até a possível redução nos preços dos produtos. Isso sem contar com os benefícios da instalação do porto seco na Paraíba, que deve captar operações que seriam realizadas por outros portos.

Conforme a diretora-presidente da Companhia Docas da Paraíba, que administra o Porto de Cabedelo, Gilmara Temóteo, as operações de comércio exterior são bastante dinâmicas e as empresas escolhem o porto para escoamento da produção, conforme a capacidade de logística de armazenagem. Para ela, o porto seco será um equipamento de atração de empresas ao Porto de Cabedelo.

“Quanto mais carga a Paraíba receber, vai ser bom para o estado, independentemente de onde vai ser armazenada, porque haverá a geração de empregos, renda e arrecadação de impostos”, afirma a gestora. Ela explica que, com o aumento da área de armazenagem, o empresário pode comprar a mercadoria em grande quantidade quando estiver mais barata, ou no período de safra, deixando-a armazenada e escoar conforme o necessário às suas atividades.

A Companhia Docas está trabalhando na modernização do terminal portuário, com apoio logístico e aumento de segurança para tornar o equipamento mais competitivo. Também investe na ampliação da área de armazenagem, facilitando as operações de comércio exterior.

De acordo com o assessor de Planejamento do Porto de Cabedelo, Bonfilho Martins, a empresa Moinho Dias Branco, que é arrendatária de armazenagem do local, importa o trigo utilizado na fabricação de seus produtos, como biscoitos, massas e farinha de trigo, pelo Porto de Cabedelo. No local, o produto é armazenado e beneficiado, com a produção dos alimentos.

O terminal portuário também armazena o malte utilizado pela Heineken na fabricação de cervejas, em Pernambuco. A empresa vai construir mais seis silos de armazenagem do material, aumentando em 90% sua capacidade de estocagem.

Infraestrutura

Outra mudança na infraestrutura do terminal é a criação do pátio de regulação de caminhões de Cabedelo, o Truck Center, para regular o estacionamento dos veículos de carga. Com a construção do espaço, haverá redução da formação de filas de caminhões que circulem na cidade, aprimoração da gestão do fluxo e diminuição do estacionamento irregular dos veículos de carga nas vias de entorno do porto e de seus terminais.

O pátio será construído numa área que integra a poligonal do Porto de Cabedelo, na Retroárea do Jacaré com capacidade para estacionamento de 140 caminhões, além de restaurantes e lanchonetes, banheiros e estacionamento de veículos de passeio.



Foto: Francisco França/Secom-PB

Ampliação da capacidade no local será de 20% em relação ao registrado atualmente, enquanto a capacidade de carga por navio deve aumentar 57%

Dragagem aumenta profundidade do calado

■ Obras incluem ampliação de 9 para 11 metros de profundidade, permitindo receber e expedir navios com até 55 mil toneladas

O Porto de Cabedelo possui um calado operacional de 9,14 metros e recebe e expede navios com até 35 mil toneladas de carga embarcada. Com a dragagem, o calado operacional do porto será ampliado para 11 metros, o que permitirá que o equipamento receba e expeça navios com até 55 mil toneladas de carga embarcada. O aumento da capacidade do calado será de 20%, mas a

capacidade de carga por navio deve aumentar 57%. A largura da bacia de evolução, onde os navios fazem a curva, será ampliada de 250 metros de largura para 320 metros.

As obras de dragagem propriamente ditas devem começar em 9 de agosto, com previsão de término em 8 de outubro. A fase de projetos já começou, em um processo que inclui a realização de um projeto básico

co, outro executivo e a execução da obra.

O projeto básico já foi realizado, com a perfuração da bacia de evolução do porto com jatos de água. A perfuração do solo do canal é para determinar a consistência do solo e sua resistência, para que seja definido o tipo de draga utilizada nas obras. A etapa atual é a sondagem rotativa com outras perfurações para verificar a resistência do ma-

terial. Também haverá a realização de estudos sísmicos e avaliação das ondas das marés.

No período de realização da dragagem, a movimentação do Porto de Cabedelo não será afetada. “Quando um navio se aproximar para atracamento ou estiver partindo, a draga para e depois recomeça”, explica Bonfilho Martins. Todo o processo de obras é fiscalizado pela Capitania dos Portos.

Melhorias abrem espaço para novas transações

O aumento do calado do terminal portuário deve atrair a movimentação de produtos como granito, frutas, arroz, malte, milho e aço. De acordo com o assessor de Planejamento do porto de Cabedelo, o granito é armazenado no terminal e enviado pelo modal rodoviário para o Porto de Pecem, no Ceará, onde é embarcado para a Itália. A mercadoria não pode ser enviada diretamente por Cabedelo em razão

da profundidade do calado. Já as frutas são exportadas pelo Rio Grande do Norte.

Entre os principais produtos recebidos por Cabedelo está o trigo advindo da Argentina e do Uruguai. O *petcoke* vem de Pernambuco e é enviado aos Estados Unidos. Há uma movimentação média de 500 mil toneladas de *petcoke*, por ano.

O combustível que chega à Paraíba vem de vários portos do Brasil,

em operações de cabotagem. Conforme Bonfilho Martins, o Porto de Cabedelo funciona como um Centro de Armazenamento de Combustíveis entre Recife e Natal. “Quando há possibilidade de falta de combustíveis nestes locais, fazemos o abastecimento, sendo repostos, quando a situação é normalizada”. O Porto de Cabedelo armazena e distribui gasolina e diesel para o estado da Paraíba e exporta álcool.

Desembaraço

O desembaraço da mercadoria é mais barato, em Cabedelo. “O porto é eficiente na liberação da carga, o que é feito com celeridade. Há uma unidade da Receita Federal no local para proceder com as atividades de trânsito aduaneiro. Um procedimento mais rápido também é mais barato. Devido a essa facilidade, muitos importadores de outros estados preferem usar nosso porto, mesmo que tenham que arcar com o

deslocamento rodoviário”, aponta Bonfilho Martins.

O assessor explica que o contêiner chega em outro porto, geralmente Suape, é escaneado, lacrado e enviado por meio rodoviário à Cabedelo. Ao chegar, a Receita Federal retira o lacre e cobra o imposto, liberando a mercadoria, em seguida. As cargas transportadas em contêineres não conseguem chegar ao porto pelo mar devido à insuficiência da profundidade do calado.

Negociações serão mais atrativas às empresas

“

Numa mesma operação, será possível transportar mais carga, gerando economia aos negócios

Bonfilho Martins

Com a finalização da dragagem, as operações de comércio exterior serão mais baratas ao empresário, tornando o porto mais competitivo. “Em uma mesma operação, será possível transportar mais carga. Por exemplo, se para atracar em Cabedelo, uma empresa teria de trazer três navios com sua carga, isto será possível com dois, gerando economia aos negócios, ao passo que gera renda à Paraíba com o pagamento de tributos e empregos à população, com os serviços de desembaraço e transporte”, explica Bonfilho Martins.

Ele exemplifica que quando um navio de 30 mil toneladas desembarca no porto, mobiliza o trabalho de aproximadamente 500 pessoas, entre caminhoneiros, trabalhadores portuários avulsos, profissionais do porto, operadores portuários, pessoal administrativo e agência marítima. “Nessas operações, há a atividade ininterrupta de 100 caminhões por dia, durante quatro dias, no desembarque da mercadoria”.

Movimentação

O porto paraibano movimentou 648.908 toneladas

de mercadorias, no primeiro semestre deste ano. De acordo com a gerência de operações, no acumulado de 2022, as cargas de *petcoke* e de diesel correspondem a 56,11% do volume total de cargas movimentadas.

As exportações realizadas pelo porto cresceram 459,51%, em relação ao mesmo período do ano passado. Apenas a exportação de *petcoke* aumentou 443,59%. Além do coque de petróleo, as exportações de álcool também ganharam destaque no semestre, com alta de 11,39% em relação ao pri-

meiro semestre de 2021.

Segundo dados da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), reguladora do setor aquaviário, em 2021, o setor portuário cresceu 4,8%, no Brasil, sobre o ano de 2020. No mesmo período, o Porto de Cabedelo teve um crescimento de 15,8%.

O local funciona como um porto *hub*, um polo de distribuição regionalizado. O terminal é um porto federal e foi o primeiro do Brasil a obter regularização fundiária perante a Secretaria do Patrimônio da União (SPU).

COM PROGRAMA TECNOVA

Startups buscam a consolidação

Empresas surgidas no programa Centelha mostram variedade do empreendedorismo inovador da Paraíba

Renato Félix
Assessoria SEC&T

Os programas Centelha e Tecnova ajudam a empresas *startup* a serem criadas a se firmarem no mercado. Através deles, com financiamento federal, através da Finep, e do Governo do Estado, com execução na Paraíba pela Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia (Seect) e pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), ideias inovadoras geradas na Paraíba podem ganhar a chance de florescer. O Centelha é dedicado às ideias ainda em busca de virar empresas, enquanto o Tecnova é um passo à frente, orientado a consolidar as empresas. Este começa o financiamento de sua segunda versão, com 18 empresas se-

leccionadas, mas com um detalhe: seis delas vieram direto da primeira versão do Centelha. Essas seis empresas fizeram apresentações de seus projetos no Conecta, evento realizado no Sebrae na quarta passada, destinado a conectar as empresas dos programas a possíveis investidores. São simbólicas de como o Centelha e o Tecnova podem ser um caminho para que ideias inovadoras ganhem o mundo através do caminho do empreendedorismo. Também é simbólica a variedade de suas áreas de atuação: fabricação de bebidas fermentadas, plataforma de serviços de som, uso do audiovisual em sala de aula, monitoramento da saúde na terceira idade, banheiros públicos autolaváveis, moda feita a partir de um bordado tradicional. Conheça um pouco mais dessas empresas.

Kombucha disputa o mercado de bebidas

A kombucha é uma bebida fermentada, feita à base de chá verde e naturalmente gaseificada – mais saudável. “Ela se assemelha muito a uma cidra, um espumante, e ela é mundialmente conhecida por suas propriedades desintoxicantes e energizantes”, contou Nayara Barbosa, CEO e sócia-diretora de produção da empresa Bauá Kombucha (@bauakombucha), na apresentação. “Isso porque, na sua composição, encontramos diversas substâncias benéficas à saúde, que são naturalmente

syntheticizadas durante o processo de fermentação da bebida”. A empresa atualmente trabalha com cinco sabores: limão e gengibre; caju; flor de hibisco e canela; cajá; e abacaxi com hortelã. Com eles, a empresa disputa um mercado como alternativa a sucos, refrigerantes e bebidas alcoólicas. A ciência está no DNA do empreendimento: Naia-ra é engenheira química, assim como sua sócia, Andressa Araújo, idealizadoras do projeto.

Plataforma é portfólio para fornecedores de eventos

Sérgio Brandão trabalha há 17 anos no mercado da música, em várias funções. “Localizar fornecedores e ter canais rápidos de orçamentos, contratar esses fornecedores com segurança e qualidade é uma dor latente no mercado”, afirmou ele. A Moozk (@_moozk) é uma plataforma criada para fazer esse meio de campo entre quem presta o serviço e quem precisa dele – seja no merca-

do profissional da música, seja para eventos particulares ou corporativos. “A gente usa a geolocalização e, com uma busca rápida na nossa base de cadastro, a gente oferece opções de negócios com soluções completas e pagamentos diversificados”, explicou. “E a gente ainda vai eliminar os calotes. Muita gente compara, dizendo que somos o iFood da música”.

Bordado labirinto ganha as passarelas de moda

Morada (@moradamarca) é o nome do projeto que procura jogar holofotes na produção de bordado labirinto no Agreste paraibano. Geralmente usada para a produção de elementos decorativos, como jogos americanos e passadeiras, a técnica agora está adentrando o universo da moda – e a intenção é que se torne uma marca paraibana que ultrapasse as divisas do estado. As designers Lu Azevedo e Suellen Albuquerque comandam o projeto, que trabalha com bordadeiras que usam essa técnica que permite, através do entrelaçamento dos fios, a criação de desenhos.

“Somos professoras, designers, e quisemos, através do projeto em si, colocar para o mercado e para o mundo tudo aquilo que a gente já ensinava aos nossos alunos. O Centelha foi o impulso para que isso acontecesse”, contou Suellen. “Utilizamos essa estrutura da moda, a tradição do artesanato, o contemporâneo, as pessoas e a natureza – todo esse elo é o que se cobre no que a gente chama de morada. E há esse desejo de colocar essas mulheres no protagonismo do produto de moda, também, que muitas vezes não tem acesso a um mercado que valorize esse produto”.



Empresas fizeram apresentações de seus projetos no Conecta, evento realizado no Sebrae, na última quarta-feira



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

Idéias inovadoras geradas na Paraíba, como a Kombucha e a produção de bordado labirinto, podem ganhar a chance de florescer

Projeto audiovisual ajuda os professores

O Semente (@semente.educacaoaudiovisual) é um projeto que atua desde 2014 com o objetivo de apresentar formação para os educadores através do audiovisual, como uma maneira de inovar em suas aulas. “Mas a pandemia apresentou para os educadores uma

necessidade de atualização, de transformação, considerando os desafios do setor de educação para apresentar aulas num contexto híbrido e remoto. Foi um momento difícil para professores e estudantes”, contou Ana Bárbara Ramos, coordenadora do projeto. “Em 2020

e 2021, através do Centelha, a gente conseguiu desenvolver uma plataforma EAD e um aplicativo que ofereceu para esses professores uma oportunidade de formação”. “A nossa plataforma oferece aos educadores uma capacitação, uma oportunidade de

atualização profissional”, conta ela. “Não só nesse sentido de uma urgência contextual, mas, principalmente, para auxiliar seus estudantes, possibilitando uma forma diferente de lidar com a tecnologia na educação, de uma forma humanizada e criativa”.

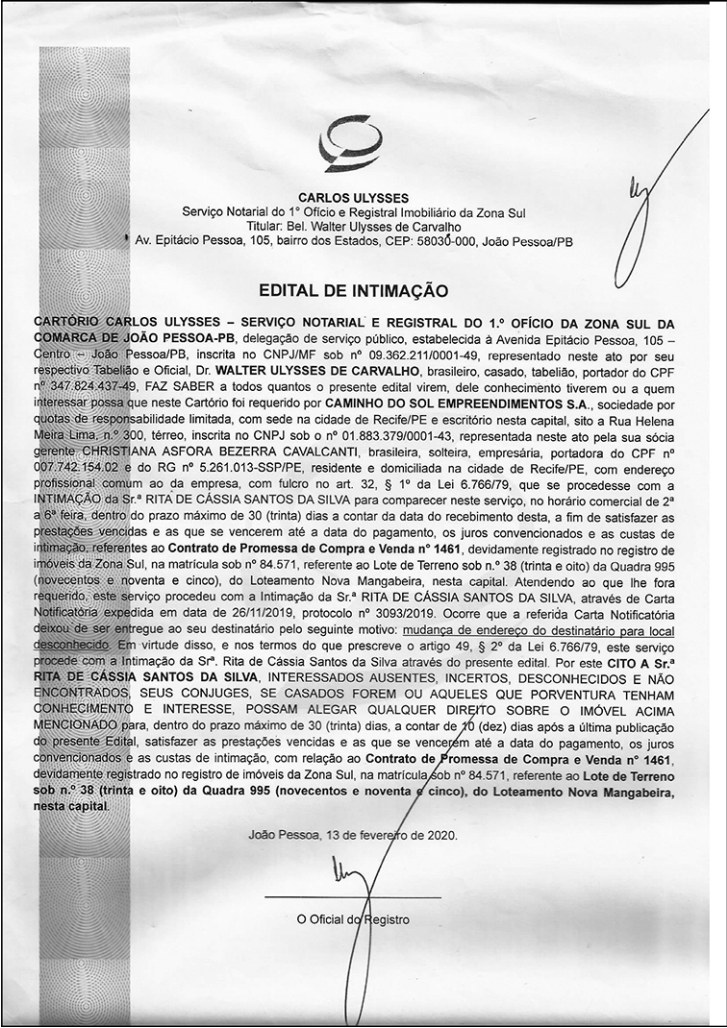
Monitorando a saúde na terceira idade

O envelhecimento da população é o nicho onde se insere a Sênior Saúde Móvel (@seniorsaudemovel), uma empresa que nasceu de pesquisas sobre o tema na Universidade Federal da Paraíba. “Quando a gente começou a perceber que nossa pesquisa de bancada poderia se tornar um modelo de negócios voltado para o mercado e o Centelha foi o grande impulsionador nessa jornada”, afirma Eujessika Rodrigues, fundadora da empresa, pesquisadora na área de envelhecimento humano e do Núcleo de Tecnologias

Estratégicas em Saúde (Nutes/UFPB). “Foi quando a gente começou a entender como transformar aquilo que a gente fazia somente em pesquisa como algo voltando tanto para pesquisadores, mas também usuários e clientes da nossa solução”. O produto é um sistema de monitoramento remoto, utilizando internet e inteligência artificial. “Nossos usuários utilizam dispositivos vestíveis onde, através de sensores embarcados, a gente consegue captar informações dos dados desses sensores e transformar esses

dados em informações de saúde para o profissional”, explica. As informações podem ser a variabilidade da frequência cardíaca, padrão e velocidade da marcha, frequências urinárias noturnas e elas são destinadas

tanto ao profissional responsável, como também ao cliente ou a algum familiar. A tecnologia já está sendo usada na ala geriátrica do Real Hospital Português, em Recife, e condomínios para idosos.



NO SERIDÓ PARAIBANO

Descoberto novo sítio arqueológico

Achado é resultado do trabalho de equipe do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Mais um sítio arqueológico de arte rupestre foi encontrado na Paraíba. A descoberta ocorreu no dia 5 de julho, no Sítio Tanques, localizado na zona rural de Frei Martinho, Seridó do estado.

O achado é resultado do trabalho da equipe do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia (Labap) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A próxima etapa é o registro junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e o sítio será aberto para visitação turística.

O paleontólogo e arqueólogo Juvandi de Souza, que está à frente do Labap/UEPB, declarou que as inscrições encontradas são de povos coletores, caçadores e pescadores da pré-história. As gravuras rupestres têm 5 mil anos aproximadamente, conforme estima o especialista.

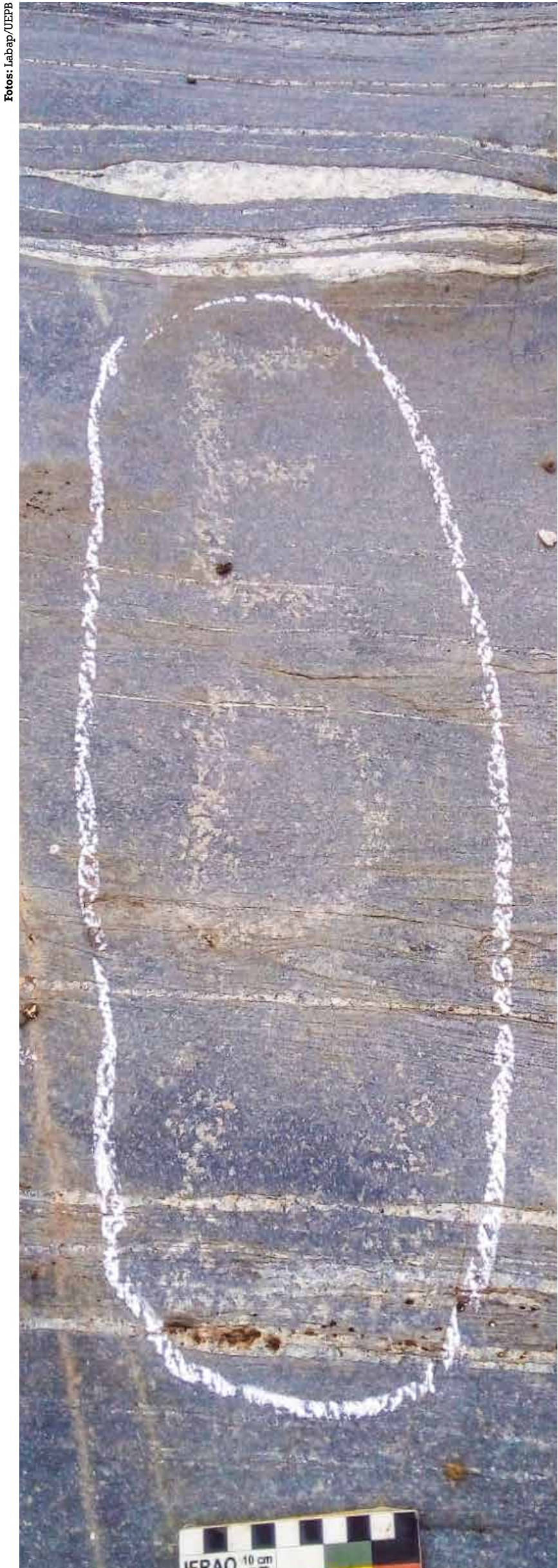
“Para a arqueologia, o encontro desse novo sítio arqueológico mostra a intensa ocupação do que hoje é a Paraíba no passado. Mais uma importante fonte de pesquisa sobre a pré-história do estado”, observou.

Cada vez que o professor Juvandi de Souza e sua equipe adentram pelo interior do Estado encontram novos sítios e, por isso, ele afirma que a Paraíba é um verdadeiro berço arqueológico. “É algo notável. Uma quantidade gigantesca de ocorrências arqueológicas e também paleontológicas das quais, aos poucos, a população vai tomando conhecimento”, disse.

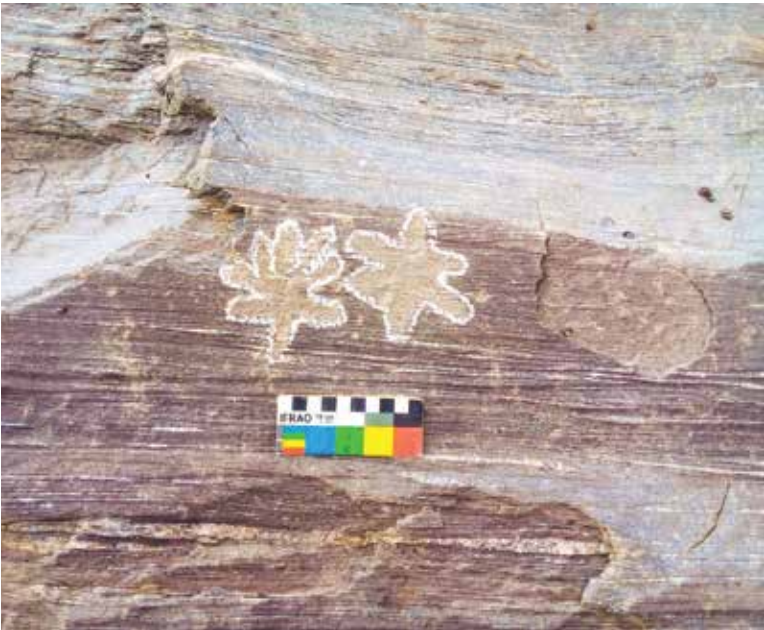
Apesar de apontar o período estimado em que foram feitas as inscrições, o arqueólogo explicou que ainda é cedo para se falar sobre quais povos passaram por aqui e deixaram esses rastros históricos. Segundo ele, é preciso encontrar os aldeamentos, realizar escavações para ter uma ideia mais geral sobre esses grupos humanos.

Do Sítio Tanques, em Frei Martinho, a equipe realizou um salvamento paleontológico no município de Baraúna, Seridó oriental da Paraíba. O processo foi devidamente autorizado pela Agência Nacional de Mineração. E no final do mês, com pesquisadores da Universidade Federal do Ceará, serão retomadas as atividades de pesquisas em um cemitério indígena no município de Caraúbas.

“Pedimos à população que não deprede esses locais. Sítios arqueológicos contam a história do Brasil, aquela que ainda não consta nos livros de história. Em alguns deles, encontramos pichações”, acrescentou o arqueólogo e paleontólogo.



Ainda não é possível definir que povos deixaram os rastros históricos



Gravuras devem ter cinco mil anos, acreditam os pesquisadores

Estudos se concentram no Sertão, Cariri e Seridó

A Paraíba apresenta uma quantidade de ocorrências arqueológicas, paleontológicas e espeleológicas gigantescas, e a região mais seca do estado se tornou celeiro para diversas pesquisas. É no Cariri, Seridó e Sertão que se concentra a maior parte dos estudos. Ali, além dos tesouros já descobertos, estão guardados resquícios que ajudam a contar a história do estado, de seu povo, dos costumes.

Em 2021, a equipe do Labap/UEPB fez uma série de descobertas. Entre elas estão os antigos fornos de cal nas cidades de Caraúbas, Santa Cecília e Congo. Também foram encontrados alguns cemitérios de bexigentos, locais onde eram enterradas as pessoas que morriam de doenças contagiosas, em municípios como Patos, Zabelê, Cuitê e Pocinhos.

Além disso, foram locali-

zados diversos sítios de arte rupestre na região polarizada por Catolé do Rocha, município que abriga o maior complexo arqueológico rupestre do Brasil. A área de abrangência são os municípios de Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, Belém do Brejo do Cruz, São José do Brejo do Cruz, São Bento e Pombal.

Todas as descobertas são encaminhadas ao Iphan e, no Instituto, passaram pela prospecção dos sítios, que é uma varredura na área; cadastro junto ao Iphan nacional; elaboração de projetos de pesquisas e o encaminhamento para o Instituto que libera ou não o trabalho da equipe nesses locais.

Em 2021 foi feito ainda o salvamento paleontológico em quatro tanques com a presença de fósseis de megafauna, e cadastrados vários abrigos rochosos e cavernas no interior do estado.



Descoberta foi feita no Sítio Tanques, município de Frei Martinho

Catolé do Rocha abriga maior complexo rupestre da Paraíba

O maior complexo arqueológico rupestre da Paraíba e, possivelmente, um dos maiores sítios com gravura rupestre do Brasil, foi localizado, em agosto de 2021, durante um tra-

balho de mapeamento no município de Catolé do Rocha, no Sertão do estado. O achado histórico fica no sítio arqueológico Malhada de Areia, na zona rural, a cerca de 20 quilômetros da cidade.

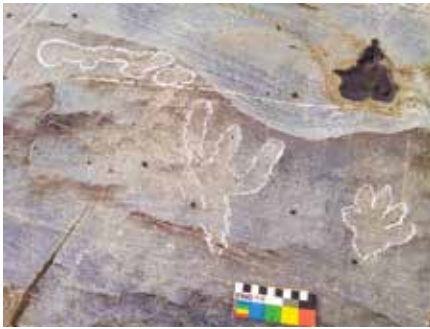
“Sem sombra de dúvida, é o maior sítio arqueológico da Paraíba”, ressaltou o professor Juvandi de Souza Santos, assim que o sítio foi localizado. A descoberta foi feita com a ajuda de pesqui-

sadores daquele município e, conforme o coordenador da pesquisa, trata-se do maior complexo arqueológico em extensão e em quantidade de gravuras da Paraíba.

Assim que o sítio foi des-

coberto, o arqueólogo declarou que havia informações sobre a existência de um fragmento muito pequeno do sítio, mas não esperava encontrar tamanha quantidade, o que foi cons-

tatado quando os pesquisadores passaram a explorar mais adiante. O pesquisador explicou que não se pode afirmar a qual povo podem ser atribuídas as inscrições.



Achado histórico, com grande quantidade de gravuras, foi realizado em agosto do ano passado, durante trabalho de mapeamento na zona rural com a ajuda de pesquisadores do município

Ilustração: Tônio



O jogo de xadrez é um esporte de muita concentração; partida mais longa da história durou 20 horas e 15 minutos

Xadrez: jogo que mistura arte e ciência

Comitê Olímpico Internacional reconhece o esporte, mas ainda não o inseriu nos Jogos Olímpicos, mesmo diante de sua grande popularidade ao longo dos anos

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Um tabuleiro quadrado dividido em 64 casas. De um lado, 16 peças pretas, do outro a mesma quantidade de peças brancas simulam uma guerra entre reinos. Peões, torres, cavalos, bispos, dama e rei se enfrentam em uma disputa que exige, de cada jogador, lógica, estratégia e muita tática. É preciso pensar muito antes de executar a jogada, tanto que elas são cronometradas tendo a mais longa partida da história, registrada no livro dos records, durado 20 horas e 15 minutos ininterruptamente. Bem mais rápida que a realizada por correspondência-sim, as jogadas eram comunicadas por mensageiros a cavalo, pombos-correio, telégrafo e cartas-entre dois sul-africanos que, segundo registros, teria durado 53 anos, tendo sido finalizada em decorrência da morte de um dos jogadores.

Considerado um dos mais antigos e populares esportes do mundo - desde 1999 o xadrez é reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como um esporte, apesar de não estar inserido nos Jogos Olímpicos-, na Paraíba o xadrez tem ganhado cada vez mais adeptos. O incentivo das escolas tem feito crescer o número de interessados. Séries como O Gambito da Rainha, estreada pela Netflix, também despertaram a curiosidade para a prática. E mais, segundo o presidente da Federação Paraibana de Xadrez (FPBX), Marcello Urquiza, o isolamento causado pela pandemia da Covid-19 também colaborou para esse crescimento. "Na pandemia o xadrez presencial parou. Em compensação o xadrez on-line teve um boom. Milhares de pessoas no

mundo estrearam no virtual e passaram a jogar on-line, então essa popularização aconteceu e revelou jogadores muito talentosos".

A própria FPBX, que precisou pausar eventos e competições, está retornando gradativamente às atividades. A ideia é reforçar os encontros frente a frente. "Um circuito itinerante foi iniciado nas escolas da cidade. No final de julho, em Campina Grande, acontece o campeonato paraibano nas modalidades rápido e blitz. Para agosto está previsto o Campeonato Brasileiro Sênior, iniciativa da Confederação Brasileira de Xadrez com apoio da federação", destaca Marcello Urquiza. O entrevistado lembra ainda a importância dos clubes formados por pessoas que se reúnem para jogar e que acabam fomentando, mesmo que de maneira informal, o desenvolvimento do xadrez. "Tem grupos de xadrez ativos em todo o estado, do sertão ao litoral. Pessoas que se reúnem em shoppings, salas, praças... de modo que existem muitos grupos sendo formados todos os dias".

Nas escolas

No Centro Educacional de Inovação e Tecnologia da Paraíba (Inotech), que desenvolve competências e habilidades na área da tecnologia e inovação, o xadrez faz parte da matriz curricular. Mais que distração para os momentos de intervalo, a prática está presente na disciplina intitulada 'raciocínio e xadrez' do curso técnico em informática. Para Klebber Maux Dias, que é professor de Física, lógica e xadrez do Inotech, o jogo de tabuleiro é vital por trabalhar o indivíduo em sua complexidade. Ética, memória estática, dinâmica da inteligência, equilíbrio emocional são apenas alguns dos pontos destacados.

Para o docente não há como pensar o ensino sem a prática do xadrez. "As aulas são para resolver exercícios de finais, de estratégia e de tática, que estão correlacionados com as disciplinas da formação técnica em Informática e da Base Nacional Comum Curricular". E o professor vai mais longe. "Uma das minhas prioridades é estimular os alunos para uma formação científica com a conclusão de um doutorado antes dos 25 anos de idade". E não é por menos, Klebber Maux sabe que o objetivo pode sim ser alcançado. "Pelo menos 90% dos meus ex-alunos concluíram mestrados e doutorados em várias áreas e também participaram de olimpíadas de física e matemática".

A aluna Rebeca Raianny conta que os benefícios do xadrez ultrapassam os limites da sala de aula. É a partir do tabuleiro que a estudante de informática, aluna do segundo ano do Ensino Médio, aprende lições para a vida. "A gente passa a analisar melhor as situações e até prevê o que vai acontecer. Me ajudou também a ter visão do que eu quero", pondera. Já para Angelo Gabriel, a disciplina de 'raciocínio e xadrez' marcou um feliz reencontro. O aluno, que cursa o primeiro ano do Ensino Médio, conheceu o esporte ainda durante o Fundamental dois, e ficou surpreso com o fato do esporte ser parte da matriz curricular do curso técnico. "Fiquei surpreso porque parei de jogar em certo momento e aqui no curso tive a oportunidade de jogar novamente. Me ajudou muito no curso".

Nas escolas da rede municipal de ensino o xadrez chegou em 2005 e logo percebeu-se os benefícios da prática na vida dos alunos. "Tanto no campo social, como no desportivo. Nesse aspecto tivemos várias partici-

pações nas Olimpíadas Escolares Brasileiras. Conquistamos três medalhas em nível nacional, isso depois termos vencido nos dois naipes vários Jogos Escolares na PB", lembra o mestre diplomado pela Federação Internacional de Xadrez e professor, Francisco de Assis Cavalcanti (Chiquinho).

A professora Lili Cavalcante, da rede municipal de ensino, reforçou a relevância da prática no desenvolvimento dos alunos. "Já foi constatado através de pesquisas que o xadrez tem relação com a parte cognitiva e evolução intelectual dos alunos. É bom também porque estimula a concentração, o senso crítico, a curiosidade e até o gosto por línguas estrangeiras". Segundo a docente, o fato de haver muito material escrito em outras línguas, acaba por despertar o interesse dos enxadristas e mais, a professora que há 15 anos trabalha com o jogo de xadrez, pontua outros aspectos importantes da prática. "Há um desenvolvimento integral e não só em uma área. Matemática, linguística, inteligência espacial, autoestima". Sobre esse último ponto, disse, se dá ao fato do esporte, antes elitizado, estar se popularizando cada vez mais. "A partir do momento que é praticado nas escolas da rede pública, esses alunos se sentem mais valorizados".

Origem

A história do xadrez tem origem controversa, mas é possível afirmar que o jogo foi inventado na Ásia. Atualmente, a versão amplamente difundida é a de que teria surgido na Índia com o nome de Chaturanga e dali se espalhou para a China, Rússia, Pérsia e Europa, onde se estabeleceram as regras atuais. Pesquisas recentes indicam uma possível origem na China do século III a.C. Fonte: Wikipédia)



Foto: Vinicius Palheta/Portaleza

O Flamengo lidera a disputa nas arquibancadas e ostenta média de público de 54.599 pessoas

PÚBLICO NOS ESTÁDIOS

Brasileirão supera os três milhões

Considerando todos os jogos até a 15ª rodada, média de público por partida já ultrapassa a casa dos 20 mil pagantes

Agência Estado

Principal produto do futebol nacional, a edição deste ano do Campeonato Brasileiro vem se consolidando como sucesso de bilheteria. Somando todos os jogos da competição até a 15ª rodada, o número de torcedores nos estádios superou 3 milhões, com média por jogo que ultrapassa a casa dos 20 mil pagantes. Um recorde. Principal vitrine dos times nacionais, a competição vem se notabilizando por ostentar arenas cheias, média de público crescente e fidelização das torcidas. Fatores como praças esportivas bem equipadas e confortáveis, iniciativa nas redes sociais para mobilizar os seguidores, ação de programas de sócio-torcedor e até inserções comerciais ajudam a promover a competição. Atraente, o Brasileirão fica mais palpável para ser consumido.

No histórico do Campeonato Brasileiro, a edição de 1983 foi a que alcançou a melhor marca de público (22.953 pagantes por duelo). Naquele ano, a partida final aconteceu no Maracanã e terminou com o Flamengo campeão e o Santos, vice. O público daquela partida registrou o recorde do torneio com 155.523 pessoas. Os estádios não comportam mais tanta gente assim, a média é de 45 mil lugares, exceto para estádios como Maracanã e Mineirão, que chegam a 70 mil ou mais torcedores.

Ocupando a posição intermediária na tabela de classificação, o time da Gávea é um dos responsáveis por essa alta frequência nas arenas em 2022. O time rubro-negro lidera a disputa nas arquibancadas e ostenta média de público de 54.599 pessoas. No cômputo geral, o time de Gabriel e Arrascaeta arrastou mais de 380 mil torcedores aos estádios desde o início do Estadual desta temporada.

Isso tem muito a ver com o programa de sócio-torcedor, que hibernaram durante a pandemia e agora são retomados com muita sede por parte dos torcedores. A tendência de crescimento continua em relação aos associados, obrigando os organizadores a se reinventar para atrair mais participantes. Os clubes têm no sócio-torcedor uma fonte de receita importante.

O Corinthians não faz um único jogo, seja ele qual for, sem sua arena balançar, com quase 37 mil pessoas de média. Ao lado do Flamengo, joga a conta lá para cima. O Palmeiras vem logo atrás com 33.465 fãs por partida. Já no Morumbi, a cada jogo, 28.030 são-paulinos acompanham o desempenho do São Paulo de Rogério Ceni. O estádio também é um desses de concepções antigas, com mais lugares. Fechando a lista dos clubes grandes de São Paulo, o Santos tem a 13ª melhor média do Brasileirão, com 12.924 presentes. A Vila tem capacidade de 15 mil, mas o time

da, temos arenas menores, mas que estão sempre cheias. Observamos iniciativas nas redes sociais para seduzirem os fãs a irem ao estádio, onde também conseguem encontrar produtos licenciados e gerar outras fontes de renda”, diz.

A implantação e o aperfeiçoamento dos programas de sócio-torcedor é o carro-chefe desse processo. Em tempos de retorno do público com a vacinação contra a covid-19, os clubes foram atrás de vantagens e promoções para aproximar o torcedor do seu estádio. E recuperá-lo também. Departamentos inteiros de

neios de tênis de mesa, poker, entre outras ações”, explica Anna Canela, analista de marketing do clube. “Para os torcedores que moram fora da capital, os valores do plano podem sair até pela metade do valor habitual em função da frequência ser bem menor.”

Cumprindo uma temporada onde é favorito nas três competições que disputa, o Palmeiras também aposta na cumplicidade de seu torcedor para fazer do Allianz Parque um caldeirão. De acordo com o clube, a média de público, que gira em torno dos 30 mil palmeirenses

O Internacional segue a tendência de aposta em ações com o seu torcedor. Segundo Victor Grunberg, vice-presidente de Administração e Patrimônio do clube de Porto Alegre, a equipe gaúcha quer centrar o foco nessa iniciativa. “O Inter foi o primeiro clube do Brasil a bater a marca dos 100 mil sócios. Queremos retomar isso. No Rio Grande do Sul, a torcida é dividida praticamente na metade com o Grêmio. O programa ajuda a fidelizar o torcedor. Ganhamos uma renda fixa mensal e a gente vê na comunidade gaúcha o orgulho do torcedor de ser associado ao grande clube da cidade”, provoca.

Atento às novidades, Grunberg afirmou que existe uma preocupação em atualizar e aprimorar melhorias a fim de fazer a receita crescer com essas iniciativas. “Conversamos com clubes do Brasil, América Latina e Europa. Isso é uma prática normal. O nosso último contato, por exemplo, foi com o Athletico-PR”. A ideia é trocar experiências e descobrir caminhos. O jogo por si já é um atrativo. Mas os torcedores querem cada vez mais. Eles precisam sentir que vale a pena ser sócio-torcedor.

O aumento no quadro de sócios em mais de 45% neste ano também se deve ao investimento nessa prática. Esse é o caso do Avaí. A equipe catarinense se destaca pela presença dos inscritos no programa dos jogos na Ressacada. Na partida contra o América-MG, que marcou sua reestreia na Série A, mais de 94% do público pagante era assinante do “Sempre Avaí”. “O crescimento do programa é uma das prioridades da gestão. Desde que assumimos, conseguimos atingir a marca de 10 mil apoiadores. Além da importância financeira, a fidelização é importante para aumentar a força nos jogos dentro de casa e atingir os nossos objetivos na primeira divisão”, ressalta Júlio Heerdt, presidente do clube

Ocupando a posição intermediária na classificação, o Avaí apresenta média de público de quase 10 mil torcedores. O empate de 2 a 2 com o Palmeiras na Ressacada registrou o seu melhor público na competição: 15.233 pagantes.

Foto: Rodrigo Coca/Corinthians

O Corinthians não faz um jogo sem sua arena balançar, mantendo uma excelente média de 37 mil pessoas por partida

17ª RODADA

Campeonato terá cinco partidas hoje

Clássico São Paulo x Fluminense é o destaque deste domingo, no Estádio do Morumbi, a partir das 16h

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

São Paulo e Fluminense fazem hoje, às 16h, no Estádio do Morumbi, em São Paulo, um dos jogos mais importantes deste domingo, pela 17ª rodada do Brasileirão. O tricolor paulista, que vem de uma classificação para as quartas de final da Copa do Brasil, em cima do Palmeiras, é atualmente o 7º colocado com 23 pontos e na última rodada empatou em 0 a 0 com o Atlético, em Minas Gerais. Já o tricolor carioca também passou para as quartas de final da Copa do Brasil, vencendo o Cruzeiro e está na 5ª colocação com 27 pontos. Na última rodada, o Flu venceu o Ceará por 2 a 1.

Outro jogo de destaque deste domingo é Botafogo x Atlético-MG, a partir das 18h, no Estádio Nilton Santos, no Rio de Janeiro. O Glorioso vem fazendo uma campanha apenas regular. O clube está na 10ª colocação com 21 pontos e vem de uma derrota para o Cuiabá, por 2 a 0. Já o Atlético está de ressaca com a eliminação da Copa do Brasil para o Flamengo, no meio de semana. No Brasileiro, o Galo vem de um empate em casa contra o São Paulo em 0 a 0, e é o 4º colocado com 28 pontos.

A rodada ainda prossegue com mais três jogos. A partir das 11h, o Juventude receberá o Goiás, no Estádio Alfredo



Foto: Cesar Greco/Palmeiras

Na última quinta-feira, o São Paulo conseguiu eliminar o favorito Palmeiras da Copa do Brasil e hoje volta a jogar pelo Campeonato Brasileiro

Jacome, em Caxias do Sul. Às 18 horas, jogam Atlético-GO x Fortaleza, no Antônio Accioly, em Goiânia. E fechando o domingo, o América Mineiro enfrenta o Bragantino, no Independência, em Belo Horizonte. Amanhã, jogam Palmeiras x Cuiabá, no Al-

lianz parque, em São Paulo, a partir das 20h.

Série B

A Série B programa apenas dois jogos neste domingo, pela 18ª rodada. Em Recife, o Náutico vai receber a Chapecoense, a partir das 16h, no

Estádio dos Aflitos, e em Belo Horizonte, o Cruzeiro vai encarar o Novorizontino, às 16h, na Arena Mineirão.

Série C

A terceira divisão terá o maior número de jogos neste domingo. Ao todo, serão

seis partidas, começando por Brasil x Atlético Cearense, a partir das 11h da manhã, no Estádio Bento Gonçalves, em Pelotas-RS. Às 16h, jogam Vitória x Paysandu, no Barradão, em Salvador, e Aparecidense x Altos, no Aníbal Toledo, em Apa-

recida do Norte-GO. Às 18 horas, Confiança x São José, no Estádio Batistão. A partir das 19h, Remo x ABC, no Baenão, em Belém-PA. Já fechando a rodada, às 20h, na segunda-feira, jogam Manaus x Volta Redonda, na Arena da Amazônia.

LEI GERAL DO ESPORTE

Relator defende projeto e diz que atletas não leram o texto

Ricardo Magatti
Agência Estado

Relator da nova Lei Geral do Esporte, o deputado Felipe Carreras (PSB-PE) tem sido alvo de uma série de críticas de jogadores de futebol, sobretudo dos que defendem grandes clubes do Brasil. O parlamentar respondeu aos questionamentos da reportagem e deu a sua interpretação sobre a parte controversa do Projeto de Lei 1153/19. Ele afirmou que os atletas não entenderam o conteúdo da proposta e estão, em sua visão, sendo influenciados

por "advogados milionários". "Acho que eles não estão tendo a informação devida. Muitos estão copiando e colando mensagens sem terem a profundidade do texto", rebate Carreras, em entrevista ao Estadão.

Descontentes com alguns pontos da proposição por entenderem que a lei aprovada na Câmara na semana passada vai reduzir direitos trabalhistas da categoria, os atletas começaram uma cruzada contra o projeto e fizeram protestos durante jogos da última rodada do Brasileirão, ficando imóveis com a

mão na boca durante alguns segundos antes das partidas. Além disso, fizeram publicações em suas redes sociais condenando o texto.

Na avaliação do parlamentar, a postura dos atletas é resultado de manipulação de um grupo de advogados. "Quem está mandando o insumo das mensagens é um grupo pequeno de advogados que ganham muito dinheiro. Isso vira verdade e eles transformam em material de guerra na internet. Os jogadores não têm noção do conteúdo. Eles não pararam para ler o texto."

O projeto que cria a nova Lei Geral do Esporte, originário do Senado, atualiza a Lei Pelé e consolida em um única legislação uma série de normas referentes à prática esportiva e seus desdobramentos no país. O ponto de divergência entre clubes e atletas diz respeito às regras de contratação, demissão e rescisão contratual. O texto aprovado na Câmara trouxe mudanças em relação ao texto original em relação a esse tema.

O dispositivo em questão dá aos clubes a possibilidade de estipular um valor redu-

zido a ser pago em caso de rescisão contratual. Atualmente, a Lei Pelé obriga o pagamento de 100% do valor referente ao vínculo completo, mesmo que ele seja encerrado anteriormente. Com a mudança, jogadores ainda podem receber o valor integral, mas os times terão a opção de negociar a redução no ato da contratação, deixando estabelecida a quantia a ser acertada em caso de rescisão.

Carreras argumenta que a nova lei não reduz direitos dos atletas, inclusive dos que ganham um salário mínimo, que corresponde a 82% da ca-

tegoria no Brasil. Segundo relatório da CBF, pouco mais de 23 mil atletas ganham até um salário mínimo e 13,68% ou 3.859 jogadores recebem até R\$ 5.000,00. "Estão falando sem saber que o contrato de um ano com a multa de 100% veio justamente para proteger os jogadores que recebem salário mínimo, que ganham pouco", argumenta.

Os jogadores também reclamam que não foram consultados sobre o assunto. No entanto, Carreras diz ter se encontrado com diferentes entidades e associações para debater sobre os detalhes do projeto de lei. Ele contou ter se reunido com membros da Federação das Associações de Atletas Profissionais (Faap) e também presidentes de alguns clubes das Séries A e B do Campeonato Brasileiro. Além disso, afirmou ter feito uma audiência pública no ano passado.

"Eu falei com associações e federações. Não vou ligar para advogado que forma grupo de WhatsApp e tenta tomar dinheiro de clube", enfatiza. "Falei com os presidentes de Atlético-MG, Athletico-PR, Fluminense, Flamengo e Sport. Também ouvi representantes do São Paulo. Foi uma demanda de todos os clubes. Eles foram unânimes em relação ao texto que nós apresentamos." Os clubes se interessam pelo projeto especialmente porque vão poder reduzir custos com multas rescisórias.



Foto: Lucas Barbosa/Santos FC

Jogadores do Santos, com a mão na boca, protestam em rodada do Brasileirão contra a nova Lei Geral do Esporte

Acho que eles não estão tendo a informação devida. Muitos estão copiando e colando mensagens sem terem a profundidade do texto

Felipe Carreras

NAS ONDAS DO RÁDIO

Grito de gol agora está sob ameaça

*Novo projeto da Lei Geral do Esporte dá aos clubes o direito de cobrar pelo uso da imagem e som nos jogos*Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Foto: Divulgação/EPC

O rádio transmite palavras e são os profissionais que trabalham nele que têm o desafio de criar o imaginário, transmitir emoções e utilidade pública ao ouvinte. É no esporte mais popular do Brasil que ele se destaca, sua cumplicidade com o futebol é tanta que não apenas os jogadores viram ídolos, mas muitos locutores esportivos também consolidam uma trajetória de fama.

Aliado ao futebol, ele se torna uma paixão nacional presente nos estádios, transmitindo emoções por meio da voz de profissionais que transcendem as quatro linhas, para chegar aos ouvintes nas mais diversas plataformas digitais contemporâneas na história da crônica esportiva do Brasil. No entanto, todo esse envolvimento entre rádio e futebol estar ameaçado pela nova configuração viabilizada para as transmissões radioesportivas no Brasil.

Se depender da Câmara dos Deputados, as transmissões de futebol pelo rádio passarão a exigir os direitos autorais para serem veiculados pelas emissoras do país. O aditivo inserido na Lei Geral do Esporte (PL 1153/19, do deputado Felipe Carreras, PSB-PE), aprovada no último dia 6 de julho, abre possibilidade para que os clubes de futebol cobrem direitos de transmissão das emissoras de rádio. O artigo 159 da Lei Geral do Esporte destaca que “a difusão de imagens e/ou sons captados em eventos esportivos é passível de exploração comercial”. O texto também ressalta que pertence ao time mandante o direito de explorar comercialmente imagem e som.

O Jornal **A União** ouviu representantes das principais entidades da crônica esportiva da Paraíba e também profissionais que atuam nas transmissões de futebol pelo rádio nas principais regiões do estado. Todos foram unânimes em se posicionar contrários à lei, eles ainda admiram que a medida possa contribuir para o fim das atividades de profissionais que atuam na divulgação do futebol pelas ondas do rádio.

Jorge Silva, 62 anos, atualmente narrador da Rádio Tabajara, João Pessoa, iniciou a carreira na década de 70, já passou por emissoras como Rádios Arapuá, Correio e Sanhauá, sendo na maioria deles com trabalhos independentes com a formação terceirizada do departamento esportivo. Jorge lamenta a aprovação da nova lei e pede a colaboração de políticos e das entidades representantes na luta pelos direitos dos profissionais da crônica esportiva.

“Ao longo de minha trajetória profissional tenho a experiência de ter vivido todas as dificuldades imagináveis das transmissões de futebol, como por exemplo, as dificuldades de viagens e manutenção de equipamentos de transmissões. Essa



As transmissões pelo rádio têm uma grande cumplicidade com o torcedor e agora estão ameaçadas, caso as emissoras sejam obrigadas a pagar

decisão é um desrespeito aos profissionais que tanto já contribuíram e ainda contribuem para a divulgação do futebol no rádio, pelos quatro cantos do país. Temos de lutar e buscar apoio de nossos representantes políticos para que eles se mobilizem e essa lei que tenta cobrar direitos autorais das emissoras pelas transmissões não possa ser aprovada no Senado Federal”, comentou.

Na região do Sertão paraibano, uma das mais tradicionais vozes que se destacam da crônica esportiva é a de Francisco Alves (Tatico), 65 anos, sendo 45 deles dedicados às transmissões de futebol pela Rádio Difusora AM de Cajazeiras. Prestes a anunciar a aposentadoria, ele admite que a crônica esportiva enfrenta o momento mais crítico de sua história.

“Há mais de quatro décadas que me propus a dar minha contribuição na qualidade de desportista para a divulgação do futebol pelo rádio, para toda a Paraíba, em especial, a região do Alto Sertão, polarizada pelo município de Cajazeiras.

Nunca me deparei com algo parecido, fico extremamente triste em finalizar a minha carreira tendo de presenciar a tentativa de proibição das atividades profissionais da velha guarda e das novas gerações da crônica esportiva do país. Essa lei vem para sepultar as transmissões de futebol, por meio do maior veículo de comunicação do país”, disse.

Por fim, Rostand Lucena, narrador da Rádio Caturité AM e com passagem pela Rádio Borborema, ambas em Campina Grande, teme pelo fim das atividades de profissionais que atuam na crônica esportiva, não apenas na Paraíba, como também no Brasil.

“Boa parte da divulgação do futebol pelo Brasil deve-se à grandeza do rádio esportivo, dando evidência e dimensão aos jogadores e clubes profissionais. Ao longo dos anos os profissionais do rádio enfrentam dificuldades em termos financeiros, principalmente, os departamentos esportivos independentes que pagam pelos horários nas emissoras de rádio, sendo para muitos a úni-

ca fonte de renda. Caso essa lei seja realmente aprovada, ela estará decretando o fim dos departamentos esportivos e das atividades de vários profissionais da crônica esportiva do país”, finalizou.

Entidades se posicionam

Procurados pela reportagem do Jornal **A União**, os presidentes das principais entidades representativas dos cronistas esportivos da Paraíba afirmaram estar unindo forças na tentativa de reverter a lei aprovada pela Câmara Federal que abre brechas para a cobrança por direitos autorais para as transmissões de futebol pelo rádio.

“Recebemos essa informação como um absurdo, jamais se viu na história da crônica esportiva deste país uma iniciativa tomada por um parlamentar. Somos totalmente contra a essa proposta devido à contribuição para a divulgação e todas as dificuldades de logística de transmissões do futebol pelo rádio, as quais são enfrentadas pelos profissionais. Todas as classes re-

presentativas do Brasil, inclusive, a ACEPB estão lutando, junto aos representantes políticos, para tentar derrubar essa decisão”, afirmou Ailton Cavalcanti, presidente da Associação dos Cronistas Esportivos da Paraíba - ACEP-PB.

O presidente da Associação Paraibana dos Cronistas Esportivos lamenta a decisão pela lei, mas acredita que ela será barrada pelo Senado Federal. “Os deputados responsáveis pela aprovação dessa lei tem de entender que nós, enquanto profissionais da crônica esportiva, somos um dos principais promotores da divulgação do futebol pelo Brasil, pois tudo começa pelo rádio. É lamentável que ainda existam pessoas com o pensamento de tentar limitar o trabalho de nossos profissionais. No entanto, acredito que a proposta seja barrada, quando for analisada pela Câmara do Senado”, pontuou Elialdo Silva.

Aprovada na Câmara Federal, a Lei Geral do Esporte, agora passa a ser avaliada pelo Senado.

Foto: Reprodução/Instagram



Foto: Reprodução/Instagram



Foto: Divulgação/EPC



Rostand Lucena teme pelos profissionais que atuam na crônica esportiva mesma opinião de Ailton Cavalcante, da Acep, e Jorge Silva, preocupados com a nova legislação sobre as transmissões

Forte Velho: a primeira fortificação armada da Paraíba

Povoação ribeirinha de 438 anos de existência está localizada em Santa Rita, à margem direita do Rio Paraíba e distante 39 quilômetros de João Pessoa

Hilton Gouvêa
itongoveia@gmail.com

Em 2 de maio deste ano, Forte Velho, uma povoação ribeirinha localizada em Santa Rita, à margem direita do Rio Paraíba e distante a 39 quilômetros de João Pessoa, completou 438 de existência. De acordo com o historiador Guilherme D'Ávilla Lins, “esses anos de quase quatro séculos e meio serviram também de respaldo para eliminar uma dúvida histórica: essa localidade foi, sim, a primeira fortificação armada da Paraíba, mas estava errada a concepção de que seria a primeira povoação do estado”.

Forte Velho é a mais recente denominação do Forte de São Felipe e São Tiago, construído no estuário do Rio Paraíba por ordem imposta pelo general espanhol Diogo Flores Valdez, que chegou por lá no final de 1583 para início de 1584 – um ano e três meses antes de ser implantado o marco inicial da cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves (hoje, João Pessoa), em 5 de agosto de 1585. Valdez veio a convite do governador da Bahia (na época, Salvador era a capital do Brasil), Manoel Teles Barreto, com o objetivo de ajudar Frutuoso Barbosa na conquista da Paraíba.

A escolha de Teles não fora muito boa. Valdez já vinha de uma missão fracassada no Estreito de Magalhães, que consistia, segundo o historiador paraibano Horácio de Almeida, em combater corsários e piratas que infestavam aquela rota, em demanda da América, para saquear os comboios transportadores de prata, estanho e ouro do Peru para a Espanha. Esse projeto bélico, além de nunca ser cumprido, transformou-se numa sequência de azares para Valdez e seus comandados.

“Ele consentiu em atender aos pedidos de socorro contra indígenas que ameaçavam Pernambuco, Paraíba e Itamaracá, para não chegar de mãos abanando na Espanha”, diz Guilherme Lins. “A missão do Estreito de Magalhães fracassara totalmente e o almirante deveria mostrar



Ilustração: Tônio

■ A segunda fortificação construída na Paraíba foi o Mirante do Atalaia, localizado no alto de uma colina em Santa Rita que servia como oratório e observatório na defesa das terras no entorno do estuário, entre o Rio Paraíba e o mar

“Esses anos (...) serviram para eliminar uma dúvida: (...) estava errada a concepção de que seria a primeira povoação do estado

Guilherme D'Ávilla Lins

serviço ao rei Filipe II, de Espanha e Portugal, pois nessa época esses dois países passaram a fazer parte da União Ibérica”.

Nesse tempo, Brasil e Portugal estavam sob a efígie das águias bicéfalas, que unificaram os reinos de Portugal e Espanha durante 60 anos (1580-1640). Então, após várias tempestades que reduziram a frota original de 26 navios sob o comando de Valdez, uma se perdeu logo na saída e, as que chegaram aos costados da Paraíba, depois de passarem pela Bahia e serem consertadas, foram apenas seis. Mas Valdez, além de receber mais ajuda em dinheiro e homens através de Barreto Teles, ainda obteve permissão de recrutar mais soldados em Pernambuco.

No início, Valdez bateu logo o pé e não se submeteu à autoridade de Frutuoso Barbosa. Depois, construiu o Forte de São Felipe e São Tiago em local impróprio, mesmo contrariando o pare-

Marco

Forte Velho é a mais recente denominação do Forte de São Felipe e São Tiago, construído no estuário do Rio Paraíba entre 1583 e 1584

cer de uma junta militar. Não concedeu o título de alcaide (comandante do forte) a Frutuoso Barbosa. Deixou-o apenas com a responsabilidade de comandar seus 35 soldados portugueses, enquanto ele, Valdez, ficou com a chefia de 110 militares espanhóis. Daí por diante, os comandantes luso e espanhol não se entenderam mais. Na tropa de Valdez veio um capitão de infantaria, Francisco de Castejon, cuja conduta, como homem de coragem, deixou muito a desejar.

Na margem direita do Rio Paraíba, Valdez

ainda aprisionou e incendiou naus francesas, cujas tripulações contrabandeavam pau-brasil auxiliados pelos potiguaras. Conseguiu enforcar alguns piratas, enquanto outros debandaram para a Cupaoba. Antes, a armada que zarpou da Bahia, em socorro de Pernambuco, Paraíba e Itamaracá, era composta de nove navios, sendo sete espanhóis e dois portugueses. Dessa vez a sorte ainda não foi muito favorável: o tempo ruim fez a esquadra levar 20 dias no percurso entre Bahia e Pernambuco.

Nessa armada vinha o ouvidor-geral Martin Leitão, a quem Barreto Teles confiara a chefia da expedição, com poder de mando sobre os efetivos da Bahia e Pernambuco, responsabilizando-os por todas as providências para cumprir, também, a conquista da Paraíba. Em Pernambuco, Leitão acertou tudo com o capitão-mor Felipe de Moura, e lembrou-o do objetivo da sua missão.

Exército de índios, brancos e mamelucos

Leitão e Moura reuniram gente e armas, formando um razoável exército de mamelucos, índios e brancos. Leitão ficou em Pernambuco, mas Moura seguiu por terra à frente da expedição. Na frota que seguia para a Paraíba, estava embarcado Frutuoso Barbosa, já recuperado das perdas anteriores contra potiguaras e jurando que ainda governaria aquela terra indômita (a Paraíba).

No início da marcha com destino à Paraíba, Martin Leitão ficou em Igarassu e de lá regressou a Olinda. Uma parte da armada com Diogo Flores Valdez partiu em demanda da foz do Rio Paraíba, assimilando a ideia de que “o inimigo deveria ser atacado, simultaneamente, por mar e terra”. A armada chegou à embocadura do rio e subiu uma légua até encostar na Ilha da Restinga. Encontrou quatro naus francesas carregadas de pau-brasil (ibirapitanga). Essa guarnição pirata fugiu, mas foi ordenado incendiar seus barcos.

Após a queima dos navios, chega a expedição vinda por terra. Daí por diante, o historiador Horácio Almeida afirma que aumentaram as disputas entre espanhóis e portugueses. Diogo Valdez e Frutuoso se desentenderam quanto à localização do forte e, mais uma vez, não reconheceu a autoridade de Frutuoso. Fazendo valer seu ródio de general espanhol, Valdez exigiu que o forte, mais tarde chamado São Felipe e São Tiago, fosse feito ali mesmo, na margem do rio, onde até a água de beber era desagradável. A obra de taipa do forte durou um mês, com soldados, escravos e índios trabalhando pesadamente. Antes da construção ser concluída, Valdez concedeu o cargo de alcaide a Francisco de Castejon, seu lugar-tenente, a quem entregou 110 soldados, uma nau portuguesa e dois patachos.

Frutuoso protestou, reafirmando que ele era quem deveria ser o alcaide. Valdez negou-se a atendê-lo. Índios e franceses se aproveitavam dessa disputa e investiam cada vez mais eficientes contra a guarnição do forte.

No mês de maio, Valdez juntou parte de seus homens e se fez ao largo com destino a Espanha, mesmo com a obra do forte inacabada. Levava a notícia de falso herói, pois, por estas bandas do Atlântico, nada fizera de meritório. Concluído o forte, a tropa pernambucana deu umas batidas no mato e conseguiu matar muito gentio.

Numa tarde, os soldados descansavam em campo aberto quando foram surpreendidos por piratas franceses e índios potiguaras. Encurralado com os seus, Castejon organizou uma rápida fuga por terra, mandou incendiar o forte e afundar a artilharia no rio. Chegou a Olinda e Recife contando uma história que não convencia e acabou preso por ordem do ouvidor-geral. Foi mandado a ferros para a Espanha e não conseguiu mais se engajar em nenhuma expedição a serviço do rei. A esta altura, o forte já era ruínas dentro do mato. A conquista definitiva da Paraíba só aconteceria um ano mais tarde.

Rafael Correia de Oliveira

Contraditório e eclético que articulou planos na Revolução de 1930

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaju@gmail.com

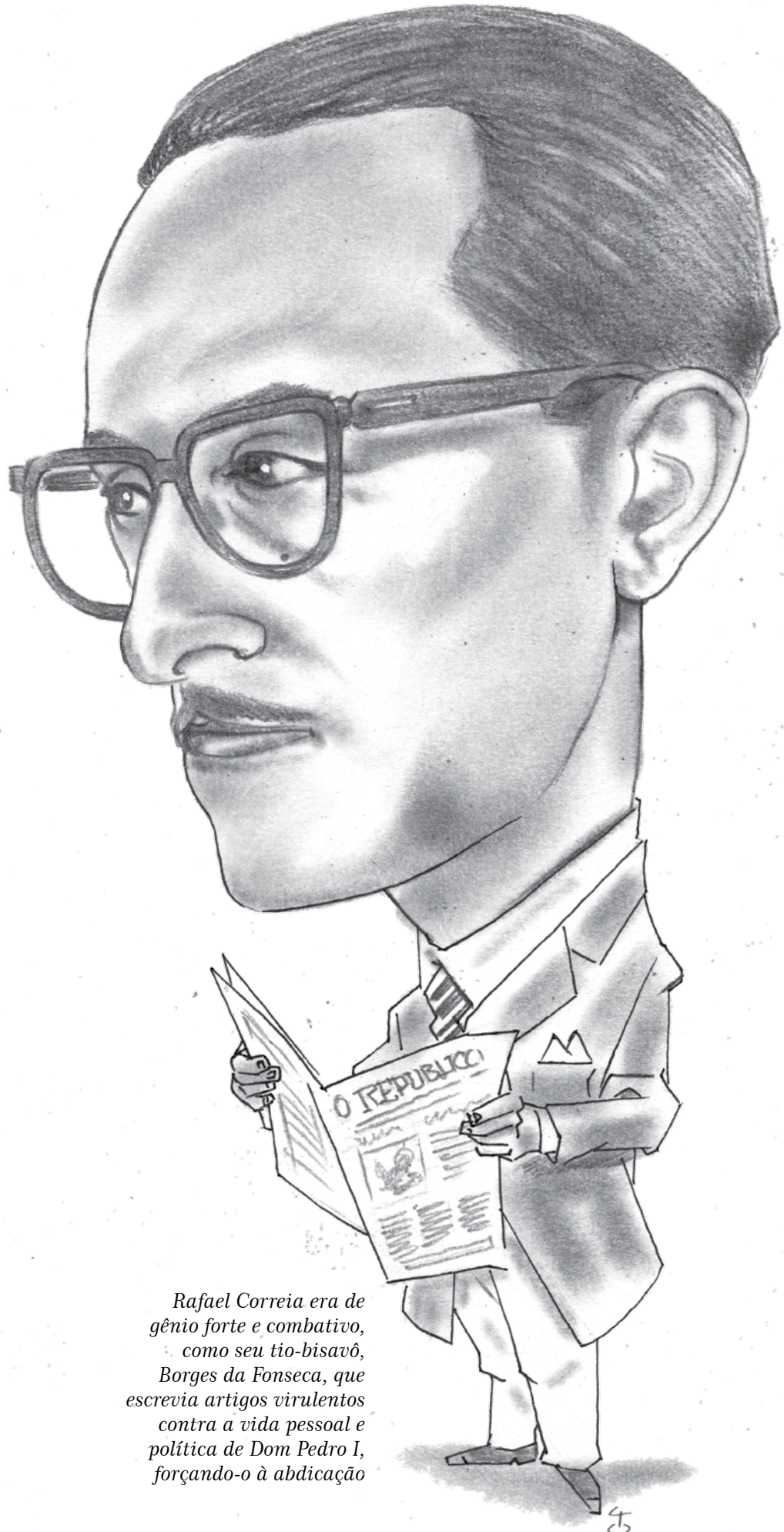
Rafael Correia de Oliveira foi professor e advogado, mas sua versatilidade profissional o levou a escolher a carreira jornalística que, embora partidária, deu-lhe fama e conceito de líder entre os correligionários. No jornal A Praça de Santos (SP), um dos muitos em que trabalhou, começou a atuar diretamente na conspiração que resultou na Revolução de 1930, apregoando ideias prontamente endossadas pela campanha da Aliança Liberal. Aos 32 anos, era considerado “um colunista sempre imitado, mas nunca igualado”.

Era pernambucano, mas por trabalhar em diversos jornais da então Cidade da Paraíba do Norte, tornou-se paraibano por adoção. Em João Pessoa, entre outros jornais, atuou como presidente do Correio da Manhã (1919-1922) e teve rápida passagem por A União como redator. Dizia-se que era um jornalista eclético e autoritário em termos de política e, às vezes, contraditório. Mesmo sendo amigo pessoal de Getúlio Vargas, criou estratégica articulação política contra seu governo.

Nasceu em Goiana (PE) no dia 20 de outubro de 1896, filho de Samuel Benvidio Correia de Oliveira e de Angelina Borges da Fonseca Oliveira. Seu avô paterno, o conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, foi deputado-geral, senador e ministro durante o Império, tendo presidido o Conselho de Ministros em 1888. Pelo lado materno, era sobrinho-bisneto do jornalista Antônio Borges da Fonseca. Rafael morreu no Rio de Janeiro em 4 de junho de 1958, aos 62 anos, em pleno exercício do mandato de deputado federal.

Era de gênio forte e combativo, como seu tio-bisavô, Borges da Fonseca, que escrevia artigos virulentos contra a vida pessoal e política de Dom Pedro I, forçando-o à abdicação. O jornal de Borges, O Republico – um dos 25 que fundou entre a Paraíba e o Rio de Janeiro –, não dava tréguas ao regime monárquico, embora, em certo período, ele tenha sido aliado de Dom Pedro I. O tio-bisavô materno de Rafael Correia de Oliveira foi o primeiro jornalista do Brasil a ser punido pela lei de imprensa e o segundo a possuir vários jornais.

Após concluir seus estudos preparatórios, durante os quais trabalhando como revisor do jornal Diário de Pernambuco, Rafael Correia matriculou-se em 1916 na Escola Superior de Agricultura de Tapera (PE), que abandonou para ingressar na Faculdade de Direito de Recife, pela qual viria mais tarde a se bacharelar em Ciências Jurídicas e Sociais.



Rafael Correia era de gênio forte e combativo, como seu tio-bisavô, Borges da Fonseca, que escrevia artigos virulentos contra a vida pessoal e política de Dom Pedro I, forçando-o à abdicação

angelicallucio@gmail.com

Angélica Lúcio

Rede de Jornalistas Internacionais tem ferramentas gratuitas para jornalistas

Tudo dia erramos, acertamos e aprendemos algo novo. Para errar menos e aprender mais, sempre estou em busca de conhecimento, que pode ser um curso ou apenas mais uma leitura sobre temas que me interessam. Esses dias, dei uma longa passeada pelo site da Rede de Jornalistas Internacionais (<https://ijn.net.org/pt-br>) e encontrei vários conteúdos instigantes, que podem gerar um calorzinho na alma de pessoas da minha faixa etária (sou quarenta +) ou das gerações mais novas.

Na seção Ferramentas de Jornalismo do IJNet, é possível encontrar orientações sobre roteiro visual, fundamentos da gravação de vídeo para notícias, dicas para ter em mente ao fazer um documentário, dicas de podcasting lo-fi, gravação básica com smartphone, como viralizar, qual a importância do áudio e como encontrar uma pauta, dentre outros.

Se seu foco for empreendedorismo em comunicação, também há opções, como: qualidades de empreendedores de sucesso; cinco maneiras de atrair e segurar o público; dicas de contabilidade para empreendedores de jornalismo; e sete desafios a superar ao iniciar uma startup. Sobre

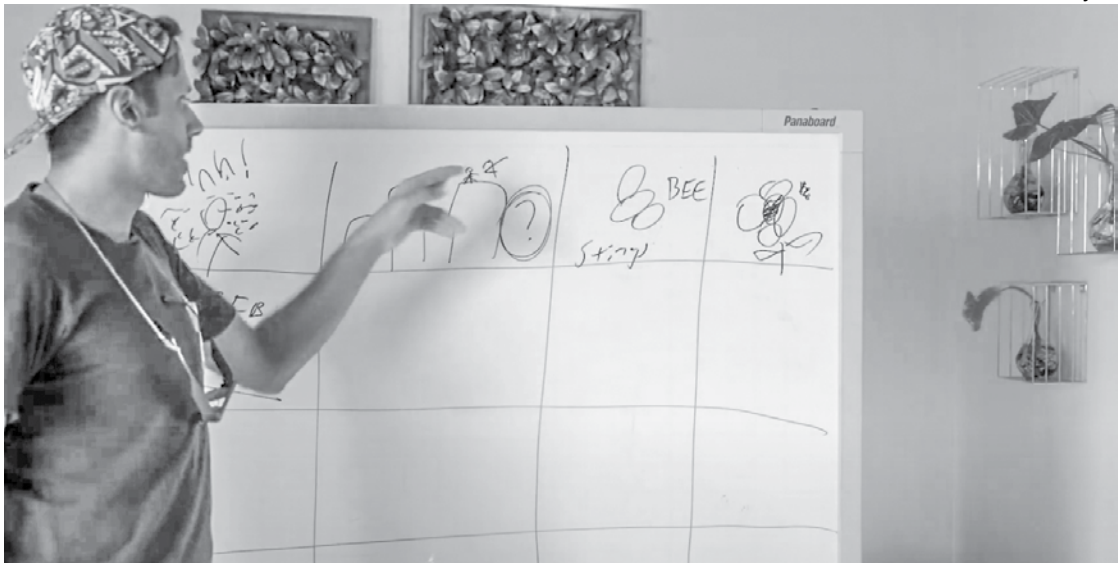


Foto: Site IJNet

jornalismo colaborativo, o site da Rede de Jornalistas Internacionais ainda aborda conteúdo referente a investigações em grande escala; chaves para colaboração entre meios locais e pequenos; por que ter um coordenador de projetos colaborativos; e checklist de jornalismo colaborativo.

Boa parte das ferramentas disponíveis no IJNet é apresentada em textos curtos. Ou seja, dá para ler rapidinho, quando estiver de boabeira por aí, e depois reler

com calma quanto estiver com mais tempo. No tópico que trata de como encontrar uma boa pauta, por exemplo, são apontados cinco recursos gratuitos e de fácil acesso que podem ajudar a alma mais perdida no mundo a encontrar bons temas.

Estão na lista de ideias para encontrar pautas o Google Trends; que mostra o que as pessoas estão buscando no Google; o Instagram, que pode ser fonte de ideias, personagens e muita, muita história inte-

ressante; os fóruns do Reddit, que facilita encontrar discussões sobre tópicos específicos; o Tweetdeck, que é útil para ver o que as pessoas estão falando sobre notícias quentes no noticiário; e o Facebook Live, que tem conteúdo de vídeo de pessoas do mundo todo e ajuda a ver quais tipos de vídeo outras pessoas estão publicando.

Essas e outras ferramentas, algumas básicas outras nem tanto assim, podem auxiliar muita gente que está no mercado. Às vezes, basta ler um texto sobre como tirar boas fotos com smartphone, para ter um click na mente e começar a produzir imagens melhores. Noutras vezes, só o fato de se deparar com um título, já mostra de cara que você precisa se atualizar. Foi o meu caso quando li “dicas de podcasting lo-fi”. Humm, acho que ainda não li nada sobre isso, pensei na hora.

Nos próximos dias, quando estarei de férias, vou mergulhar um pouco mais no IJNet. Sim, estarei de folga, mas ainda assim vou dar uma passeadinha por temas do jornalismo, uma hora aqui e outra ali, em livros, filmes séries e otascositasmas. Distante mesmo, ficarei desta página. Mas volto a ocupar este espaço da coluna no dia 7 de agosto. Até lá!

Repórter policial em Recife e diretor de jornal na Paraíba

Ainda universitário, tornou-se repórter policial do Diário de Pernambuco e ocupou, de 1917 a 1919, o cargo de diretor do Correio da Manhã (na atual João Pessoa). Em 1922, na gestão do governador do território do Acre Epaminondas Jácome (1920-1924), foi nomeado prefeito de Sena Madureira, cargo que ocupou até 1923.

Em junho de 1930, como emissário do grupo revolucionário, foi preso em Pernambuco, conseguindo, no entanto, fugir para a Paraíba. Depois da vitória do movimento revolucionário em outubro daquele ano, foi patenteado no posto de capitão e serviu como auxiliar do Governo Provisório do Norte, presidido por José Américo de Almeida, nomeado interventor na Paraíba e mais tarde ministro da Viação e Obras Públicas de Getúlio Vargas.

Em março de 1931, como membro da comissão civil da revolução, assinou o manifesto-programa da Legião Revolucionária, cujo principal redator foi Plínio Salgado, mais tarde fundador da Ação Integralista Brasileira (AIB). Esse documento, que defendia o intervencionismo do estado na economia e dava ênfase ao desenvolvimento econômico do país, à educação, ao fortalecimento do poder central e ao combate ao latifúndio e aos monopólios estrangeiros, foi criticado, entre outros, por Luís Carlos Prestes.

Em carta de Buenos Aires, onde se encontrava desde o fim da marcha da coluna que rece-

beu seu nome, Prestes acusou Osvaldo Aranha, Miguel Costa, Rafael Correia de Oliveira e outros “de organizarem as legiões revolucionárias e fazerem a mais descarada demagogia”.

Em março de 1932, em comissão com Maurício Goulart, levou ao interventor Pedro Toledo (1931-1932) o pedido de demissão de Miguel Costa do comando da Força Pública de São Paulo. Essa demissão significava o descenso do grupo tenentista e a solidificação dos tradicionais setores políticos paulistas que deflagrariam em seguida a Revolução Constitucionalista de 1932.

Ainda nesse ano foi nomeado para a Delegacia do Tesouro Nacional, em Londres. De 1933 a 1934 foi delegado comercial junto à Embaixada do Brasil em Lisboa, e, em seguida, adido comercial da mesma embaixada até 1935. Nesse ano passou a chefe do escritório comercial e, depois, a adido comercial do Brasil em Nova Iorque, cidade em que foi comissário adjunto da delegação brasileira à Feira Mundial de 1937.

Em 1938, após o advento do Estado Novo (10/11/1937), voltou ao Brasil, sendo designado no ano seguinte para servir na Seção de Estudos Econômicos do gabinete do ministro da Fazenda, Artur de Sousa Costa (1934-1945). Em maio de 1940 foi nomeado para a Delegacia do Tesouro Nacional em Nova Iorque, cargo do qual se demitiu em 1944.

Em dezembro de 1944, foi preso, juntamente

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A Bossa-Nova – Intérpretes, compositores/letristas e afins – Parte 5 – Maysa – final

Maysa foi mais uma voz a juntar-se ao estilo antes assumido por Nora Ney (‘Ninguém é de ninguém’, ‘Risque’, ‘De Cigarro em Cigarro’) e, um pouco mais adiante, por Sylvinha Telles e Dolores Duran, consagradas como “cantoras noturnas”.

Separada, Maysa manteve um romance fugaz com o compositor e produtor Ronaldo Bôscoli, conhecido “conquistador de estrelas” que, traindo e abandonando Nara Leão com quem planejava gravar um álbum de Bossa-Nova, conquistou aquela a quem transferiu a incumbência de gravar o LP ‘Barquinho’, lançado em 1961, disco mítico do novo movimento musical.

O sucesso do álbum fez alavancar o movimento da BN, tornando-se uma marca do estilo, recheado que estava de estrelas: Ronaldo Bôscoli e Roberto Menescal, idealizadores do projeto; Luizinho Eça, tecladista e criador dos arranjos para cordas; Bebeto, no contrabaixo; Hélio Milito, na bateria; e a estrela Maysa, uma das cantoras mais requisitadas na época. A título de curiosidade: Eça, Bebeto e Milito já formavam o celebrado Tamba Trio.

Aliás, Bôscoli, posteriormente, também se envolvia com Elis Regina, que se tornou outra desafeta de Maysa que, de certa vez, nossa biografada fez estampar esta manchete em revista especializada da época: “Essa moça é mau caráter”. As revistas da época, conhecendo o temperamento explosivo dela, junto às suas crises de depressão e solidão, costumavam provocá-la, causando-a de ser uma causadora de brigas, confusões, escândalos e até de tentativas de suicídio... Na realidade, isso acontecia não sem motivos, como ela



Foto: Reprodução

mesma afirma em diário e/ou poemas que nos deixou, que dizem bem de suas explosões temperamentais.

Desvenilhada do produtor Ronaldo Bôscoli, Maysa, “não mais que de repente”, teve um relacionamento com o produtor e empresário espanhol Miguel Azanza, indo residir em Madrid e expandindo sua carreira musical pela Europa, o que já havia feito pelas Américas. Levada pela intempestividade sentimental e afetiva, ainda viria a manter uma convivência amorosa passageira com o maestro Júlio Medaglia e, por último, com o conhecido ator midiático Carlos Alberto.

A complicada vida sentimental dela ainda lhe traria um novo elemento a incorporar-se no seu temperamento depressivo: com a morte do marido André Matarazzo, ela, ainda vivendo na Espanha, assumiu o papel de viúva e para lá levou o filho. Problemas com o novo companheiro que ocasionaram o fim do relacionamen-



Foto: Frente Integralista Nacional

com Virgílio de Melo Franco e Aduino Lúcio Cardoso, por participar da conspiração contra Vargas, sendo libertado nos primeiros dias de janeiro do ano seguinte. Ainda nesse mês, foi delegado do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, ao I Congresso Brasileiro de Escritores, promovido em São Paulo pela Associação Brasileira de Escritores.

Esse encontro reuniu intelectuais de várias tendências políticas, inclusive os comunistas, e divulgou uma declaração em favor da democracia e das liberdades públicas, que expressava contundente tomada de posição contra o Estado Novo.

Após a queda do Estado Novo, em 29 de outubro de 1945, retomou intensa atividade jornalística no jornal de Debates e, como comentarista político, no Diário de Notícias e em O Estado de São Paulo, de cuja sucursal no Rio de Janeiro tornou-se mais tarde diretor. Em julho de 1947, já no governo do general Eurico Dutra (1946-1951), denunciou em artigo de jornal que os magistrados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que haviam aprovado em maio anterior o cancelamento do registro do Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCB), tinham sido promovidos.

Plínio Salgado foi um escritor, jornalista, poeta, historiador, teólogo e político conservador brasileiro que fundou e liderou a Ação Integralista Brasileira, partido nacionalista católico de extrema-direita inspirado nos princípios do movimento fascista italiano

Em 1948, Rafael Correia de Oliveira integrou a comissão diretora do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional (CEDPEN), que moveu intensa campanha em defesa do monopólio estatal do petróleo. Tornou-se, em 1949, um dos vice-presidentes dessa entidade, quando ela foi definitivamente organizada.

Em outubro de 1954, elegeu-se deputado federal pela Paraíba na legenda da União Democrática Nacional (UDN), assumindo o mandato na Câmara dos Deputados em fevereiro de 1955. Desse ano ao seguinte, foi colaborador da revista Maquis, dirigida pelo jornalista Fidelis Amaral Neto, que desenvolvia agressiva campanha de oposição ao getulismo e a Juscelino Kubitschek. Nessa legislatura foi presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara.

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

posições suas e, afora alguns 78 rmps, entre LPs e Compactos simples/duplos, constam de sua discografia 36 álbuns (RGE, Premier, Columbia, CBS, Orfeon/Argentina, Barclay/ França, GTA/Itália, Copacabana, Movieplay, Philips, Odeon, EMI, Elenco, Mercury, Polygram, BMG/RCA, Universal, todos com composições por ela escolhidas, pois, conforme ela dizia, só gravava o que lhe conviesse e dentro do seu perfil vivencial). Se nos fosse possível, o cronista selecionaria, pelo menos alguns: a série ‘Convite para ouvir Maysa’ (três), o citado ‘Barquinho’, e ‘Ando só numa multidão de amores’, este último titulado por ela mesma e que diz bem de sua personalidade solitária.

A morte prematura ocorreu quando de regresso da casa do filho (Niterói) para o seu “recanto sagrado” (Maricá), viajando sozinha, sofreu um acidente com sua Brasília, na Ponte Rio/Niterói, mas, contrariamente a informes precipitados da imprensa da época, estava sóbria, conforme atestados post mortem. Ela nos deixou com apenas quarenta anos, sete meses e alguns dias, em 22 de janeiro de 1977. Numa última frase registrada no seu diário íntimo, ela escreveu: ‘Hoje é novembro de 1976. Sou viúva, tenho quarenta anos de idade e sou apenas uma mulher. O que será do meu futuro?’.

Era assim a vida de Maysa: de afetuosa a explosiva com os que a cercavam, ia facilmente de zero a mil ou, como se diz nos Estados Unidos, from ice to fire.

Devido ao hábito de subir ao palco e cantar sempre descalça, adquirida na Espanha, Maysa passou a ser cognominada pela imprensa de La Condessa Descalça.



Fotos: Divulgação



PRATO DO DIA

Pizza de liquidificador

Se bater aquela vontade de pizza, tranquilo! Dá para fazer em casa usando liquidificador. Fica uma delícia e você ainda economiza o dinheiro do delivery e muito mais coisas. Pois vou te ensinar uma pizza fácil!



Ingredientes para a massa:

- 1 xícara (chá) de Leite
- 1 ovo
- 1/2 colher (chá) de sal
- 1 colher (chá) de açúcar
- 1 colher (sopa) de manteiga
- 1 xícara (chá) de farinha de trigo
- 1/2 colher (chá) de fermento em pó

Ingredientes para o recheio:

- 1 colher (sopa) de azeite
- 1 cebola picada
- 2 tomates, sem sementes, picados
- 2 xícaras (chá) de frango cozido e desfiado
- 1/2 xícara (chá) de milho-verde
- 2 colheres de molho de tomate
- 1 pitada de pimenta-do-reino
- 1/2 meio pote de requeijão
- Orégano à vontade
- 1/2 xícara (chá) de polpa de tomate

Modo de preparo da massa:

- Em um liquidificador, bata todos os ingredientes até obter uma massa homogênea. Despeje a massa em uma forma redonda para pizza (30 cm de diâmetro) untada com manteiga e polvilhada com farinha de trigo e leve ao forno médio-alto (200°C), pré-aquecido, por cerca de 20 minutos.

Modo de preparo do recheio:

- Em uma panela, aqueça o azeite e refogue a cebola. Acrescente os tomates e refogue até murchar. Junte o frango, o milho-verde e a pimenta-do-reino. Cozinhe por cerca de cinco minutos. Misture o requeijão e o orégano. Espalhe a polpa de tomate sobre a massa pré-assada e distribua o recheio de frango reservado. Leve ao forno médio-alto (200°C), pré-aquecido, por cerca de 15 minutos para dourar.

PITADAS A GOSTO



No dia 20 de agosto, na Casa Roccia, teremos um festival de vinhos como jamais visto em nossa região: àvida. Junto com a Evino, criamos esse manifesto à vida, uma experiência como você nunca viu! Vem com a gente?

Descontração, ambiente leve e divertido, música, opções gastronômicas, produtos artesanais, muita prosa e os melhores vinhos

brasileiros. Assim é o Vinho na Vila, um evento para quem curte bons momentos degustando o que se produz de melhor no Brasil. Com um público bastante diversificado, a feira chega ao seu sétimo ano, retornando com força total após superar o período de restrição devido à pandemia.

O Vinho na Vila é um evento enogastronômico sem frescura: voltado para um público de todas as idades. O objetivo da feira é mostrar ao visitante que a diversidade e a qualidade do vinho brasileiro são tão ricas quanto a de qualquer outro país, e permite o consumo de diversas

formas e contextos.

Quer conhecer mais sobre vinhos, mas sente que o universo em volta disso é intimidador? É aqui que você vai encontrar acolhimento e diversão. Venha degustar diversos rótulos e ouvir nossos expositores falarem sobre seus produtos. Converse e compre direto do produtor, e faça uma pausa para degustar alguns petiscos ou pratos dos melhores restaurantes ou bares locais. E ainda temos atrações musicais e conversas interessantes para entreter e informar sobre o mundo do vinho.

As marcas são bastante famosas: @cantaloupebr e @evino.

Walter Ulysses

Chef de cozinha
| Colaborador

Brasil Mostra Brasil

A 26ª edição da Multifeira Brasil Mostra Brasil (BMB) está se encerrando hoje. Os portões do evento no Centro de Convenções da Paraíba foram abertos no dia 8 de julho e o espaço marcou a retomada dessa atração turística e econômica que já está marcada na vida de muitos paraibanos.

“Tínhamos a certeza de que ela seria um sucesso”, avalia a presidente da Associação Comercial da Paraíba, Melca Farias. Ela também preside a Associação de Mulheres de Negócios. “Estivemos lá apoiando e unidos dentro do setor produtivo”, ressalta.

Também presente ao evento, o presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API) Marcos Weric destacou a importância da BMB para a economia e agradeceu.

Enquanto diretor-geral da BMB, Wilson Martinez, lembra o quanto foram difíceis os dois últimos anos sem poder realizar a Multifeira Brasil Mostra Brasil e destaca a importância dessa retomada. “Voltamos com tudo, queríamos gerar emprego e renda, trazer oportunidades para o empreendedor fazer negócios, trazer lazer e diversão ao público”, pontua.

A Multifeira Brasil Mostra Brasil é considerada o maior evento multisetorial do Nordeste. Reúne expositores de produtos, serviços variados, dando oportunidade e visibilidade a microempreendedores como artesão, além da gama de vendas de gastronomia, mas também a empresa de grande porte. Em 10 dias, atraiu um público superior a cem mil visitantes na capital paraibana.

Imagem: Reprodução



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.